

## 4

## Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI

### 4.1

### Introdução

‘*Cidadania Digital*’: este o tema desta pesquisa. A primeira vez que nos deparamos com o termo foi através do título de um livro de divulgação dos trabalhos do CDI, o Comitê para a Democratização da Informática. Em adendo, como subtítulo, a formulação de sua proposta: “*Como o CDI utiliza a informática e a educação para promover a inclusão social e transformar vidas*”.

Desta forma, o termo ‘*Cidadania Digital*’ vinculava-se, explicitamente, a um processo de trabalho que tinha por estratégia, o uso da informática e por linha de ação, a educação complementar. Objetivava, a partir desta articulação, “*promover a inclusão social e transformar vidas*” – ou seja, combater as desigualdades.

A conjugação das duas palavras é extremamente instigante, remete-nos a desafios da contemporaneidade, ou seja, ao acesso democrático aos direitos civis, políticos e sociais, característicos à chamada cidadania plena; e à “*vida digital*” (Negroponte, 2006), que vem minimizando fronteiras entre o pensar e o agir, e estimulando novos agentes de mudança, lideranças sem mandato ou crachá, avalizadas pelo saber que disponibilizam nas redes e sua credibilidade. Paradoxalmente, também nos remete a um novo capitalismo, agora denominado “*informacionalismo*” (Castells, 2007), no qual circulam, virtual e globalmente, poder e finanças.

Por conseguinte, na “*e-topia da vida urbana*” (Mitchell, 2002), a *Cidadania Digital* remete-nos a um conjunto crescente de ações compartilhadas nas esferas públicas e privadas. No âmbito das sociedades brasileiras, um cotidiano digital presente nas vias cosmopolitas e periféricas - consoante com todo o planeta.

Sociologicamente, uma revolução - mas somente àqueles que a utilizam como expressão de sua cidadania. E os demais? Aqueles que estão passivamente alheios às transformações possíveis no uso crítico e consciente das TICs? Nesse sentido, como eliminar o fosso entre os incluídos e não-incluídos digitalmente mas, ao mesmo

tempo, também atacar a problemática da *'info-exclusão'* (Castells, 2004)? Como, na extensão das desigualdades brasileiras, enfrentar este problema na construção de resultados práticos e, ainda, comprometer a sociedade neste foco?

Se a Internet configura uma criação cultural (Castells, 2004), contínua e contemporânea, a conjugação das palavras *'cidadania'* e *'digital'* pode integrar o termo *'cidadania digital'* que, vinculado a uma pedagogia específica de educação complementar, promova em nossa sociedade a inclusão social através da inclusão digital e contribua para diminuir as desigualdades, ou seja, para *'transformar vidas'*.

Mas, seria isso possível?

No livro citado, de 2005, o CDI nos diz que sim. Através de uma proposta de pesquisa seguimos em busca das bases deste processo em entidades sem fins lucrativos, no Rio de Janeiro, que utilizavam o método de trabalho da ONG CDI.

Desta forma, esta pesquisa se propõe analisar criticamente o que o CDI apresenta como sendo seus métodos de inclusão digital para combater as desigualdades sociais, por nós entendido como um processo de promoção da *'Cidadania Digital'*.

Para tanto, contrastamos o que o CDI apresenta como método de trabalho com os testemunhos colhidos junto a coordenadores, educadores e educandos de quatro Escolas localizadas junto a entidades parceiras da ONG e por ela assistidas. O método de trabalho utilizado pelo CDI está contido no chamado *"PPP"*, ou seja, *"Proposta Político Pedagógica"*, inspirada no educador Paulo Freire. Trata-se, portanto, de buscar nos depoimentos obtidos elementos que confirmem, ou não, os resultados do método. Neste sentido, sistematizamos o trabalho de pesquisa da seguinte forma:

(a) A seleção das quatro Escolas para pesquisa de campo obedeceu (i) ao atual processo evolutivo para um modelo de sustentabilidade: uma Escola projeto-piloto voltada à nova proposta (*"CDI Comunidade"*); outra nos moldes conservadores (*"EIC-Escola de Informática e Cidadania"*); e duas em posições intermediárias. E ainda, (ii) ao critério de territorialidade, valorizando as diversidades socioeconômicas, pela escolha da Zona Norte (uma Escola em São Cristóvão), Zona Sul (uma Escola no Humaitá) e Zona Oeste (duas Escolas: uma em Jacarepaguá, na Colônia Juliano Moreira, com influência nas áreas comunitárias do entorno - Cidade de Deus,

Curicica, Taquara e Pechincha; e uma outra na comunidade Terreirão, no bairro do Recreio dos Bandeirantes), todas na cidade do Rio de Janeiro.

O processo de pesquisa de campo, além das visitas às Escolas, também englobou: (i) o comparecimento a evento promovido pelo CDI (*“Semana da Inclusão Digital”*); (ii) o comparecimento a evento externo organizado por empresas brasileiras de TI (*“Circuito de Informática e Tecnologia”*), do qual participou, como palestrante, o fundador do CDI, Rodrigo Baggio; e (iii) nossa ‘observação participante’ em treinamento de três semanas, promovido pelo CDI, para capacitação de novos educadores.

(b) As entrevistas foram estruturadas a partir dos seguintes temas: *‘Inclusão Digital’*, *‘Cidadania’* e *‘Desigualdades’*.

De junho a outubro de 2009, foram entrevistados, em cada uma das quatro Escolas selecionadas: *um coordenador, dois educadores; seis educandos* – ao menos, ou seja, encontramos uma Escola com dois coordenadores e outra com três educadores, e não abrimos mão de ouvi-los também.

De início, havíamos decidido entrevistar apenas três educandos, com o seguinte critério: um que já teria feito todos os cursos oferecidos na escola; outro que estaria em seu segundo curso; e um terceiro ainda concluindo o primeiro. A escolha dos entrevistados seria feita por seus educadores. Ao longo do tempo, verificamos que as escolhas recaíam, naturalmente, sobre os educandos mais aptos intelectualmente – o que era bom, mas nos excluía da média. Desta forma, passamos a solicitar que se apresentassem, aleatoriamente, mais três educandos que se dispusessem a colaborar com a nossa pesquisa.<sup>1</sup>

Sobre o método qualitativo aqui apresentado, é necessário dizer algumas palavras. Primeiramente, partimos do pressuposto que o conhecimento e as práticas do CDI poderiam ser percebidos a partir de um conjunto de entrevistas com portadores de determinadas identidades sociais, localizados em diferentes pontos da instituição aqui analisada. Necessário ressaltar que as entrevistas realizadas com os atores inseridos no processo de educação complementar promovido pelo CDI

---

<sup>1</sup> No conjunto, foram 47 horas gravadas de entrevistas, somente nas quatro Escolas, durante quatro meses.

expressaram, em suas visões subjetivas, as virtudes e os defeitos do método proposto. São visões que nos permitiram uma leitura crítica e compreensiva do presente projeto de inclusão social, a partir das quais foi possível compor um mosaico de informações e processos. Desta forma, as entrevistas realizadas nos levaram não às normas e regimentos do CDI, mas a visões carregadas de interesses e contradições que, juntamente com as identidades sociais e institucionais dos entrevistados, nos possibilitaram a análise do processo em questão.

Gostaríamos agora de especificar como apresentaremos o trabalho de pesquisa de campo. Neste sentido, dividimos o presente capítulo em duas partes, conforme se segue:

**Parte I** : Contém informações sobre a ONG CDI divididas em três tópicos: ‘*Histórico*’, ‘*Metodologia*’, e ‘*Realizações*’. Tais tópicos abordam os seguintes conteúdos:

#### **CDI: *Histórico***

Este tópico apresenta relatos sobre a emergência da ONG na década de 90 e também sobre seus objetivos, valores e políticas de ação a partir de uma visão própria, institucional. As informações aqui contidas foram colhidas através de bibliografia diversificada; de entrevista com a então diretora de Comunicação Institucional do CDI; e de uma palestra em evento público do fundador da organização, Rodrigo Baggio.

#### **CDI: *Metodologia***

A proposta deste tópico é compreender como se estrutura o trabalho operacional do CDI. Neste sentido, como se articula o “*PPP-Proposta Político Pedagógica*”, metodologia inspirada no educador Paulo Freire, através do “*Roteiro dos Cinco Passos*”, que se resume em:

- “*Ler o Mundo*”;
- “*Pesquisar os Dados*”;
- “*Planejar a Ação*”;
- “*Mobilizar para Agir*”; e
- “*Avaliar o Caminho Percorrido*”.

### **CDI: Realizações**

No sentido desta pesquisa, que propomos qualitativa,<sup>2</sup> reproduzimos alguns relatos considerados, do ponto de vista da organização, significativos do alcance dos propósitos do CDI.

São histórias de resultados, com alcance individual e coletivo, contadas por Rodrigo Baggio, fundador do CDI, durante uma palestra dada a uma plateia de empresários e profissionais ligados às Tecnologias de Informação e Comunicação na cidade do Rio de Janeiro, em 14 de agosto de 2009. Seleccionamos duas das histórias relatadas, pela singularidade dos agentes de transformação mencionados e por refletirem um público, em senso corrente, imune a *‘transformações de vida’*: **(a)** a história dos *Axaninka*, que vivem no Brasil, a 17 kms. da fronteira do Peru, que conta como sua tribo utilizou a informática em benefício próprio e do país, a partir de aprendizado e apoio do CDI; e **(b)** a história sobre um ex-presidiário da Penitenciária Lemos de Brito, no antigo Complexo da Frei Caneca, que nos relata como ele, após catorze anos de prisão, conheceu uma Escola do CDI e, a partir do processo de aprendizagem, elaborou sua transformação de vida: tornou-se educador em uma “EIC”, mais tarde, coordenador de uma “CDI Comunidade” e, posteriormente, *‘empreendedor social’*.

**Parte II:** Apresenta conteúdos dos levantamentos colhidos nas Escolas (“CDI Comunidade” e “EIC”), a partir das entrevistas dirigidas a coordenadores, educadores, educandos e alguns voluntários. Os conteúdos apresentados nesta segunda parte estão divididos em três tópicos: *Inclusão Digital*; *Cidadania*; e *Desigualdades*, dando voz àqueles que – em acordo ou discordantes – espelham, efetivamente, as práticas do CDI.

### **Escolas CDI: Inclusão Digital**

No tema *Inclusão Digital*, nos reportamos aos conteúdos relatados e aos verificados em salas de aula, que sinalizam *se as Escolas CDI estão, efetivamente,*

---

<sup>2</sup> A apuração de ordem quantitativa, nesta pesquisa, surge na expressão numérica significativa da expansão da organização no Brasil e no mundo, e no número geral de escolas e beneficiários do projeto, conforme o relato de seu fundador e conteúdos do *site* da ONG: <<http://www.cdi.org.br>> As Escolas visitadas não dispunham de dados sistematizados sobre o número de educandos que passaram por suas salas, e outros dados correlatos de sua produtividade, em geral, por carência de profissionais para esse trabalho administrativo, segundo depoimento de seus coordenadores.

*capacitando um educando, leigo, ao uso autônomo da informática.* Partimos dos pontos de vista de coordenadores, educadores e educandos – dos quais recortamos relatos significativos do conjunto, sem dispensar as colocações singulares, de caráter expressivo.

Em resumo, aqui investigamos: as condições materiais oferecidas para realização dos cursos e sua estrutura de funcionamento; os públicos atendidos; os cursos disponíveis; os conteúdos programáticos oferecidos; as condições de sustentabilidade da estrutura montada; e, naturalmente, os resultados alcançados.

### **Escolas CDI: *Cidadania***

Neste tópico, tratamos da abordagem prática do “PPP” – a “*Proposta Político Pedagógica*” do CDI – ou seja, da aplicação da metodologia propriamente dita. Escolhemos o título de ‘Cidadania’ e não o de ‘Inclusão Digital’ para organizar tais conteúdos, porque, na essência, estamos tratando do uso da informática para a construção e o exercício da cidadania. Trata-se de buscar nas falas de coordenadores, educadores e educandos de que forma se realiza, ou não, a proposta do “*Roteiro dos 5 Passos*”. E, ainda, qual o impacto deste processo na vida das pessoas. Também apresentamos, neste tópico, o enfoque das Escolas sobre o trabalho voluntário e sua utilização, a partir de algumas entrevistas com os assim chamados ‘voluntários’.

### **Escolas CDI: *Desigualdades***

Neste último tópico, buscamos através dos depoimentos de coordenadores, educadores e educandos, verificar se o objetivo proposto pelo CDI para as suas ações em 2005, ou seja, o de “*promover a inclusão social e transformar vidas*”, tem sido percebido na prática, por seus agentes e usuários, em benefício próprio e/ou de terceiros.

O título ‘*Desigualdades*’ foi então escolhido porque é essa a linha de pesquisa para a qual este trabalho está voltado: queremos saber se incluir digitalmente adultos, jovens e idosos tem significado abrir-lhes portas à inclusão social, tanto quanto, lhes estimulado saltos qualitativos - em algum grau significativo da transformação de suas vidas e/ou da transformação da vida da comunidade. Complementa-se o presente capítulo nas ‘*Conclusões*’, como último tópico.

## 4.2

### CDI: Histórico

A gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão, arte e tecnologia.

(Rodrigo Baggio, parodiando a música dos Titãs)

Antes de tornar-se a “*primeira ONG brasileira de inclusão digital*”, o CDI foi uma proposta de trabalho voluntário que se propunha a levar computadores a jovens pobres nas favelas, com uma ambição ainda mais inusitada para a época, 1993: criar espaços para que estes jovens discutissem suas realidades e solucionassem seus problemas pelo uso da tecnologia.

Através de uma plataforma, o BBS,<sup>3</sup> criou-se, uma rede social em que os jovens eram convidados à discussão sobre cidadania, meio ambiente e sexualidade. A mídia possibilitou, em janeiro de 94, espontaneamente, a ampla divulgação dessa proposta. Mas os seus usuários concentravam-se no asfalto - nas favelas não se tinha acesso a computadores.

Segundo o fundador do CDI, Rodrigo Baggio:

*A ideia era estabelecer uma ponte pra que jovens ricos e pobres debatessem seus temas, mas no início de 94, ao avaliar o perfil dos usuários do Jovemlink, prá minha grande decepção, percebi que só jovens mais favorecidos estavam se conectando.*

*E foi aí que eu fiz a grande pergunta óbvia da minha vida: por que os jovens pobres não estão se conectando? Porque eles não tinham acesso a computadores !<sup>4</sup>*

Na verdade, era um período privilegiado ao debate e à participação civil: ressurgia um Brasil democratizado, após a Constituinte Cidadã. E ainda emergia, com visibilidade, um Terceiro Setor que reunia, em um mesmo segmento econômico, organizações não governamentais, instituições filantrópicas, associações caritativas, institutos empresariais, fundações públicas e privadas etc. – todos em torno de uma

<sup>3</sup> Bulletin Board System (BBS): *software*, que permite a conexão, via telefone, a um sistema por meio do computador, tal como hoje se faz através da Internet . “Os BBSs eram usados por empresas que precisavam integrar seus funcionários externos. Com um computador e um telefone se conseguia enviar pedidos de vendas, relatórios e interagir com os dados da empresa, com custos relativamente baixos. Hoje em dia isso é simples com a Internet e o hipertexto nos documentos.” In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Consulta em 25 de abril de 2010.

<sup>4</sup> CDI – Comitê para a Democratização da Informática (org.) *Cidadania Digital*, novembro de 2005. Depoimento de Rodrigo Baggio, p. 25.

nova atitude social, mais colaborativa entre si e de resultados permanentes a longo prazo.

Nesta linha, o Estado, economicamente falido, estimulava a sociedade civil a atuar na busca de soluções, tradicionais e/ou alternativas, à exclusão social.

Foi também a época das grandes campanhas do sociólogo Hebert de Souza, o Betinho: “*Ação da cidadania - pela vida, contra a miséria e a fome*”, que sensibilizaram as classes médias brasileiras, que participavam dos comitês ativamente, arrecadando comida para distribuição aos pobres, em especial, à época das Festas de Natal.<sup>5</sup>

Em seus primórdios, ainda um movimento de poucos voluntários, o CDI também percebeu que deveria estender para além da rede social *Jovemlink*, ou seja, à sociedade como um todo, sua proposta de levar tecnologia às comunidades de baixa renda. E lançou, ainda em 94, pela mesma BBS, uma campanha pioneira para doação de computadores: a “*Informática para Todos*”.

Uma decepção inicial marcaria a campanha: um promissor ‘caminhão de computadores’, doado por uma empresa fluminense, era “*puro lixo tecnológico*”:

*A empresa havia doado coisas que não prestavam, mas o problema não nos desanimou, pelo contrário. Fez surgir uma outra ideia interessante: a de chamar jovens da favela pra aprenderem a fazer manutenção de computadores. Foi a primeira vez que eu vi os olhos de jovens pobres brilharem na frente de um computador. Prá mim, isso também, foi um marco muito importante.*<sup>6</sup>

Nascia, por conseguinte, a primeira campanha de reciclagem tecnológica da América Latina. E voluntários, agora em número cada vez maior, aderiam à proposta do CDI:

*A gente viveu um tempo meio como cigano. Mas as ONGs nos acolheram muito bem. O Betinho teve até uma grande importância no começo do nosso trabalho, foi um grande divulgador. Ele acreditava, de fato, que nós poderíamos realizar a inclusão digital.*

<sup>5</sup> O sociólogo Hebert José de Souza, o Betinho, lança em todo o país, em 1993, os comitês da “*Ação da Cidadania*”, popularizada como “*Campanha Contra a Fome*”, ou, como ficou mais conhecida, “*Campanha do Betinho*”. Um ano depois, lança a campanha “*Natal Sem Fome*” que arrecada, no primeiro ano, 600 toneladas de alimentos.

<sup>6</sup> CDI . *Cidadania Digital*, 2005. Depoimento de Baggio, 2005, p. 25.



*Eu comecei como voluntário e fazia de tudo: não havia departamentos nem funções definidas naquela época.*<sup>7</sup>

Não se falava, no Brasil de 94, em exclusão digital. E poucos acreditavam na cultura da tecnologia como proposta de inclusão social para jovens de baixa renda:

*Na verdade, a gente começou a perceber que nas cidades grandes e médias as pessoas não morrem de fome, morrem da falta de oportunidade, e isso é que as leva à criminalidade, à violência, ao tráfico e à morte.*<sup>8</sup>

Inaugurava-se, um ano depois, como consequência da bem sucedida experiência de reciclagem de computadores, a primeira “EIC - Escola de Informática e Cidadania”, no Morro Dona Marta – localização de uma das favelas, à época, das mais violentas do Rio:

*Aí, da reciclagem, veio a ideia: vamos criar uma escola de informática e cidadania aqui na favela Santa Marta. E aí, entusiasmado com essa ideia, comecei a contatar muita gente.*

*Mas meus pais, amigos, empresários, todos diziam que eu estava louco que os pobres não iam saber usar computador: ‘pobre precisa de comida e não de tecnologia’. E eu gostava de dizer para essas pessoas que a gente não quer só comida – a gente quer comida, diversão, arte e tecnologia. Uma abordagem bem mais sistêmica...*

*E foi aí então que uma empresa adorou a ideia (a C&A Modas, pioneira em voluntariado no Brasil) e resolveu nos doar cinco computadores maravilhosos: eram cinco 386 com monitor âmbar, uma placa de fax moden de 2 e 400 - então, com essa doação, a gente ia poder fazer milagres...*

*E, aí, comecei a subir a favela para escolher um grupo de 10 jovens para serem educadores de informática e cidadania. E eu ia 3 vezes por semana. Só quando tinha tiroteio é que me ligavam: ‘Rodrigo, pintou sujeira, não sobe hoje o morro...’*

*Ver os jovens do tráfico com arma, fuzil, na época AR-15, tênis Nike, boné da moda, bermuda Company... E os outros jovens querendo o status desses jovens...? Pra mim foi incrível, um choque de realidade.*

*Em março de 95, então, resolvemos inaugurar essa Escola de Informática e Cidadania.*<sup>9</sup>

<sup>7</sup> CDI. *Cidadania Digital*, 2005. Depoimento de Eurico Marchon Neto, fundador do CDI Rio de Janeiro, p. 30. O sociólogo Betinho auxiliou a campanha “Computadores para Todos”, armazenando as doações na ONG que dirigia, à época, IBASE, no bairro de Botafogo, o mesmo do Morro Dona Marta, no Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Ibid., p. 27. Depoimento de Baggio.

A mídia, que desde da ECO-92, acostumara-se a cobrir com efusividade campanhas e projetos sociais originados a partir de organizações da sociedade civil, garantiu uma inesperada divulgação ao evento de inauguração da primeira escola do CDI, na favela Santa Marta, Zona Sul do Rio de Janeiro.

*Convidamos líderes da comunidade para celebrar a inauguração dessa Escola de Informática e Cidadania. Só que até hoje, eu não sei como, apareceram 11 jornais, 7 emissoras de televisão, 3 rádios e 2 revistas. As pessoas começaram a falar a respeito. A TV Globo deu prá gente de presente uma campanha e botou de surpresa na televisão, com o telefone da minha casa!*

*Então, 3 da manhã, 2 da manhã, 5 da manhã, chovia gente ligando... Então eu fiz uma seleção e convidei algumas pessoas para uma reunião, no final de março de 95. E apareceram mais de 70 pessoas.*

*Aí eu pensei: 70 pessoas? Cara, a gente não precisa de 70 pessoas para ajudar em uma Escola... Segundo pensamento imediato: vamos criar 5 Escolas no Rio de Janeiro? Em 5 outras comunidades?'*

*E aí, nesse dia, nós criamos o CDI como a 1ª ONG na área de inclusão digital, na América Latina.*

*A ideia do CDI é usar a tecnologia como uma ferramenta cidadã. Para transformar vidas e desenvolver comunidades de baixa renda.*<sup>10</sup>

A proposta das Escolas modelo “EIC”, de utilizar as TICs, Tecnologias de Informação e Comunicação, como ferramentas para que o grupo social usuário refletisse sobre sua realidade, já era algo inusitado em 95. Mais ainda, em sua utopia maior, das Escolas CDI “se tornarem centros difusores de uma cultura digital e de transformação social, ligadas a entidades enraizadas nas suas comunidades.”<sup>11</sup>

Em uma fase subsequente, o apoio financeiro e material, de agências internacionais e organizações não governamentais, foi fundamental à expansão das Escolas do CDI, às quais propunha-se um crescimento sem fronteiras, dentro e fora do Brasil.

<sup>9</sup> Rodrigo Baggio deu este depoimento, que gravamos, em uma palestra no CIT – *Circuito de Informática e Tecnologia*, evento ocorrido no Rio de Janeiro, na Marina da Glória, em 29 de agosto de 2009.

<sup>10</sup> Baggio CIT – *Circuito de Informática e Tecnologia*, 2009 (cont.).

<sup>11</sup> CDI-Comitê para a Democratização da Informática (org.): *Cdi-dez anos de conquistas sociais*, 2004.

Desta forma, no ano seguinte, 1996, a ONG Ashoka, de estímulo ao empreendedorismo social,<sup>12</sup> elege Baggio seu *fellow*, apoiando o CDI financeiramente para expansão do projeto social nos três anos subsequentes:

*Rodrigo Baggio tinha uma ideia poderosa e o comprometimento, igualmente poderoso, de usá-la para acabar com o abismo digital no Brasil e no mundo.*<sup>13</sup>

Em 1999, o CDI começou a atuar fora do país: no Japão foi organizado o primeiro CDI externo. Vieram, em seguida, México, Colômbia, Uruguai e Chile.

Uma fase mais recente, iniciada em 2000, apontava para exigências de profissionalização da ONG e, por conseguinte, de sua estruturação em formato de rede - a Rede CDI:

*Em 1999, a Ashoka me convidou pra fazer um tour de captação de recursos nos Estados Unidos. Foi a primeira vez que eu fui pros Estados Unidos com esse olhar de terceiro setor, pra conversar com pessoas que já faziam isso há muito tempo. A Ashoka me apresentou ao presidente da Fundação Global Partnership, que nos doou cerca de 97 mil dólares, uma verba que nos possibilitou triplicar os nossos funcionários e, assim, completar o nosso processo de profissionalização.*

“*Um CDI Rio de Janeiro, separado do CDI Matriz*” – esse, o eixo central da reestruturação promovida por uma empresa especializada em consultoria de gestão e integração de sistemas, a Accenture Consultoria. Com seu apoio, reestruturou-se a organização no sentido de “*elaborar formas de administrar as relações entre a Escola de Informática e Cidadania e o CDI Regional e o CDI Matriz e por aí vai.*”<sup>14</sup>

O passo seguinte seria trabalhar a prática pedagógica, que se baseava, até então, na transmissão verbal do conhecimento.

*Resolvemos contratar, então, para nos ajudar nesse trabalho, o Núcleo de Informática Aplicado à Educação, da Unicamp.*

<sup>12</sup> O conceito de ‘*Empreendedorismo Social*’ foi criado por William Drayton que fundou, em 1980, a ONG Ashoka, norte-americana. Site: <<http://www.ashoka.org.br>>. De acordo com esta fonte, o conceito está ligado “à existência de indivíduos que combinam pragmatismo, compromisso com resultados e visão de futuro para realizar profundas transformações sociais.” O ‘empreendedor social’, desta forma, “*acelera o processo de mudanças e inspira outros atores a se engajarem em torno de uma causa comum*”.

<sup>13</sup> CDI. *Cidadania Digital*. 2005, p. 12. Depoimento de Drayton, presidente da Fundação Ashoka Empreendedores Sociais.

<sup>14</sup> Ibid., p. 37. BAGGIO, id.

O ano de 2000, também marca o início da organização de uma rede de apoiadores e parceiros que, desde então, tem alavancado iniciativas e projetos promovidos pela ONG.

*O amadurecimento da rede CDI nos levou a perceber que os projetos da área de captação de recursos também precisavam ser aprimorados. Hoje a gente negocia projetos que vão impactar cinco, seis, dez CDIs Regionais ou Internacionais.*

O CDI organiza, dois anos depois, o Conselho do CDI Matriz “*formado por empreendedores de sucesso, pessoas bem relacionadas na sociedade que, por mérito próprio, criaram ou desenvolveram empresas.*”

Portanto, na construção de sua identidade, o CDI é resultado de três processos que articulavam desafios nacionais:

(a) a introdução das TICs, Tecnologias de Informação e Comunicação, em um quadro nacional de desigualdades enraizadas, neste sentido tendentes a aprofundarem-se;

(b) a exclusão social dos jovens das periferias, crescendo em meio à violência em uma economia recessiva e inflacionária, como a brasileira dos anos 90; e

(c) a emergência da sociedade civil organizada, pós-*Constituinte Cidadã*, promovendo, nos espaços vazios de um Estado falido, alterações no cenário social.

Os últimos movimentos da organização tem sido marcados pela perspectiva de aprimoramento operacional da Rede, no que se tem denominado de “*CDI 2.0*” em alusão a atual interconectividade da Internet.

*O CDI completa 14 anos esse ano [2009] e ele está em um momento de reinvenção. Reinvenção das suas ações, das suas modalidades.*

*O CDI está presente em 753 Escolas de Informática e Cidadania, que hoje a gente está chamando CDI Comunidade.*

*Está presente em 10 países, sendo que atuando efetivamente como CDI Comunidade em 8 países da América Latina, incluindo Brasil, e também temos escritórios em Nova York e em Londres, que é para ‘fund raising’: para divulgação da marca e captação de recursos.*<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Entrevista com Rosângela Cabral, coordenadora de Desenvolvimento Institucional e Comunicação do CDI, em 25 de março de 2009.

A base de reinvenção do CDI ainda apoia-se, fortemente, em sua proposta político pedagógica (“PPP”) inspirada em Paulo Freire e também em quatro eixos, vistos como de grande importância nessa retomada metodológica: o *‘Educando e Agindo’*, o *‘Mergulho na Comunidade’*, o *‘Formar Escolas’*, e ainda, o *‘Referência na Comunidade’*.

O *‘Educando e Agindo’* refere-se à apropriação das TICs pelo usuário, nas Escolas CDI, no sentido de conhecer a realidade da sua comunidade e usar a interconectividade da Internet em proveito próprio e da coletividade. A ideia do *‘Mergulho na Comunidade’* baseia-se nas idas *in loco*, dos educandos, para ver e registrar o que será objeto, posteriormente, de reflexões e ações do grupo. O *‘Formar Escolas’* prende-se ao propósito de contínua expansão das Escolas, para uma ampla Rede CDI de atuação; e a *‘Referência na Comunidade’*, atua na perspectiva da Escola modelo “CDI Comunidade” tornar-se parte integrante da comunidade em que se situa, nesse sentido, um espaço de empreendedorismo e criatividade, reconhecido e utilizado por todos.

Como foi ainda ressaltado pela colaboradora do CDI:

*Esses são os pilares que nos ajudam e nos inspiram através da política pedagógica.*

Essa ‘reinvenção’ partiu da percepção que o CDI, no seu campo de atuação, através das Escolas de Informática e Cidadania, já estava se fazendo presente dentro da comunidade - e cada vez mais fortemente. Neste sentido, para ficar em sinergia com o CDI Matriz - que em sua centralidade apoia e orienta os CDIs Regionais - entendeu-se que o mais lógico seria chamar as Escolas de “CDI Comunidade”, ou seja, “a presença do CDI lá na ponta”.<sup>16</sup>

No modelo “CDI Comunidade”, a proposta é manter a política pedagógica freiriana, mas traduzir esse espaço como de fomento ao empreendedorismo e às inovações, onde as pessoas da comunidade não só aprendam a informática e se insiram no mundo digital mas, principalmente, considerem a inclusão digital como um meio para “transformar as suas vidas” – conforme afirma a entrevistada:

---

<sup>16</sup> Rosângela Cabral, 2009, entrevista (cont.).

*A grande missão do CDI é propiciar que essas pessoas transformem suas vidas, no âmbito individual e coletivo, então a gente diz que o ‘agente de transformação’ é o grande produto que nós temos no CDI.*

Baggio, fundador do CDI, apresenta o “*CDI Comunidade*” como um “*empreendimento social*”, vinculando seu processo de gestão, baseado na autonomia e na sustentabilidade das ações, à perspectiva de criação de uma ‘*Cultura da Transformação*’, que se expanda da Rede CDI às instituições parceiras e delas às comunidades.

*Entendemos que o melhor parceiro para o CDI é aquele que tem garra, entusiasmo, comprometimento com a transformação daquela realidade, e criamos então um empreendimento social, o CDI Comunidade, ele é autosustentável, ele é autogerido, ele tem como objetivo, na nossa proposta pedagógica, formar agentes de transformação.*

*O CDI não é só ensinar tecnologia para pessoas de baixa renda.*<sup>17</sup>

Na nova ótica de trabalho do CDI, as Escolas modelo “*CDI Comunidade*” são espaços em que se capacita para a inclusão digital, mas também em que se apresenta relevante a disponibilização de serviços para fomento à geração de trabalho e renda, assim como, o estímulo ao empreendedorismo e às iniciativas de fomento à cidadania, na comunidade.

Em um olhar interno para as ações da Rede CDI percebeu-se, em 2008, que as Escolas, nas comunidades, já estavam implementando, para além do curso básico de informática, outros cursos derivados de interesse local. Cursos de elaboração de *blogs*, por exemplo, ou de vídeo e áudio eletrônicos; ou ainda *design gráfico* com uso da informática; e oficinas de conserto e manutenção de computadores – aprendizados que poderiam levar a novos empreendimentos e fontes de renda. E também prestando pequenos serviços aos que, não dispondo de acesso ao computador, necessitavam comunicar-se com órgãos públicos, elaborar currículos ou ainda pesquisar conteúdos escolares.

*O ano passado [2008] foi um ano de estudos mesmo, de olhar para a Rede e perceber o que a grande Rede CDI está fazendo.*

---

<sup>17</sup> Rodrigo Baggio: palestra no CTI, agosto de 2009.

Eram, portanto, iniciativas já desenvolvidas em algumas Escolas, mas ainda não sistematizadas pelo CDI. Por iniciativa da Rede CDI, formaram-se grupos de estudos, lideranças nacionais e internacionais, que concentraram-se nesse trabalho de reinvenção a partir de tudo que se oferecia, até então, nas Escolas. Nesta linha de trabalho, percebeu-se que as comunidades já fomentavam não só iniciativas de novos cursos, mas também de novos serviços. E foi feito “*um estudo profundo*” deste cenário.

Dentro da lógica do “CDI Comunidade”, percebeu-se também a necessidade de uma gestão mais efetiva das Escolas. Nesse sentido, novos cursos disponibilizados exigiriam, por conseguinte, novas capacitações para o coordenador do espaço e sua equipe de educadores, com o propósito das Escolas tornarem-se autogeridas e autosustentáveis.

Conforme nos foi explicitado pela mesma colaboradora do CDI:

*Planos de negócios e planos de comunicação. Dentro da sustentabilidade, através de diversos eixos: não só o administrativo, mas também o eixo da visibilidade, que isso fortalece o espaço; e o eixo financeiro, por um plano de negócios.*

*Mini negócios sociais surgem a partir dessas iniciativas. Por isso a gente diz que é o CDI se reinventando!*

A ideia do “CDI Comunidade” foi construída na lógica de que a comunidade é capaz de se autodesenvolver dentro de um espaço fomentado pelo CDI e utilizando-se das TICs como um meio para o alcance de sua sustentabilidade.

Uma proposta posta em prática, ainda em evolução:

*Já existem ‘Escolas-Piloto’, quer dizer, atuando na perspectiva da amostragem, em toda a Rede CDI, em um universo de 10%, mais ou menos, de cada Regional, no intuito de se implantar o CDI Comunidade.<sup>18</sup>*

No planejamento para alcance da meta “CDI Comunidade”, foram identificadas as Escolas que, inicialmente, já apresentavam uma gestão estruturada para captação de recursos, entre outros fatores voltados à sustentabilidade, com vistas ao fortalecimento e à expansão de suas atividades.

---

<sup>18</sup> Rosângela Cabral, 2009, entrevista (cont.).

O CDI considera o cenário econômico favorável à sustentabilidade do Terceiro Setor, no sentido de que as empresas estão buscando oportunidades de investimento social, seja através de leis de incentivos, ao esporte ou à cultura, ou na parceria de projetos de inclusão digital, através de seus institutos e fundações.

Segundo nos foi relatado pela colaboradora do CDI:

*O CDI se apresenta muito como um braço social dessas organizações [empresas]. O CDI está tão maduro nesse momento, que ele já consegue ser visto como uma organização que pode dar consultoria na área de responsabilidade social. A gente tem tido essa demanda, que vem do setor privado e até do setor público.*

Na ótica da sustentabilidade, o CDI tem disponibilizado seu *expertise* em projetos de inclusão digital para empresas que desejam atuar, mediante investimento social privado, na área da ‘responsabilidade social corporativa’. Ainda segundo o que nos foi relatado:

*O custo do projeto não gera benefícios lucrativos [ao CDI], mas o custo é do investimento social.*

O Regional RJ está ‘pilotando’ o “CDI Comunidade” e implantando sua operacionalização, respeitadas as singularidades locais, nas seguintes bases: seleção e capacitação da equipe de gestão; apoio à elaboração de um plano de gestão para a Escola; e providências práticas para fortalecer o “CDI Comunidade” a partir dos agentes locais, da oferta de novos cursos e serviços à comunidade.

Está prevista, também, a formação de um ‘Conselho Consultivo’ para apoio aos gestores, em cada uma das Escolas “CDI Comunidade”. Nesse sentido, pretende-se que o alcance da autosustentabilidade se faça a partir de uma estrutura local que, reservadas as diferenças, replique o atual modelo de funcionamento da Rede CDI: *conectividade e ação sistematizada*.

Segundo a profissional entrevistada: “O CDI aprende com a própria Rede em movimento”.



### 4.3

#### CDI: Metodologia

Não são as técnicas, mas sim, a conjugação de homens e instrumentos que transformam uma sociedade.

(Gestora do CDI, citando Paulo Freire, na capacitação de educadores)

A proposta deste item é especificar como se estrutura o trabalho operacional do CDI. Isto no sentido de compreender de que forma a organização se alicerça para afirmar que *“tem bases teóricas que vão além da inclusão digital pura e simples”*.<sup>19</sup>

Neste sentido, prevalece a visão de que estimular pessoas a agir com discernimento e senso crítico em suas ações cotidianas, seja no trabalho, junto à família, enfim, na vida em sociedade, contribui para o seu bem estar e o da comunidade em que vivem. Se o conhecimento da informática, o uso das TICs, apresenta-se fundamental, como exigência de inclusão socioeconômica em um mundo digital, no foco da organização são também instrumentos poderosos para a construção e o exercício da cidadania.

A proposta do CDI é, desta forma, a de levar às comunidades de baixa renda capacitação no uso das TICs, mas a partir de uma ‘Proposta Político Pedagógica’ (ou “PPP”) inspirada no educador Paulo Freire,<sup>20</sup> que possibilite aos educandos utilizá-las como ferramentas em prol do conhecimento e da transformação de suas vidas e da realidade local das comunidades.

*Na essência da nossa proposta político pedagógica [inspirada em Paulo Freire], desejamos desenvolver 4 eixos do nosso trabalho de Inclusão Digital.*

<sup>19</sup> CDI - Regionais São Paulo e Vale do Paraíba. *CID - Cadernos de Inclusão Digital Práticas e Vivências*. Bandeirante Energia, 2008.

<sup>20</sup> Os conteúdos pedagógicos desenvolvidos pelo educador Paulo Freire na obra *Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa* (FREIRE, 1996) tem sido elementos de inspiração à prática metodológica promovida pelo CDI em suas Escolas, conforme pode ser visto no vídeo postado em <<http://www.cdi.org.br/video/pedagogia-da-autonomia>>. O acesso gratuito à obra citada está disponível em <[http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia\\_da\\_autonomia\\_-\\_paulofreire.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf)>. No *CID - Cadernos de Inclusão Digital Práticas e Vivências* (2008), encontramos o artigo “Paulo Freire: inspiração para educadores” que informa: “A proposta do educador de focar na formação de um sujeito crítico, consciente e capaz de transformar sua realidade norteia os passos da organização. Assim como Freire, o CDI acredita que a educação não pode ser neutra porque por trás de toda a ação, seja na escolha de um parceiro ou na metodologia de um trabalho, sempre existe uma intenção.”

*É um processo vivo que contribui para a equipe da Escola e educandos se envolverem em reflexões, questionamentos, práticas, experiências e ações.*<sup>21</sup>

Os quatro eixos citados referem-se à perspectiva traçada pelo CDI de **(a)** mergulhar na realidade do educando e da sua comunidade; **(b)** tornar-se referência na comunidade; **(c)** formar redes; e **(d)** formar agentes de mudança.

Em termos práticos, esses quatro eixos significam a implantação de uma metodologia de inclusão digital a ser aplicada nas Escolas CDI, seja “EIC” ou “CDI Comunidade”, baseada em um “*Roteiro dos Cinco Passos*”, conforme se segue.

● **Passo 1 – Ler o Mundo:** educadores e educandos, ao longo das oito primeiras aulas, em média, usam as TICs para conhecer melhor a proposta do trabalho e a comunidade na qual vivem. Isso significa, para o grupo, compartilhar sua trajetória e propostas de trabalho; conhecer melhor a Rede CDI (missão, visão estratégica; valores; instituições parceiras etc.); conhecer as tecnologias a serem usadas como ferramentas de comunicação, pesquisa, registro, geração de renda e diversão, assim como, pesquisar sobre a realidade da comunidade em que a Escola está inserida.

Ao longo do processo, são estimulados a tirar fotos, desenhar, construir a linha do tempo de sua vida etc. - usando programas de edição de imagens e outros recursos tecnológicos. Dessa forma, os educandos conseguem ampliar as discussões de como eles enxergam o mundo, ao mesmo tempo em que dão os primeiros passos na informática.

O resultado deste processo, espera-se, seja a criação de um ‘*Mapa de Talentos e Necessidades da Comunidade*’.

● **Passo 2 – Pesquisar os Dados:** significa conhecer melhor algumas das situações de realidade levantadas através do *Mapa*, cujo ponto alto será quando educadores e educandos forem juntos à comunidade para uma observação *in loco*. Este momento é conhecido nas Escolas CDI por ‘*Mergulho na Comunidade*’.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Gestora do CDI, em palestra a novos educadores, durante encontro de capacitação *CDI 2.0*, em outubro de 2009. Todos os conteúdos discriminados neste item 4.3, referentes à metodologia das Escolas CDI, foram registrados ao longo desta capacitação, na voz das gestoras presentes. Foram 30 horas, divididas em 6 encontros presenciais, nos quais tivemos uma observação participante. Também ocorreram encontros virtuais em rede do grupo - mas destes, não compartilhamos.

<sup>22</sup> Veremos em seguida, ao longo dos depoimentos de coordenadores e educadores que o “*Mergulho à Comunidade*” é uma parte da metodologia bastante polêmica. Das quatro Escolas visitadas, apenas

Antes, será necessário focar um tema e pesquisá-lo, o que pode ser feito através de diferentes fontes, mas principalmente através da Internet, em sala de aula. Este tema será objeto de reflexão e discussão pela turma, considerando o maior número possível de indagações (por exemplo: “*esse tema, se existe na comunidade, é apenas nela?; alguma coisa já foi feita?; alguma instituição já tentou mobilizar alguma ação?; o que podemos fazer?*” etc.).

O resultado esperado deste passo é a escolha de uma ação para desenvolver em prol da comunidade.

Essencial, segundo o CDI, será o ‘*Mergulho na Comunidade*’ para o conhecimento *in loco* e o registro do que foi discutido. E também para entrevistar as pessoas da comunidade sobre a problemática, sempre no propósito de conhecer melhor a situação.<sup>23</sup> Câmeras digitais podem ser disponibilizadas pela Escola para o registro de situações, como uma ferramenta básica para o ‘*Mergulho*’.

- **Passo 3 – Planejar a Ação:** objetiva-se nesse passo, desenvolver um plano de ação coletivo para buscar solução ao problema discriminado na comunidade, ou, se for o caso, aperfeiçoar o que a comunidade já tem de bom. Portanto, o resultado esperado neste passo é a execução de *um plano com tarefas, responsáveis e prazos, para executar a ação desejada.*

- **Passo 4 – Mobilizar para Agir:** significa mobilizar pessoas para garantir a execução da ação. Ou seja, agregar mais pessoas à causa. Neste sentido, fazer um vídeo, um *blog* ou um documento para entregar ao poder público são apontados como opções interessantes. Algumas questões se fazem importantes, nessa hora, para a discussão em grupo (por exemplo: *‘a ação está sendo divulgada?; todos os responsáveis foram comunicados?; o conteúdo da mensagem está sendo divulgado com clareza?; todos os responsáveis estão cumprindo suas tarefas?; os recursos estão sendo corretamente utilizados?’* etc.).

---

uma desenvolvia, e muito eventualmente, o “*Mergulho na Comunidade*”. Veremos, então, seus argumentos e justificativas.

<sup>23</sup> Pode acontecer do tema escolhido para ação, pela turma, não ser o de maior interesse na comunidade. Já aconteceu, por exemplo, segundo uma gestora do CDI, de um grupo ter escolhido ‘*situação sanitária*’, mas o assunto do dia ser ‘*os não cadastrados no Bolsa Família*’. Nesse sentido, o tema da ação pode até vir a mudar.

Como resultado, espera-se que se produza *o registro de todo o processo de desenvolvimento da ação*.

● **Passo 5 – Avaliar o Caminho Percorrido:** momento de refletir sobre tudo o que foi realizado e avaliar se os objetivos foram alcançados. Novas questões podem orientar as reflexões do grupo (por exemplo: *‘o que poderia ser diferente?’; quais os pontos fortes e fracos do que foi feito?’; que dificuldades encontramos, como as superamos?’; que recomendações podemos deixar para quem quiser dar continuidade ou complementar em sua comunidade?’*). Neste passo, busca-se também documentar todo o processo para outros que, estando ali em outro momento, interessem-se em aprender com erros e acertos do grupo. Como resultado, portanto, espera-se que se *sistematize a experiência, apresentado suas fases e resultados*.

O CDI reserva ao educador um papel fundamental ao longo de todo o processo. Ele será o incentivador de ideias e ações, aquele que oferece orientações ao grupo para a obtenção de sucesso a cada passo.

A intenção será sempre a de mobilizar os educandos a novos conhecimentos e manter-lhes acesa as perspectivas de resultados a partir do aprendizado da informática, de suas habilidades pessoais e de novas conquistas de vida. Um líder que espelhe aos educandos a que resultados os esforços pessoais, bem empreendidos, podem levar. Neste sentido, a formação de um sujeito crítico, consciente e capaz de transformar sua realidade norteia os passos da organização. A formação de um *‘agente de mudança’*.

Um outro ponto importante, para o CDI, é em relação a sua proposta político pedagógica. Sua intenção é que os futuros educadores conheçam melhor as ideias de Paulo Freire, na medida que sua metodologia de aprendizagem da informática inspira-se no pensamento do educador pernambucano.<sup>24</sup>

Nesta linha pedagógica, o CDI acredita que a educação não pode ser neutra, porque por trás de toda ação sempre existe uma intenção. Freire defendia a educação como uma ação problematizadora e emancipadora. E, neste sentido, os educadores

---

<sup>24</sup> Ao longo da capacitação de educadores realizada pelo CDI, e da qual participamos, foi solicitado ao grupo que pesquisasse sobre Paulo Freire como *‘dever de casa’* do Passo 1 (*‘Ler o Mundo’*).

das Escolas devem estimular os educandos a descobrir as reais razões dos problemas, ou seja, a sair da superficialidade e buscar soluções.

*Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros, de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos, constatando apenas.*<sup>25</sup>

Este é um desafio para um educador do CDI: ser o 'maestro' dessa 'educação problematizadora'. Priorizar o diálogo e conduzir o uso da informática como uma ação educativa. Os educandos devem ser capazes de manusear as ferramentas tecnológicas para o seu uso social, em uma perspectiva de transformação pessoal e coletiva.

*Assim como o educador [Paulo Freire], o CDI acredita que é no exercício da investigação, feita a partir do diálogo entre pessoas e sua realidade, que o educando enxerga uma situação real. E este é o ponto de partida para que ele possa pronunciar-se, expressar-se.*

*A partir de um mergulho inicial no problema vivido, o educando transforma-se e vira um agente de mudança.*<sup>26</sup>

#### 4.4

#### CDI: Resultados

Os resultados do trabalho do CDI podem ser representados quantitativamente, na abrangência geral de suas atividades, conforme relata seu fundador, abaixo:

*De 95 até hoje, nesses 14 anos, fundamos 753 CDI Comunidades, em 20 estados brasileiros, e em 11 países. Mais de 1.250.000 pessoas aprenderam informática e cidadania com o trabalho do CDI. Nós temos 200 funcionários em 33 escritórios, em 11 países, 1474 educadores de informática e cidadania, que são jovens de baixa renda, que trabalham na própria comunidade, ajudando o desenvolvimento da comunidade, 1 coordenador por Escola, e um trabalho que não está só na população de baixa renda, está em penitenciárias, prisões de segurança máxima, prisões para jovens infratores.*<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Pensamento de Paulo Freire. In: CDI - Regionais São Paulo e Vale do Paraíba. *Cadernos de Inclusão Digital*, 2008.

<sup>26</sup> Gestora do CDI para uma plateia de novos educadores em capacitação, outubro de 2009.

<sup>27</sup> Rodrigo Baggio: palestra no CTI - *Circuito de Informática e Tecnologia*, Rio de Janeiro, em agosto de 2009.

Ou mais recentemente, através do *site* do CDI:<sup>28</sup>

#### QUEM SOMOS

*Somos uma organização não governamental que utiliza a tecnologia como ferramenta para combater a pobreza e a desigualdade, estimular o empreendedorismo e criar novas gerações de empreendedores sociais. Temos uma rede com 803 espaços de atuação, chamados CDIs Comunidade, espalhados por todo o Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru e Uruguai, além dos escritórios de representação nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Jordânia. Essa rede é coordenada e monitorada por 32 escritórios Regionais e Internacionais do CDI. Estamos presentes em comunidades de baixa renda, penitenciárias, instituições psiquiátricas e de atendimento a portadores de deficiência, aldeias indígenas e ribeirinhas, centros de ressocialização de jovens privados de liberdade, hospitais e empresas, entre outros locais, seja na cidade ou em zonas rurais. A Rede CDI estende-se aos lugares mais remotos da América Latina e do Brasil, como a Amazônia, beneficiando pessoas de diferentes faixas etárias, culturas, raças e etnias.*

Mas nem sempre são os números, os mais expressivos para a dimensão real do alcance de uma proposta. Ao menos no sentido desta pesquisa, que propomos qualitativa. Dessa forma recortamos, do ponto de vista da organização, alguns relatos vistos como significativos do alcance dos propósitos de ação do CDI: *‘transformar vidas’*.

São histórias de resultados, com alcance individual e coletivo, contadas por Rodrigo Baggio, fundador do CDI, durante uma palestra dada a uma plateia de empresários e profissionais ligados às Tecnologias de Informação e Comunicação na cidade do Rio de Janeiro, em 2009.

Selecionei duas das histórias relatadas, pela singularidade dos agentes de transformação mencionados e, naturalmente, por refletiram um público, em senso corrente, imune a *‘transformações de vida’*.

#### Primeira história:

*Na aldeia dos Axaninka, que vivem a 17 kms da fronteira do Peru, prá chegar lá, se tem que pegar um vôo Rio de Janeiro/ Brasília / Rio Branco/ Acre/ Cruzeiro do Sul. De Cruzeiro do Sul, em um vôo para 4 pessoas, para Marechal Taumaturgo. O comandante disse ‘vou aterrisar’ - e eu só via verde... Depois de Cruzeiro do Sul, a gente passou 2 horas só sobrevoando o mar verde de 360 graus de mata virgem, primária. Aterrisou, mais 7 horas de canoa, para chegar na Piúchia. O maior desafio desses Axaninka, ainda são madeireiros e traficantes peruanos que invadem o território*

<sup>28</sup> A consulta ao *site* do CDI, <<http://www.cdi.org.br>>, em maio de 2010, apresentava o conteúdo citado.

*indígena para contrabandear madeiras e traficar drogas. Nesse processo, eles estupram as índias, matam os índios, criando uma situação de guerra. Um dia os índios Axaninka resolveram declarar guerra contra os madeireiros e traficantes peruanos. E numa reunião de Conselho de Guerra, eles estavam preocupadíssimos porque os madeireiros-traficantes tinham armas e fuzil automático; e eles tinham zarabatana e arco-e-flecha. Mas um dos índios falou assim: 'nós temos uma arma revolucionária - qual, qual?' E ele falou: 'Internet'. Via satélite, com energia solar. E ele escreveu um e-mail para o presidente Lula,: 'Presidente Lula, nós, os Axaninka, vamos para a guerra para defender a soberania do Brasil. Onde o exército não está, nós estamos.' Alguém leu. Enviaram helicópteros. Os traficantes-madeireiros fugiram e os Axaninka ganharam a guerra. Ganharam porque eles negociaram a paz. Eles tem imagens do Jornal Nacional que a Globo foi lá filmar a polícia chegar, a rasante dos helicópteros, os madeireiros presos, que os traficantes conseguiram fugir.*

### Segunda história:

*Eu o conheci na Penitenciária Lemos de Brito, no Complexo da Frei Caneca onde nós tínhamos escola do CDI (tínhamos, porque agora a penitenciária está em Bangu), conheci lá dentro o homem que inventou o sequestro no Brasil. Consultor em inovação em criminalidade, nas principais facções criminosas do Rio de Janeiro, na época. Consultor e professor de práticas de guerrilha, uma pessoa altamente respeitada na criminalidade. Foi preso, passou 14 anos preso. Na última prisão, na Lemos de Brito, conheceu uma escola do CDI. Teve uma transformação na vida dele: virou educador, virou coordenador do CDI Comunidade. Ele começou de dentro da prisão: criou um CDI Comunidade na favela em que ele morava, que mora ainda, em São Gonçalo. E saiu da prisão por bom comportamento. 14 anos preso, ele tinha vários sequestros, só 1 sequestro, 36 anos. Saiu por bom comportamento. Voltou para a comunidade dele, virou um líder da comunidade dele, convidou amigos presos que saíam, a aprender Informática e Cidadania. E percebeu que os amigos presos muitas vezes reincidiam na criminalidade, que não tinham oportunidade fora da criminalidade. O dado, a estatística oficial, é que 70% dos ex-presidiários reincidem na criminalidade, isso no Brasil. E aí, ele começou a convidar e ensinar Informática e Cidadania, e Empreendedorismo. E ele teve uma ideia inovadora: criar uma incubadora para egressos do sistema carcerário, de base tecnológica. Hoje, a incubadora dele recebe 1 milhão de reais, por ano, da Petrobrás; tem 200 egressos do sistema carcerário incubados e 200 microempreendimentos. E hoje, ele, é um modelo ético comportamental. Ele é convidado por diretores de prisões, em todo o Brasil, para dar palestra de inspiração e motivação. Ele hoje, é fellow da Ashoka, uma organização internacional que apoia empreendedores sociais. Quer dizer, a gente indicou ele prá ser fellow da Ashoka, e foi um problema, porque ele não passava na candidatura - eu tive que contar a história dele para o fundador! E a primeira reação do Bill Drayton, que foi o homem que inventou o empreendedorismo social, foi assim: - 'Rodrigo, você indicou prá gente um ex-criminoso, assassino, traficante internacional...' - e eu interrompi ele e disse: 'sim' - e contei a história dele. Um mês depois, o Ronaldo virou o primeiro ex-traficante, ex-sequestrador, a ser fellow da Ashoka, que tem um trabalho em 70 países com mais de 2000 empreendedores sociais atuando.<sup>29</sup>*

<sup>29</sup> Nessa mesma palestra, um terceiro caso foi relatado por Rodrigo Baggio: a história de vida de um jovem - ex-traficante do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro - que após passar por uma "EIC", durante um período de 'privação da liberdade', tomou fôlego para largar a marginalidade e hoje é educador em duas Escolas CDI. Como eu tive a oportunidade de entrevistá-lo pessoalmente, na sala do

## 4.5

### Escolas CDI: Inclusão Digital

No tema *Inclusão Digital*, nos reportaremos aos conteúdos relatados, e outros verificados *in loco*, qual seja, nas salas de aula, que sinalizam se a proposta se verifica, ou não, a contento: *se as Escolas CDI estão capacitando um educando, leigo, ao uso autônomo da informática.*

Partimos dos pontos de vista de coordenadores, educadores e educandos – dos quais recortamos relatos significativos do conjunto, sem dispensar as colocações singulares, de caráter expressivo.

Em resumo, aqui investigamos: as condições materiais oferecidas para realização dos cursos e sua estrutura de funcionamento; os públicos atendidos; os cursos disponíveis; os conteúdos programáticos oferecidos; as condições de sustentabilidade da estrutura montada; e, naturalmente, os resultados alcançados.

Em contraste com pensamentos e propostas do CDI, saber como coordenadores e educadores, no exercício das Escolas CDI, se posicionam relativamente ao modelo “CDI Comunidade”, é sempre uma questão colocada em aberto, em todas as abordagens.

- O ponto inicial de inquirição se fez, portanto, relativo à busca da autosustentabilidade para o funcionamento do modelo “CDI Comunidade”, com sua infraestrutura de coordenador e educadores constantemente atualizados às novas TICs; de computadores conectados em banda larga à Internet; da disponibilização, para além do básico de informática, de cursos técnicos especializados; e ainda da prestação de serviços à comunidade – inclusive na instalação de uma *lan house*. Nesse sentido, coletamos depoimentos de atuais coordenadores de Escolas “CDI Comunidade” e também das tradicionais “EIC” – considerando que a proposta é que todas as Escolas evoluam para o modelo proposto.

Nos fala o coordenador do “CDI Comunidade”, projeto piloto:

*O ideal mesmo é que essas escolas – esses núcleos de informática que antes eram EICs e agora são CDI Comunidade – sejam autosustentáveis. Que tenham capacidade de você conseguir pagar uma ajuda de custo para o professor; fazer manutenção das*

---

CDI Regional RJ, em 2009, deixo para reproduzir os principais trechos de seu depoimento no item ‘Escolas CDI: Desigualdades’ deste capítulo.



*máquinas; pagar conta de luz; e uma pessoa para a limpeza; através da sustentabilidade que ele se propõe.*

*A gente sabe que é complicado. E essa questão faria com que as empresas comesçassem a patrocinar com financiamento menor e aí os parceiros que vão vir podem dar um suporte menor de dinheiro e aí talvez você consiga ampliar o trabalho para outras comunidades.*

*Se você gasta 50 mil numa EIC hoje e passa a gastar 15 mil, já sobra 35 para você se dedicar a outros espaços.*

E da coordenadora da outra Escola visitada, que também se apresenta como “CDI Comunidade”:

*O que sustenta nossa EIC é a parceria, totalmente a parceria. E a gente tenta atender ao máximo, para que ela não saia. Não tem um contrato formal não - é um compromisso pessoal. Não me incomoda, porque a gente sabe o tipo de parceiro que a gente tem. Mas, ao mesmo tempo, é complicado porque, deus me perdoe, pode acontecer uma fatalidade... E aí, nesse caso, a gente vai ter que contar com o ‘CDI Comunidade’.*

*A gente até vê [a possibilidade de novos parceiros], mas aí tem que partir da direção, porque a gente fica com medo de ter algum atrito, porque o parceiro, atende: - ‘ó que você precisar pede a mim’ - aí a gente entra com uma nova parceria, fico com medo de assustar...Tem que ser de comum acordo.*

*Mas acho que se a gente tivesse um parceiro jurídico seria excelente, a gente iria crescer muito mais.*

Seja qual for o modelo adotado – “EIC” ou “CDI Comunidade” - o desejo de construir parcerias que apoiem financeiramente as atividades da Escola, é uma meta constante.

A coordenadora de uma “EIC” (portanto, uma Escola de modelo tradicional), assim se posicionou:

*Não temos [parceiros]! O recurso da Instituição é o recurso do Pensionato e de salas que são alugadas para eventos.*

*Consideramos a perspectiva de parceiros [empresas] não só para a Escola de Informática, mas para a Instituição. Nós temos encaminhado projetos para ampliar as atividades.*

E a coordenadora da segunda “EIC” visitada, relativamente aos esforços de se organizarem para prestação de serviços à comunidade, afirma com ênfase:

*Ainda estamos nos transformando em CDI Comunidade!*

*Eu vejo que quando o CDI muda seu enfoque para CDI Comunidade, e ele propõe que a gente tenha serviços dentro da nossa escola de informática, é para que as pessoas descubram novos talentos. Eu acho que esse curso acaba se tornando diferente dos outros cursos de informática por causa disso.*

*Mas o CDI Comunidade é uma coisa a mais do que a gente tem hoje. Porque se a gente tem que oferecer serviços, não adianta mudar só o rótulo e o negócio continuar a mesma coisa! Eu até falo para a [gestora do CDI]; a gente é EIC, a gente ainda não é CDI Comunidade!*

*A gente até já começou: por exempo, esses dias chegou uma Sra. [na sala de aula] e disse que perdeu o CPF. Aí eu disse – ‘ah, vamos tirar o CPF’- , e encaminhamos para o serviço social.*

*O CDI Comunidade faz com que a gente tenha essa visão: que a informática não acaba ali só, que ela tem que ter ações de cidadania!*

Adotar a proposta da autosustentabilidade implica em autonomia de gestão e o CDI espera que a Escola modelo “CDI Comunidade” habilite-se a desenvolver uma ‘captação de recursos’ (*fund raising*) para suas demandas de projetos. É possível obter patrocínios a partir da intermediação do CDI, mas em uma das Escolas visitadas encontramos um catálogo próprio de empresas parceiras muito forte.

Conforme nos relata o coordenador do “CDI Comunidade”, projeto piloto:

*Inicialmente foi a FIRJAN, que trouxe SESC, SENAC e CDI. O CDI trouxe a ESSO/Exon Mobil, cujo representante já nos conhecia pelo trabalho de teatro. Amigos (empresários e artistas do Recreio) compraram, depois, o terreno para a Escola se instalar.*

Esta mesma “CDI Comunidade” ainda recebe apoio financeiro pontual de outras empresas, tais como, a Construtora GAFISA; Instituto C&A (biblioteca e futuro ‘Balanço Social’); e Petrobrás, por exemplo, em projetos de geração de renda. São parcerias consolidadas há mais de dois anos, em média.

Entretanto, remunerar os profissionais das Escolas, e bem, são desafios constantes, que são contornados de formas variadas.

No depoimento do coordenador do “CDI Comunidade”, projeto piloto, justifica-se a baixa remuneração pela cultura do ‘estar a serviço do próximo’:

*A gente não tem uma remuneração, a nível de Estado, para fazer as ações que nós estamos fazendo, porque aqui é um órgão privado com fins públicos. E a gente não tem a mesma remuneração que um órgão público tem. A nossa percepção é tentar ajudar a melhorar a questão do próximo, mas essas pessoas também tem que ter essa visão. Elas vem aqui, aprendem, contribuem com 5 reais, mas isso não é só a questão principal – essa é que eles consigam realizar aquilo que eles pretenderam, como o sonho de arrumar um emprego, agilizar o seu comércio, ter uma rede social ampliada.*

*E esse entendimento da Casa de Artes de ajuda ao próximo, é um entendimento próprio: dedicar um tempo da vida deles e dar pequenas ações de transformar o ambiente em que eles estão.*

Os educadores desta “CDI Comunidade” não tem vínculos empregatícios e recebem ajuda de custo como ‘voluntários’. Contribui para sua remuneração, a prestação de serviços para os clientes externos através do ‘Balcão de Atendimentos’, ou seja, um espaço da Escola destinado à prestação de serviços à comunidade.

Já na outra “CDI Comunidade” visitada, busca-se diminuir os custos de remuneração do educadores, cadastrando-os como ‘estagiários’:

*O parceiro financia tudo. Não, não tem carteira assinada. São estagiários, [os 3 educadores] porque ainda estão estudando. E eu [coordenadora] sou autônoma, venho só 2 vezes na semana (...), como prestação de serviços e um contratozinho.*

*Na verdade é a instituição. Isso é um ponto bem crítico que a gente tem [pagamento dos educadores]. Aí a gente tentou fazer dessa maneira. Como são estudantes - ‘ah, então vamos fazer como estagiários’.*

Por outro lado, quando a orientação do CDI é para a cobrança de um valor aos educandos, por cada curso ou oficina realizado, na linha da autosustentabilidade, prevalece – seja “CDI Comunidade” ou “EIC” – a mesma resistência.

Segundo depoimento do coordenador do “CDI Comunidade”, projeto piloto, visitado:

*O Rodrigo Baggio veio aqui para conhecer, só que na primeira proposta a gente não aceitou muito porque tinha que cobrar para ser aluno do CDI. Na época era 15 ou 20 reais. E aqui a gente não queria ter envolvimento com dinheiro. Mas o RB disse que as pessoas não valorizam se não for cobrado. E eu acho isso meio discurso pronto. A pessoa com salário mínimo, se tiver 4 filhos para pagar 20 reais, já vai dar 20% do salário dela, praticamente .*

*Falamos 5 reais, eles 10 reais, ficou 5 – que é bastante razoável, mesmo assim para uma família de 3, já são 15...*

E, nessa mesma linha de reflexão, também a coordenadora de uma “EIC”, atesta:

*Não, a gente não cobra. [Por causa da instituição ser religiosa?] É, também, a gente prefere não cobrar e ter nesse atendimento o compromisso das pessoas, acho legal, porque tem gente que não tem mesmo nem 1 real para pagar e aí estamos vendo com a gestora [do CDI], se a gente pode ter um projeto de reciclagem.*

*Então, você vai usar o computador, um serviço, você pode trazer o seu óleo reciclado que a gente manda para uma empresa e troca esse material por material de higiene...*

A proposta de organizar o *Projeto CDI-Lan* dentro das Escolas “CDI Comunidade” incorpora à prestação de serviços à comunidade, também, a perspectiva da sua autosustentabilidade.

É o que nos relata o coordenador do “CDI Comunidade”, projeto piloto:

*Eu chamo de CYBER-CAFÉ, mas no CDI eles chamam lá de LAN HOUSE. Mas não conseguiu ter fôlego logo no início. Com máquinas muito antigas você não conseguia atrair as pessoas.*

*Aí fora a lan house é 2 reais. Mas aqui, até para atrair as pessoas, é 1 real.*

*Nosso foco principal é não ter jogos o que até dificulta você fazer andar. Porque o que movimenta muito as lan house são os jogos. Não temos software de jogos e sim para pesquisa escolar. Muitos falam com as famílias e usam o Skype etc. E onde tem jogos, o ambiente é muito conturbado, geralmente é um ambiente escuro e aí atrapalharia as pessoas que querem outras coisas, como fazer um simulado para o Detran, currículo etc.*

*E essa opção foi discussão nossa - mas não encontramos qualquer dificuldade com o CDI.*

Mas a qualidade das máquinas continuava sendo um desafio. Segue relatando o coordenador desta “CDI Comunidade”:

*Aí resolvemos falar com a ESSO, que já tinham doado 10 computadores, só que para o Cyber, eram muito antigos. A banda era larga, mas o computador era estreito... Aí falamos para a ESSO: olha não dá dessa forma. E conseguimos, no projeto seguinte, mais 5 máquinas de nível bom.*

*E um empresário ainda deu mais 6 máquinas: para o Cyber e para a estruturação toda. Através dessas, a gente começou a fazer dinheiro e através desse dinheiro a gente foi comprando uma, outra, outra...*

*Hoje nós temos 12 máquinas lá e o resto foi comprado com o próprio dinheiro do serviço – a 1 real a hora.*

A incorporação do Projeto CDI-Lan está nos planos de três das quatro Escolas visitadas, ou seja, até uma das “EICs” se organiza para tal, buscando uma parceria com o Estado e executando o planejamento dos recursos necessários à implantação.

Sua coordenadora nos relata:

*Esse projeto vai ser bancado. Aqui é toda a parte de lay-out [mostrando-me a planta do Projeto] tudo o que a gente deseja - peguei orçamento com as pessoas para marcenaria, eletricidade, áudio, rede etc. Aí vamos mandar esse projeto para a Justiça Federal, eles tem uma ‘conta projeto’: estamos terminando então, para mandar para eles para ser aprovado!*

E continua, entusiasmada:

*Serão 10 computadores na parte de cima da casa (aquela salinha alí vai acabar) e um computador para o educador, aqui [mostra na planta] vai ser o ‘Balcão de Atendimento’. É que vão ser 2 salas: uma .interligada com a outra. Só que a primeira sala vai ser do CDI-Lan, e aí vai ter os 6 computadores, logo na bancada, e vai ter esse balcão de atendimento para que a gente possa cadastrar todo mundo que está no computador. O CDI-Lan é na sala da frente porque vai haver circulação e na escola não pode. No Balcão de Atendimento vai ter uma pessoa responsável por este espaço que vai fazer inscrição etc.*

O trabalho voluntário tem sido a opção de uma das Escolas “CDI Comunidade” para fazer frente ao aumento de custos em RH que implica o Projeto CDI-Lan.

Segundo depoimento de sua coordenadora:

*No ano passado a gente participou de uma capacitação desse projeto de ‘Lan-house’ de prestação de serviços do CDI. Aí a gente pensou: ‘a gente não tem pessoa para fazer isso’...*

*Se ficar o dia inteiro fazendo prestação de serviços, a gente não faz outra coisa. Então tinha que pensar uma maneira de começar essa prestação de serviços mesmo sem recursos humanos.*

*Aí veio o estalo de oferecer capacitação para formar o Voluntariado.*

A segunda “EIC”, quando da visita, liberava por apenas duas horas semanais o espaço da sala de aula para trabalhos escolares. Segundo sua coordenadora, “adiaram para 2010” retornar à ideia de disponibilizar um tempo e um espaço próprios à prestação de serviços aos educandos e à comunidade. E, para tanto, ainda perderiam

duas turmas. Percebe-se que não há uma vontade explícita de integrarem-se, efetivamente, ao 'Projeto CDI-Lan'.

Segundo sua coordenadora:

*Antes até dessa proposta de lan-house, desde o ano passado, nós já vínhamos deixando um dia livre – que é as sextas-feiras – um espaço aberto para pesquisas escolares, para pessoas que precisavam fazer algumas inscrições e não tinham a estrutura que a gente tem ... A gente cobrava sim: quem não era aluno, não só da informática mas dos projetos sociais, cobrávamos 1 real, só para colaboração pela energia etc. Oferecíamos, então, para os alunos da informática, outros cursos (exemplo, balé) e para a comunidade, assim, os que traziam colegas. Os jovens vão mais para a Internet, criar os emails, blogs etc. Aqui na Instituição, portanto, sempre tivemos essa visualização de estar deixando esse espaço. Entretanto, nesse semestre [2009] estamos apenas de 13 às 15h com esse espaço aberto. Porque tivemos uma demanda muito grande do público adulto, incluindo a Terceira Idade, e queríamos atendê-los.*

No que complementa, em outro momento, o educador desta “EIC”:

*Eu não estou conhecendo muito essa proposta do CDI-Lan.*

Na abordagem do Projeto CDI-Lan, fica bem claro a todas as escolas, que pretendem implantá-lo, as diferenças entre as *lan houses* estabelecidas e as que pretendem implantar.

Segundo os educadores das Escolas “CDI Comunidade”:

*Então, é um ambiente tranquilo para estudos, pesquisa, lazer, social...*

*O Cyber [Cyber-CAT] não tem configuração para jogos – jogo gera bagunça. O Cyber é uma linha educativa e de comunicação.*

*Na lan house, em geral, os jovens preferem os jogos violentos e vão 4, 5 ou 2 a 2 juntos, um lutando contra o outro, e aí um mata o outro e fica aquela bagunça: – ‘Aí, te matei’ - Aqui na comunidade já tem muita lan house e quem quiser isso, vai lá. Aqui [no ‘Cyber-CAT’], nós já temos um público.*

.....  
*Uma lan house você pode fazer com que ela vire uma cyber lan: a lan-house é só jogo, a Cyber você tem Internet junto e pode consumir ali dentro: comida, fazer xerox, trabalho escolar.*

*Por isso o CDI quer puxar para lan house: para que as pessoas possam fazer pesquisas etc.*

Quanto à “EIC” que, segundo vimos, se preparava para implantar sua *lan house*, assim se coloca o educador:

*A lan house aqui vai ser muito positiva. Por que qual é a função da lan house hoje em dia? São só jogos.*

*Aqui vamos prestar serviços para coisas construtivas, enviar currículo, fazer pesquisas de trabalho – ela vai fazer uma coisa que vai ser em benefício dela própria. E vai ser aberta à comunidade como são todos os cursos.*

[E vocês não vão cobrar, vai ser uma troca por óleo usado de cozinha, não é isso?]  
*É isso, uma forma de cidadania, de estar contribuindo, ao invés de jogar o óleo em qualquer lugar.<sup>30</sup>*

A autosustentabilidade das Escolas “CDI Comunidade” ancora-se, portanto, em sua capacidade de construir uma forte e, se possível, variada agenda de empresas parceiras; e ampliar, constantemente, sua base de prestação de serviços à comunidade.

Neste sentido, especifica o coordenador da “CDI Comunidade”, projeto piloto:

*A ideia do eixo de sustentabilidade passa então pelo Cyber [Cyber-CAT]; pelos serviços prestados de impressão de documentos; plastificação, xerox e encadernação; e com esse grupo que está se formando em manutenção, que eles possam oferecer serviços para fora e parte desse valores sejam repassados para a Escola de Informática. Exemplo: de 70 reais que se cobre, você tem ali 10% para o espaço.*

A partir daí, microempreendimentos sociais podem surgir de movimentos da comunidade, promovidos pelas escolas, voltados à geração de recursos e renda.

De acordo com o propósito relatado pelo coordenador da “CDI Comunidade”, projeto piloto, empreender faz parte do negócio da sua Escola:

*Hoje aparece eventualmente, uma vez, duas vezes, mas se você pegar toda a manutenção de uma empresa, você já vai ter uma entrada financeira muito grande. Mas entrando com uma cooperativa, você pode pegar empresas. E ela te dá maior capacidade de serviços...*

*O nosso próximo passo é ver aqui na comunidade, nos pequenos comerciantes, negócios para espaços de mídia e também manutenção.*

<sup>30</sup> Neste ponto da entrevista a depoente nos explicou que cada litro de óleo despejado no esgoto tem capacidade para poluir cerca de um milhão de litros de água. Tal quantidade equivale, segundo investigamos, ao consumo de uma pessoa ao longo de 14 anos de vida, além de encarecer o processo e prejudicar o funcionamento das estações de tratamento de água. A reutilização do óleo pode se verificar através de usinas (ou Estações de Reciclagem) que o transformam, por exemplo, em sabão, sabonete e até em biodiesel. Disponível em: <<http://www.biodiesel.gov.br>> e <<http://www.rgnutri.com.br/sqv/curiosidades/roc.php>>. Acesso em 14 de setembro de 2010.

*Mas precisamos de pessoas para dar conta da demanda. Vamos criar um “Portal do Terreirão”.<sup>31</sup> Já temos um blog e vamos criar um outro para prestação de serviços.*

Parcerias colaborativas, espírito empreendedor e comprometimento com a comunidade são, por conseguinte, os desafios que se apresentam à autosustentabilidade da Escolas, na linha “CDI Comunidade”. Nesta forma de atuação, a Escola já se propõe inspiradora àqueles que almeja educar. Ressalte-se que tais elementos, em graus diferenciados, já estão presentes em três das quatro Escolas visitadas.

Neste sentido, entretanto, uma “EIC” visitada tem encontrado impasses no diálogo com o CDI e isso, a nosso ver, tem sido um fator a mais de dificuldade para sua integração ao modelo “CDI Comunidade”.

Segundo sua coordenadora:

*Eu tenho a minha posição de ‘parceria’ e o CDI dá implantação, o acompanhamento, mas uma coisa que eu questionava com a [gestora do CDI]: os profissionais, eles são da Instituição. E o que acontecia, tinham algumas ações, alguns cursos, que o CDI passava tudo direto para os educadores... e isso eu questionava muito! Dentro da Instituição nós somos responsáveis pelas pessoas.*

*E aí vem: a Instituição pela cultura, por ser religiosa – eles [CDI] até pedem para você encaminhar cadastro, fichas dos alunos –, sinceramente eu acho assim, em uma parceria, porque eu tenho que informar a eles ‘nome, dados dos alunos’... eu questiono isso! Tudo, tudo... até os dos nossos funcionários! Eu não vou dar meu CPF, identidade, meu endereço... tudo!*

[Qual a justificativa do CDI para essa demanda?]

*A justificativa não se encontra, é uma parceria com o CDI. O CDI é uma ONG, ele também precisa de recursos. Então, o que me incomoda no CDI? Quando eu vou e tem o Rodrigo Baggio [diretor executivo do CDI] – ‘ah, porque eu tenho tantas ONGs’, CDIs Comunidade, a gente tem tantos coordenadores, tantos educadores, – então, o que acontece? Esse cadastro fica como se o CDI tivesse tudo isso!*

*Ele [CDI] tem parcerias... E isso agora está me irritando! Estamos precisando de ‘mouse’ e de ‘teclado’, se eles são os responsáveis, temos que buscar parcerias porque o CDI não tem recursos...*

<sup>31</sup> “Terreirão” é o nome de uma comunidade localizada no bairro do Recreio dos Bandeirantes, na Zona Oeste do RJ. Atualmente é considerada, segundo o coordenador entrevistado, “a de maior renda per capita entre as comunidades da cidade”.



Mas continuemos no recorte dos demais itens de interesse deste trabalho para que os contrastes entre os modelos se apresentem de forma cada vez mais nítida, relativamente à proposta da Inclusão Digital.

- Quanto ao aspecto físico das salas, seja “EIC” ou “CDI Comunidade”, não existem diferenças. Prevalece a simplicidade. As salas são rigorosamente utilizadas em sua capacidade máxima de computadores<sup>32</sup> - em sua maioria aparelhos reciclados, de memória restrita, mas todos conectados à Internet. Os espaços nem sempre estão adequadamente iluminados, mas são rigorosamente limpos e refletem em suas paredes uniformes, sem quadros ou enfeites, a predominância dos computadores. Nesse sentido, nem ao educador se faz uma concessão: não há uma mesa de trabalho para ele, que circula entre máquinas e educandos, todo o tempo, ao longo das horas de curso.<sup>33</sup>

Em sua totalidade, não foram feitos comentários sobre tais características – aparentemente fazem parte das condições das entidades. Alguns coordenadores apenas gostariam que os equipamentos oferecessem maior velocidade e melhores possibilidades tecnológicas para o aprendizado – mas isso ainda depende da disponibilidade de recursos.

Conforme nos relata uma coordenadora de “EIC”:

*O que dificulta, é a gente ter computadores mais antigos. Quando você tem esse ambiente que roda em vídeo, que tem o áudio, se você não tem uma placa de som, não pode usar. Se tem e é mais lenta - roda, roda, roda,...*

*Mas por isso a gente está agindo por fora para conseguir essa parceria para ter computadores mais modernos na [futura] lan house, na sala de aula, na secretaria; e uma máquina fotográfica digital para o Mergulho.*

- Quanto aos cursos, a variedade de oferta se dá conforme o modelo adotado de Escola: as Escolas “CDI Comunidade” visitadas, oferecem oficina de ‘montagem e manutenção de computadores’; ‘design gráfico’ (uma delas) e até, ‘elaboração de

<sup>32</sup> Em nossas visitas às quatro Escolas, verificamos salas com 6 a 12 computadores – alguns sem usuários.

<sup>33</sup> Algumas Escolas tem também um ‘monitor’ que ajuda nas aulas, tirando pequenas dúvidas dos educandos ou auxiliando-os, principalmente os mais idosos, em tarefas solicitadas etc. São, em sua maioria, ex-educandos que se destacaram e trabalhavam sem proventos no projeto.

*blogs*’ (a outra). As de modelo “EIC” não. Mas todas tem, como ‘carro-chefe’, o curso básico de informática.

Os períodos de duração dos cursos não seguiam a padronização proposta pelo CDI (três meses) nem o número de educandos por turma (10 pessoas) recomendado, que variava de 6 a 12, por turma, atendendo jovens e adultos sempre; crianças e a geração da Terceira Idade, às vezes.

Na verdade, o principal foco das Escolas é ouvir e acolher as necessidades da comunidade em que está inserida, naquilo que lhe for possível. E neste aspecto, o CDI lhes compreende e apoia.

Em uma “CDI Comunidade” visitada, o trabalho estava estruturado da seguinte forma, segundo sua coordenadora:

*Trabalhamos de 2ª a sábado, de 8 às 5 da tarde. São 14 turmas. Temos o curso básico que funciona nesta ordem: windows, word, internet, power point e excel (6 meses); montagem e manutenção de micro (4 meses); e design gráfico (5 meses). São, de 2ª a 5ª, crianças e adolescentes; e sexta e sábado são atendidos os adultos, especialmente. São 3 educadores. Um deles vai à escola municipal local em um programa de Inclusão Digital.*

*Temos também uma parceria com a Escola Juliano Moreira, daqui da Colônia, e toda 3ª feira um educador fica, em tempo integral, na escola ensinando aula de informática para as crianças da escola. Eles tem laboratório, mas não tem professor, então o CDI Comunidade está atuando dentro da Escola.*

E na “CDI Comunidade”, projeto piloto, coletamos este depoimento de seu coordenador:

*A gente aqui, gosta de independência, que é a forma que a gente gosta de trabalhar. Que a gente gosta da coisa bem trabalhada. E o CDI, no início, era uma proposta de 3 meses para cada turma. E daí no final do ano você tinha 300 pessoas formadas. Só que esses 3 meses a gente notou que era insuficiente: não se aprende informática em 3 meses. Chegamos a testar, durante 6 meses. E cada vez que terminava, as pessoas voltavam a se inscrever porque não tinha todo o conteúdo. E aí os educadores tinham que atender essas pessoas em horário diferente para a turma ficar mais coesa.*

*Nós, quando pegamos esses professores, a gente busca a qualidade do serviço prestado aqui. Que seja de alto nível para que a pessoa saia daqui para competir de verdade. Não adianta você colocar 700 pessoas com curso, quantas chegarão em algum lugar?*

*A partir do momento que a gente estabeleceu o curso de 6 meses, aí a coisa começou a andar melhor. Se o aluno ficar aqui 1 ano: 6 meses ele faz o ‘curso de informática básica’ (ele aprende desde ligar o computador até o acesso à Internet) e nos outros 6 meses, o de ‘manutenção’ ou o de ‘rede’ para cabeamento de rede; ‘wireless’. No primeiro, ele já sai com capacidade de trabalho e capacidade social.*

Por outro lado, em uma “EIC”, segundo sua coordenadora:

*Quando eu cheguei, [2001] a escola só abria para as nossas meninas, não abria para a comunidade, por uma conduta da casa, não tinha a visão de trazer as pessoas de fora, colocar meninos ia ser complicado! Então abrimos só para nossas adolescentes. Eram várias turmas, não funcionávamos todos os dias, somente 2 vezes na semana.*

*Aí o CDI foi argumentando com a gente situações que a gente tinha que crescer, ter uma abertura maior, que o projeto do CDI é atender essa comunidade, fazer com que eles estejam aqui dentro.*

*E aí a gente foi crescendo, abrindo para a comunidade, para as famílias das nossas crianças, só mulheres: o projeto é só para mulheres.*

*Temos só 6 computadores. Mas abrimos agora para a comunidade e funcionamos todos os dias: de segunda a sábado – este especialmente para as pessoas que trabalham e não tem tempo de fazer o curso.*

*O nosso público [agora], especificamente, é de um público de mais idade [turmas com educandos de 60 a 80 anos] Pessoal de terceira idade e crianças. Adolescentes, a gente tem muito pouco. Até porque nessa parte de tecnologia, eles preferem o CDI-Lan. Preferem acessar porque acham que já tem o conhecimento da ferramenta. Então nosso público é mais de senhoras, pessoas de 30 anos em diante, poucos adolescentes e crianças – mais ou menos umas 35 crianças que fazem o projeto de informática educativa.*

- Quanto aos educadores (07) são todos jovens, na faixa etária entre 19 e 21 anos (apenas uma educadora de 27 anos). E todos vem de comunidades de baixa renda. Completavam, em 2009, o nível médio, a maior parte. Destes, quase todos sonham ingressar na faculdade – mesmo que não seja a de informática - como coroamento de seus esforços de vida.

Inquiridos sobre sua função de ‘educador’, nas Escolas, assim se posicionaram sobre suas motivações, transformações e realizações:

Educadores de “CDI Comunidade”:

*Ela [coordenadora] viu que eu me destaquei muito nessa parte tecnológica. Eu tenho uma habilidade extrema em ensinar. Eu consigo ensinar para uma pessoa e ela entender. Mas antes, há 7 anos atrás eu era um adolescente muito tímido. Aí, eu fui me libertando dessa minha timidez. Quando acabou essa minha primeira aula chegou um aluno e me disse uma coisa incrível: ‘Nossa professor, eu pagava um curso de cento e alguma coisa e não ensinou nem a metade do que você ensinou...’*

*Então, com esse movimento que eu tive, dando aula, que eu não tinha esse pensamento – ‘Ah, vou professor de informática, vou ser educador...’ – eu não tinha essa visão, então, com essa visão toda que eu tive, comecei a gostar de fazer o que eu faço. Então agora eu estou totalmente voltado para a área de informática.*

*Eles [os educandos da Terceira Idade] me chamam até de ‘Sr.’!*

*As pessoas vem aqui porque a gente ensina bem, trata bem. Por conta do CDI não, porque aqui, ninguém conhece. Agora vai ficar conhecido por causa do CDI-Lan [projeto das lan houses] que está com propaganda na TV.*

Educadores de “EIC”:

*Me fascina a informática. Não só ter esse conhecimento, mas poder passar esse conhecimento. Esse conhecimento técnico, prático, junto com essa metodologia.”*

*A gente tem que gostar de ser educador, tem que ‘comprar’ essa ideia prá depois ter o desafio de ‘despertar’ a pessoa.*

*Eu me identifiquei muito com o projeto, eu não sabia o que era estar à frente de uma turma, eu só tinha sido aluno.*

*Hoje eu me sinto bem confiante na frente de uma turma.*

*Só depois do meu 1º. ano de trabalho aqui que eu fui perceber - isso me fez gostar do trabalho realmente - que os idosos procuram muito um curso de informática por solidão. Que eles não tem pessoas com quem conversar em casa etc.*

*Então, ao final do 1º. curso, a maioria da turma chora, chora muito, então eu me sinto comovido.*

*Fiz 1 ano agora em setembro [como educador nesta EIC]. Quando entram [os educandos], entram com aquela dúvida grande, sabe, - ‘Pôxa, será que eu vou aprender mesmo?’. Aí, com o tempo, você começa a ver o sorriso: ‘Caramba, eu consegui.’*

*E aí é um prazer muito grande de ver isso nos alunos.*

*Eu tenho passado para as pessoas, assim, que eles tem que confiar neles próprios: - Vocês vão passando, cada dia é uma dificuldade que vocês vão ter. E nós vamos ajudar...*

● Quanto aos educandos, trazemos aqui alguns recortes de respostas à pergunta “o que você gosta e não gosta tanto na sua Escola e no seu Educador?”.

Educandos de “CDI Comunidade”:

*O trabalho aqui é muito bonito, ajuda muita gente. Eu já estou usando no meu trabalho.*

.....

*Comprei um computador e estou aprendendo passo a passo. Tenho um bom instrutor aqui e companheiros que nos damos bem. [Pena o] pouco tempo das aulas. Se pudesse, eu ficaria não 2, mas 4 horas aqui.*

.....

*Dão toda a atenção, se o aluno faltar no dia se preocupam, ligam. Quando eu estou aqui, não dá vontade de ir para casa - vou porque tenho criança!*

.....

*O curso é supertranquilo, eles [educadores] ensinam bem prá caramba. Tem gente que quando entra, não sabe nem mexer no mouse e quando sai, está mandando e-mail, sai daqui superfeliz! [Os educadores estão] sempre ajudando a gente a melhorar .*

*Eles falam: - ‘Se vocês tiverem uma opinião, uma dica para ajudar a gente a crescer, a gente está aqui esperando por vocês.*

.....

*Ele [educador] tem um conteúdo de informação, ímpar – digo até pela idade dele.*

*Se eu discordar dele [em um debate na sala de aula] ele tem respeito pela minha posição.*

*Ele deixa nós falarmos.*

Educandos de “EIC”:

*[Gostava da] disponibilidade do professor e da casa. Uma diferença para o outro curso: é que aqui era 1 computador prá cada aluno. A atenção era melhor também. Eram só 5 pessoas. Tinha mais liberdade também: se podia aprender pelo método e quando terminasse, ir para a rede – mais liberdade para o aluno.*

.....

*[Não gostava:] A sala é pequena e não dá para expandir os módulos do curso porque tem que atender outras mães.*

*Ele [educador] já pegou o gancho. Já sabe com quem está lidando. O que acontece em outros cursos é que eles tem um programa para dar em determinado tempo de curso;*

*acompanha quem acompanhar! Eu já fiz um curso desses há algum tempo e saí cheio de informações e também cheio de dúvidas...*

*Em dificuldades mínimas ele [educador] está traçando. E aqui a preocupação não é só com a técnica.*

*Ele faz questão de [acompanhar] todos, está sendo bastante didático. Ele vai lá e dá toda a atenção individual.*

.....

*Fiz todos os cursos aqui e não saio. Só saio quando morrer. Olha, eu aprendi a mexer no teclado que, conforme eu lhe disse, eu não sabia; saber o que que é um 'computador', saber para o que serve aquilo ali – monitor etc. Porque no começo da aula, o professor ensina tudo: o que é isso, prá que serve aquilo.*

*Então eu vou e é muito bom. Depois passamos para a Internet. E comecei a conversar com as minhas filhas pelo 'msn'. Ela mora em Jacarepaguá. E achei uma amiga, que estava afastada, pelo Orkut.*

.....

*Ele [educador] é o grande incentivador.*

*Porque tudo no começo é novidade. Eu não sabia nada e ele dizia: - 'Insiste, que a Sra. consegue!'- tanto para mim quanto para as outras alunas.*

Portanto, todos os entrevistados foram unânimes em relação à qualidade dos educadores. Não ocorreram queixas e as entrevistas eram sempre privativas.

E quase todos os educandos de “EIC” e “CDI Comunidade” entrevistados citaram, direta ou indiretamente, como fator inesperado e positivo, o aumento da autoestima, o prazer de (re)ocupar seu espaço na sociedade, perante parentes e amigos – o que aponta para a vinculação direta entre tecnologia e cultura, ou melhor, Internet e cultura, como nos afirma Castells (2004).

- Quanto aos conteúdos pedagógicos, a orientação do CDI às Escolas, de utilização do “PPP”, inspirado em Paulo Freire, foi dito ser seguido em todas as Escolas visitadas – entretanto, encontramos algumas ressalvas importantes. Se não, vejamos:

Segundo uma coordenadora de EIC:

*A gente fala das desigualdades e vem a característica da população de baixa renda, mas acho que quando a gente entra na Informática, vou falar de conhecimento - eu tenho um público de Terceira Idade que tem uma renda – eles estão em busca de inclusão digital .*

*Eu acho isso muito interessante, porque o CDI, ele propicia um trabalho que quando eu estou trabalhando com a classe de baixa renda e a classe que tem o poder*

*aquisitivo maior, ambos vão estar trabalhando com uma metodologia de conhecimento da sua comunidade: **Paulo Freire**.*

A coordenadora desta mesma EIC explicitou sua preocupação com o despreparo dos educadores que lá passaram, para aplicação da linha pedagógica freiriana:

*O que eu percebo é assim: que o educador não vem preparado. Mas por questões culturais, também questões sociais, porque na verdade, assim, eles são de comunidade, que tem uma baixa escolaridade. Tem muitos que conseguem alavancar e conseguem perceber que a questão escolar é superimportante e aí continuam. Mas quando chegam à instituição, ainda estão muito crus e aí sentem dificuldade de discutir os temas que desenvolveriam.*

*Aí quando lá [capacitação do CDI], fala de **Paulo Freire**, até ele [educador] entender o trabalho...só no campo que ele vai entender. Ou se tiver personalidade de buscar os conteúdos para aprender.*

- Quanto aos materiais didáticos, a construção compartilhada (gestor/ coordenador/ educador), via on-line, de atividades específicas para grupos de beneficiários vem crescendo. O CDI Matriz e o Regional RJ incorporam essas construções a partir dos grupos temáticos (*mundo do trabalho; público infanto-juvenil; saúde; privação da liberdade; e comunicação e cultura*) e as repassam à Rede CDI. Também os grupos de estudos, organizados interescolas, composto por educadores e coordenadores, tem contribuído para amenizar as defasagens apontadas.

Segundo esta mesma coordenadora de EIC:

*Se o coordenador entender a proposta e o educador estiver capacitado, ele vai cobrar do educador: - 'olha a metodologia não é essa!'. A gente vai fazendo os encontros e vai sinalizando para eles [CDI-Regional RJ] qual é a dificuldade. Eu sinalizava, outras pessoas sinalizavam, então eu acho que é assim: com esse material eles estão podendo 'puxar' essas pessoas.*

*Agora tem os grupos de estudos, não participa quem não quer! Toda terceira sexta-feira do mês, coordenadores e educadores podem participar assim: - 'qual é o nosso público mais específico?'- o meu está sendo, hoje, a terceira idade e a crianças. Então a gente faz parte de um grupo de trabalho do 'público infantil'. Aí a gente estuda sobre isso. Quem coordena é a gestora [CDI-Regional RJ].*

*Temos encontros, trabalhos, propostas e aí você se insere e participa, mesmo sendo de outro grupo de trabalho. Isso deu base para que outros grupos surgissem. **Falta criar o da Terceira Idade.***

*O grupo ‘infantil’ já existe há bastante tempo: há 3 ou 4 anos (atua 1 vez por mês, de 9 às 12 e trinta). A gente participou desde o início e tem agora uma metodologia de trabalho.*

*E tudo foi passado para um documento-relatório, deles lá, [CDI- Regional RJ], que agora é repassado para toda a Rede CDI.*

• Quanto à capacitação de educadores, a coordenadora de uma CDI Comunidade visitada, nos explicitou o seguinte:

*Todo educador, ele passa por um curso de capacitação antes de começar a dar aula, esse curso é legal porque o aluno já está pronto para a informática, então, o que você vai passar para ele? Os conteúdos de [direitos e deveres de] cidadania. Tem até educador que chega com um pouquinho de deficiência na informática, mas a questão maior é ‘como fazer um mergulho’; ‘como aprender sobre determinado assunto que eles [educandos] estão querendo aprender sobre aquilo, falar sobre aquilo.*

*Não sei se há curso de reciclagem para os educadores... Mas a gente aprende muito isso, nas reuniões pedagógicas que tem cada EIC e quando faz o curso de coordenação: a gente tem essa dinâmica de como estar fomentando sempre isso... [o uso dos conteúdos de ‘cidadania’].*

*Então, o educador tem treinamento e o coordenador também.*

Entretanto, nas demais Escolas visitadas, verificamos pelas entrevistas que tem havido alguma defasagem entre o atendimento prestado à “EIC” (padrão tradicional) e à “CDI Comunidade” (padrão proposto). Pela voz da coordenadora de uma “EIC”:

*Do ano passado para cá [2008-2009], o CDI não nos proporcionou nada. Agora é que eles estão reativando... A gente ficou aqui largado, ninguém dá sinal de vida. Um ano sem ninguém.*

*Tenho inclusive um professor [educador] que entrou no ano passado e não foi ainda capacitado... Dizem que ele vai fazer em outubro... Até agora mudaram um pouco, porque quando eu fiz era 1 vez por semana e agora serão 2 vezes, o dia todo.*

E quanto à segunda “EIC” visitada, a coordenadora esclarece como ela mesma assumiu a capacitação de sua educadora:

*Então eu combinei com ela [educadora] que como essa turma de **Terceira Idade** é uma turma diferenciada e o CDI não tem estruturada uma metodologia, que eu ia fazer junto com ela: eu ia montar o planejamento [das aulas] e ela ia me ajudar, eu ia ser professora e a gente ia trocar de papéis, me ajudando no dia a dia e me pontuando.*



*Eu falei prá ela que, dessa vez, eu ia fazer para ela observar e ela me dizer se a prática que ela está fazendo na sala está sendo muito diferente disso. É para ter um parâmetro com o que ela está fazendo.*

E a “CDI Comunidade”, projeto piloto, de acordo com seu coordenador, usufruiu dos cursos de *Elaboração de Projetos e Captação de Recursos* que possibilitaram-lhe conquistar novos parceiros. Entretanto, mesmo assim, ainda existe uma demanda em aberto para cursos voltados a conteúdos de *Cidadania*. Segundo ele, seus educadores já tem grande experiência técnica em informática.

Além de um treinamento para os educadores iniciantes,<sup>34</sup> também são promovidas atualizações técnicas; e ainda encontros entre educadores de várias escolas, algumas vezes ao ano. Este último formato (‘encontros’), tem sido a maneira encontrada pelo CDI (Regional RJ) para capacitá-los mais frequentemente, mediante a troca de experiências – positivas e negativas.

Segundo relato de educadores de uma mesma “CDI Comunidade”:

*Eu achei que o CDI ia basear [o curso de capacitação inicial] naquilo que eu conhecia, e aí chegou lá era diferente. Eu achei interessante, achei ótimo porque a gente vê o mundo em constante mudança e as coisas não estão melhorando. Eu pensei tipo – ‘Poxa, se todo mundo perceber isso e tentar mudar... Todo mundo tentando mudar dá uma grande diferença.’ Lá tinham pessoas mais velhas e mais novas. Alguns falavam se era negócio juntar uma coisa com a outra [informática e cidadania]. Um até desistiu.*

.....  
*Em 2 anos, eu fiz 1 capacitação [a inicial se preparando para ser educador]. Encontros, reuniões de grupos no CDI, eu já fiz.*

[Quanto neste ano, 2009?]

*Mais ou menos... 6. Eu nunca sei quem eu vou encontrar, são uns 20, 30. Às vezes é na Matriz, às vezes é em outra escola. Rola muito palestrante; problemas que ocorrem na sua EIC; soluções para os problemas. É todo mundo junto e cada um fala o que perguntam.*

*Já saí com 2 deveres de casa: um era construir uma escola [idealizada] no papel: tudo o que eu precisaria: computadores, configuração de computadores; até quanto seria gasto! [O encontro] trás o que eu posso ter na minha escola; o que eu posso fazer pela comunidade.”*

<sup>34</sup> A capacitação dos educadores iniciantes é, conforme verificamos, voltada ao conhecimento do CDI e suas Escolas; às novas propostas de sustentabilidade que ancoram o “CDI Comunidade”; ao uso compartilhado de experiências na Rede CDI e ao conhecimento da metodologia político pedagógica do “PPP” e seu “Roteiro dos Cinco Passos”, em que se destaca o “Mergulho na Comunidade”. Cursos de base técnica, informacionais, seriam promovidos, posteriormente, pela ONG, para os que assim necessitassem.

.....

*Eles [CDI] dão uma apostila para cada módulo. O material dos encontros é criado alunos mesmo. Depois se discute o que o outro fez (o projeto rola), pega-se o projeto de uma turma para outra e desenvolvem-se ideias. Eu mesmo distribui lá a biblioteca de quadrinhos que a gente tem aqui. Prá cá eu trouxe a prestação de serviços prá comunidade - que a gente faz aqui sem cobrar.*

As capacitações são, de forma geral, muito bem vistas e aguardadas pelos educadores. Entretanto, na “CDI Comunidade” - projeto piloto, assim se manifesta um de seus educadores (aparentemente falando por todos) em relação às capacitações e encontros promovidos:

*Eles [CDI] sempre reclamam, chamando para ir aos encontros [de coordenadores, educadores etc], só que para ser sincero, a gente não está indo. Eu não fui a nenhum ainda nesses 3 anos e meio. Mas eu sempre falei para a nossa gestora [do CDI]: tem as partes aqui que eu tenho de gerenciar...*

- Quanto às dificuldades encontradas pelos educadores, a evasão de seus educandos é, claramente, o problema que mais os perturba.<sup>35</sup> Perguntados sobre que razões levariam os educandos a desistir do curso, salientaram o que se segue.

Educadores de “CDI comunidade”:

*Vou falar as 3 principais: trabalho, arrumou emprego; outra: não tem explicação... O terceiro, diz que está com filho, que não conseguiu. Mas, nesses tópicos que a gente tem, a gente faz reunião pra saber o que a gente pode fazer pra melhorar isso. Prá desculpa que é por causa do filho, a gente chama para o Cyber e ele vai para os jogos educativos. E as meninas [monitoras da lan house] já estão prontas para tomar conta deles também. E tem resolvido. Tem bastante mãe que traz e avó...*

.....

*Quando eu vejo que a pessoa não está interessada isso me dá um abatimento, já não consigo seguir como antes. A evasão aqui é alta, dia de chuva, por exemplo, não vem ninguém. Mas tem demanda, tem ‘lista de espera’, o pessoal daqui mesmo.*

Depoimento de educadora de “EIC” sobre o mesmo problema:

*A maior dificuldade é quando são [educandos] faltosos. Aqui a gente tinha 3 em uma turma e 3 em outra e a gente tinha que abrir horário – que a demanda é grande – alguém que tem problema na família, outra é pessoal, outra arruma trabalho, são casos isolados, nada a ver com a metodologia.*

---

<sup>35</sup> Também no caso da evasão de alunos, as Escolas visitadas não dispunham de um acompanhamento quantitativo. Como alegação geral, a carência de profissionais que se dedicassem ao trabalho de controle administrativo.

Educandos com dificuldades não são relegados ‘ao fundo da sala’. A educadora de uma das Escolas “EIC” busca antecipar-se a eventuais consequências de um atraso no aprendizado:

*Uma vez por semana a gente senta com os alunos e pergunta: - ‘Qual está sendo a sua dificuldade?’ - um fala bem técnico, outro já pessoal e aí [em caso de assunto pessoal], agente passa para a [coordenadora da EIC] que é assistente social. A gente sempre tenta ver qual é o problema, tenta ir bem fundo para saber o real motivo do problema para conseguir ajudar. Muitas vezes não dá para ajudar.*

Encontros periódicos entre a gestora do CDI com coordenadores e educadores das Escolas que assiste <sup>36</sup> lhes auxilia a buscar saídas aos problemas que surgem no dia a dia. E nos encontros entre educadores, as soluções são discutidas para uma troca de aprendizagem.

Segundo depoimento de um dos educadores entrevistados:

*O que a gente troca bastante [sobre dificuldades e facilidades] é quando as pessoas (em geral adultos) chegam aqui desacreditadas nelas próprias, então a gente tem que fazer aquele estímulo nelas.*

• Quanto à conclusão de curso e avaliações realizadas, no sentido do impacto que causam aos educandos, assim se posicionam os educadores de “CDI Comunidade”:

*A avaliação a gente sempre dá uma por final de mês. A gente não faz qualquer premiação. Se premiar um, o outro pode ficar chateado. Mas a gente faz algumas coisas no final do curso: sempre tem que ter uma formatura, com a família, e sorteia um computador. Tem um certificado legal – criado pela gente.*

*.....*  
*Não tem prova de avaliação, na hora [da aula] é que a gente sabe se ele [educando] está aprendendo.*

*[E se ele vai mal?]*

*Existe: aí, na escola tem o ‘assessor’ para fazer o reforço [individual] – que é comigo, eu também gerencio essa parte. Para a [coordenadora da escola] eu passo um relatório de notas, a avaliação dos trabalhos. Tem nota! Se você conseguiu entender bem o que*

<sup>36</sup> Cada gestora vinculada ao Regional RJ assistia um conjunto significativo de Escolas, com as quais agendava visitas periódicas. Eram em torno de 30 Escolas (“EIC” e “CDI Comunidade”), à época, para cada gestora, divididas por área de interesse, ou ‘eixo temático’ (nas Escolas visitadas: ‘Público Infantil’; e ‘Mundo do Trabalho’). Uma gestora poderia ter um ou mais eixos temáticos sob seu acompanhamento.

*foi passado, tem uma nota; de 0 a 10! São 5 módulos de 4 a 6 meses. Na turma da terceira idade, no primeiro módulo, a média foi 7! Depois de cada módulo se manda um relatório [para a coordenadora]. O melhor aluno, o retrato vai para o blog.*

*O aluno crítico [entre os disciplinados e obedientes] é o melhor aluno, porque vai fazer você dar uma melhor aula. Ele 'puxa' as pessoas. Ele quer saber de tudo! Mas quando o aluno não é assim, eu respeito o jeito dele ser, mas eu dou um toque...particularmente.*

Em uma “EIC”, segundo o educador entrevistado:

*Essa parte de avaliação dos alunos, a gente não tem uma nota. Se a gente vê que ele não passou, quer dizer, não consegue fazer as coisas por si só, não tem confiança, tem medo ainda, a gente coloca ele em uma turma nova: como sempre tem uma, duas pessoas que estão nessa situação, a gente abre uma turma nova. E isso foi criado pela gente. E, mesmo assim, quando terminam eles recebem o certificado 'de participação', e isso também é da gente.*

- Quanto às expectativas relativas ao trabalho desenvolvido nas Escolas, seja “EIC” ou “CDI Comunidade”, elas existem, conforme apuramos nas entrevistas.

Segundo o relato do coordenador da “CDI Comunidade”, projeto piloto:

*E em algum momento, 60% da comunidade já vai ter passado por aqui! Talvez daqui uns 7, 10 anos, nós não sejamos mais tão importantes para esta comunidade como seríamos para outra comunidade.*

*A gente vai acabar percebendo que, um dia, a gente já vai ter atendido a todas as pessoas que já vão estar com uma linha de raciocínio dentro da Cidadania. E a gente vai até ampliar para outros locais que não tem tanto acesso a coisas que hoje a comunidade tem.*

*No momento que você mostra que pode ser feita alguma coisa, sem estar pensando em algo em troca, ela pensa: 'por que eu não posso fazer algo sem interesses outros?'*

- Complementando este item, *Inclusão Digital*, no cenário das Escolas CDI, vale a pena ressaltar um elemento que nos parece muito interessante, que aqui ficou pontuado em muitas das falas recortadas de coordenadores e educadores, em maior ou menor grau, mas em toda as Escolas visitadas: há um sentimento de autonomia em relação ao CDI muito forte.

Como exemplo máximo, em se considerando que esta Escola é o projeto piloto do modelo “CDI Comunidade”, apontamos o depoimento de um dos seus educadores:

*A gente chama [a Escola] de 'EIC Terreirão', mas como nós temos o 'Cyber' [e não 'lan house']; o Balcão de Atendimento; aqui tem um nome fantasia que é "Núcleo de Informática do Terreirão" [Vocês então não usam a denominação "CDI-Comunidade"?] "Não, não usamos. Continuamos como "EIC-Terreirão Escola de Cidadania" e aí temos o nosso 'cyber' que se chama "Cyber-CAT" e temos o 'Balcão de Atendimentos' que é o "Terreirão Info-Digital.*

• Quanto aos resultados relativos à proposta da Inclusão Digital, reproduzimos, em recortes, o posicionamento dos entrevistados:

Coordenadores de Escolas "CDI Comunidade":

*O objetivo que a gente se propõe – que é de transformação de vidas e inserção de cidadania – está sendo alcançado. De dar a capacidade da pessoa disputar o mercado de trabalho com outras que fizeram outros cursos. Que eles saiam daqui sabendo coisas que se sabe lá fora também! Não vai ser por falta de conhecimento, pode até ser por falta de vontade ou competência, mas não de conhecimento, que esse, a gente dá.*

Coordenadores de "EIC":

*As transformações a gente escuta, as transformações vem pelo nosso educador – que está aqui hoje e é uma transformação viva – pessoas que relatam que aqui mudou muito sua perspectiva de vida, que não conseguiu o emprego, mas consegue conversar com as pessoas sobre tecnologia.*

*E eu acho que transforma vidas porque elas se sentem mais felizes, mais aptas a fazer coisas novas e a se sentir bem!*

.....

*Nessa questão, se pode dar o exemplo do pessoal da padaria [do bairro] que fez o curso e continuou trabalhando lá, claro, até porque fez a capacitação - as moças pelo que eu vejo continuam lá...! O adulto utiliza essa ferramenta para o mercado de trabalho; mas tem um público da Terceira Idade, que eu acho muito interessante (temos um de 85 anos), que [a informática] é o meio de comunicação que o neto está cobrando, o filho, de estar inserido. Eles adoram."*

E o educador da "EIC" complementa:

*O curso, no todo, ele tem uma visão educativa.*

*A pessoa, às vezes, chega aqui e ela não tem perspectiva de nada. E aí começa a colocar seu olhar para outros horizontes, começa a conhecer as coisas, dentro daquela visão de estar mudando sua percepção de vida. Esse é que é o diferencial.*

● E vamos ouvir os educandos, ao serem perguntados se já usam a informática e/ou a Internet no seu dia a dia – o que poderá nos sinalizar sobre os resultados da proposta de *Inclusão Digital* nas Escolas CDI:

Nas Escolas “CDI Comunidade”:

*Eu já estou usando [a informática] no meu trabalho. Eu fiz um trabalho agora de artesanato, com times de futebol. São camisetas com os times dos pais para o colégio. Então eu pesquisei como fazer as camisetas pela Internet e dei!*

.....  
*Uso Orkut e Msn, sim!*

.....  
*Prá falar a verdade ainda não. [Não usa no dia a dia porque não tem computador.]*

.....  
*Está me ajudando na pesquisa do colégio.*

.....  
*Eu quero ser escritor e eu escrevo todo dia.  
Me ajudou [o aprendizado da informática] até pelo modo de me expressar em relação à ‘cidadania’ e aí eu pude ter uma visão...*

.....  
*Quando eu entrei na Internet depois do curso, foi completamente diferente. Eu via a Internet de maneira diferente.*

.....  
*Antigamente, Internet prá mim era só diversão – mais nada. Hoje em dia não, hoje em dia eu já vejo a Internet como ferramenta prá pesquisa escolar, suporte técnico prá computador e assim por diante. Mas também tem o joguinho: o que você procurar, você acha.*

.....  
*Quando se tem um computador e sai da cultura a informação que o computador lhe traz, você pode ler um livro no computador, pesquisar pelo computador, você cria uma antropologia no computador. A nossa informação é muito travada pelos nossos governantes.*

.....  
*Todo mundo pode ter um computador, parcelar em 20 vezes e ter em casa. Prá quê, se a pessoa não tem cultura dentro de casa? Prá ser subutilizado. Então, se aprende aqui prá virar para o lado cultural da informática.*

.....  
*Eu estou fazendo o curso pelo lado cultural, prá deixar de ser subutilizado.*

.....  
*Aqui [na Escola] eu estou trazendo a cultura para o lado da informática. Antigamente, eu chegava em casa e ficava jogando e falando no Orkut. Hoje não. Hoje eu faço trabalhos.*

*Quando peguei a 1ª.vez em um computador eu tremi! Agora eu já estou bem: já escrevo uma carta, graças a deus!” [Ela nunca tinha tocado em um computador] Quando alguém não sabe entrar [na Internet] eu vou lá e ajudo.*

.....

*Cada curso que eu faço sempre me surpreende um pouco porque vai além do que eu esperava.*

.....

*Eu gosto é das redes [de relacionamento]: Orkut... É que eu tenho 14 anos e estou começando a sair um pouco mais de casa...Sempre tem alguma coisa prá fazer, o pessoal se empolga e chama...E se tem festa na comunidade, o pessoal já me pergunta e eu tenho que saber. (...)*

*Eu uso muito [Internet] para o suporte técnico do computador. Às vezes dá problemas com o sistema, com as placas internas. (...)*

*Sempre tem também alguém que deixa um artigo, eu vou lá e dou uma lida.*

Na voz dos educandos de “EIC”:

*Melhorou [o dia a dia] porque eu uso agora muito no trabalho.*

.....

*Agora que eu aprendi, eu chego em casa e começo a mexer, meu marido fica rindo...às vezes eu fico até chateada que eu acho que ele está zombando (...)*

*Eu uso para falar com a minha família, que é toda de Rondônia. (...)*

*Meus filhos acham muito legal [que ela saiba usar o computador].*

.....

*Eu aplico nos trabalhos escolares, ou fazer uma planilha, um cartão.*

.....

*Eu tenho perfil no Orkut (...) Faço pesquisa... Não uso o computador todo dia não.*

[Alguma restrição dos seus pais?]

*Não. (...) Uso o da EIC, não o de casa todo o dia. (...) Baixo música da Internet, mas não ensinaram aqui não. (...) Jogo eu tenho em casa.*

.....

*Quando eu fiz o word, a minha filha fez aniversário, eu fui para o computador e escrevi mensagens - e não falei para ninguém! Quando chegaram na sala viram aquilo escrito lá, entendeu? Eu fiz tudo direitinho! Quando viram: - ‘Poxa vovó!’- Eu estava no curso e não contei para ninguém!*

[E como você se sente?]

*Sou gente. Eu aprendi. Eu achava que eu não tinha condições de mexer em um computador – como muitas pessoas da escola. (...).*

*Depois dessa mensagem, quando viram o meu interesse, todo mundo se mobilizou e ganhei um computador (...).*

*E quando dizem alguma coisa que eu não gosto, eu digo: – ‘Ah, delete!’ Ou então: ‘Vou dar esc’ - E eles dizem: - ‘Olha mamãe como está, só fala na era da Internet’.*

*Um dia cheguei na casa da minha filha, ela morava perto de mim naquela época, e ela estava no quarto dela, on-line, e não falou comigo. Se eu estivesse on-line, elaalaria, entendeu?*

*Tenho computador e Internet. Meu marido usa, meus filhos, mas eu nunca me interessei – até vir para cá.*

*Prá mim o computador [com internet] vai ser um prazer poder fazer uma pintura – eu pinto com lápis, com tinta, com tudo!*

*E vou poder acompanhar até o meu processo que corre na justiça, sem precisar de ninguém.*

*Eu mando o retrato dos netinhos para os amigos distantes...*

• Finalmente, concluímos este item recortando os conteúdos que nos foram passados pelos educandos das Escolas – “CDI Comunidade” e “EIC” – quando perguntados sobre o que entendem por ‘Inclusão Digital’. Nosso intuito aqui é pontuar a real percepção do educando sobre a importância do aprendizado da informática e sua correlação, se houver, com o método utilizado pelo CDI.

Educandos de “CDI Comunidade”:

*Prá mim, é você pegar uma pessoa completamente leiga em informática, porque não tem muita condição financeira, social, e começar a iniciar ela na informática. Porque é uma ferramenta de busca, de pesquisa, então acho que ela tem uma certa influência no aprendizado do aluno.*

*As pessoas hoje, elas tem que saber da informática. O nível de trabalho exige isso.*

*Ele [o educador] falou, mas eu não me lembro bem*

[Mas você identifica quem é o ‘excluído digital’?]  
*Alguém que não acessa a Internet. Alguém que está fora de muitas coisas.*

Educandos de “EIC”:



*É a tecnologia na sua vida, no dia a dia.*

.....  
*A inclusão digital veio tarde, mas melhor do que nunca. E isso aí não foi uma coisa de governo. Foi uma coisa de pessoas que se disponibilizaram a oferecer isso para a comunidade. O governo era que deveria ter oferecido isso.*  
 .....

*É a gente se atualizar sobre o mundo através da informática. Se eu estou fora, tenho que me incluir! Ouvi falar na televisão.*

O que nos parece mais marcante nas falas, é a noção da importância da tecnologia na vida das pessoas (estudo, trabalho, cotidiano), ao lado do entendimento da *‘Inclusão Digital’* como algo para além do simples conhecimento da informática, ou seja, da exigência de acesso à Internet – o que nos remete à atualidade da problemática da *‘Info-exclusão’* (Castells, 2004).<sup>37</sup> É certo que a prática do debate em sala de aula estimula, nos educandos, a formação de uma reflexão a respeito. E também é certo que as atuais exigências da vida em sociedade, *‘conspiram’* a favor.

#### **4.6** **Escolas CDI: Cidadania**

Neste item, pretendemos tratar da abordagem prática do “*PPP – Proposta Político Pedagógica*” do CDI, ou seja, da aplicação da metodologia propriamente dita nas Escolas CDI. Escolhemos o título de *‘Cidadania’* e não o de *‘Inclusão Digital’* para organizar tais conteúdos, porque, na essência, estamos tratando do uso da informática para a construção e o exercício da cidadania. Trata-se de buscar nas falas de coordenadores, educadores e educandos de que forma se realiza, ou não, a proposta do “*Roteiro de 5 Passos*” . E qual o impacto deste processo na vida das pessoas.

- Começamos pela visão do “PPP”, do ponto de vista de uma Escola “CDI Comunidade”. E, neste sentido, nos reportamos à visão do coordenador da Escola projeto-piloto:

---

<sup>37</sup> Conceito abordado nesta pesquisa no capítulo “*Conhecimento Tecnológico e Informação - a Era da Sociedade Informacional*”.

(...) E também, dentro desse curso básico, a gente implementa a questão social, a questão cidadã. Aí a gente trabalha – da nossa forma - a coisa que o CDI pede que é a questão de discutir a CIDADANIA dentro da INFORMÁTICA.

Da nossa forma, porque o CDI discute a questão de 'Cidadania' muito assim: *MERGULHO na COMUNIDADE*. Cada caso, é um caso. Aqui, como a gente entendeu que criança, jovem abaixo de 16 anos, não tem uma perspectiva real de emprego, a gente poderia implementar esse 'Mergulho na Comunidade'. Mas o nosso público, ele quer mais é mexer com a ferramenta prá poder arrumar emprego. É geração de renda, 'mundo do trabalho' [um dos temas-foco da metodologia]. E, nesse momento, a gente não dá nenhum curso prá criança.

A nossa forma de trabalhar com a cidadania, não é só *essa coisa de 'Mergulho na Comunidade'*.

O 'Mergulho na Comunidade' seria então, coisa para criança, uma simples 'brincadeira'? Interessante entendermos melhor o que significa para este coordenador de "CDI Comunidade" o 'Mergulho na Comunidade':

*Que é o MERGULHO na COMUNIDADE?*

É identificar problemas, esse problema é discutido, esse problema é levado para a associação de moradores ou a órgãos públicos que cuidam dessa questão. A gente até trabalha essa parte. Mas a gente adaptou: para não fugir muito da questão do emprego, a gente adapta todas as ferramentas para a questão da cidadania. Ao invés de fazer um texto qualquer, você tem que fazer um texto ou criar imagens voltados à cidadania. Isso no básico: windows, word, etc. No excel você discute planilha e aí faz de acordo com um planejamento familiar, quanto gasta do orçamento etc.

Utiliza o método PAULO FREIRE porque traz para o cotidiano daquela pessoa. E quando chega o momento Internet, aí a gente aplica novas ferramentas: fotos no celular etc. A gente coloca prá eles que eles tem que se envolver com essa questão. E eles nos trazem essas questões e a gente discute esse material. Por exemplo, eles tiram foto do lixo, qual o problema do lixo aqui etc. Outro exemplo: as árvores do canal estavam muito grandes, aí foram na Associação de Moradores que tomou as providências junto com os Guardiães do Rio para podar as árvores. Intervenção com políticos, a gente não faz. Cada caso é um caso.

Eles [o CDI] querem que se tenha mais intervenções nas questões sociais, ambientais no local. E como eles dão exemplo de determinadas coisas eles acham que tem que se fazer documentos [voltados para órgãos públicos]. E a gente busca não resolver muito dessa forma a questão. A gente procura de outra forma articular isso.

Nos parece mais claro agora, que o 'Mergulho na Comunidade' não se realiza no "CDI Comunidade", projeto-piloto, segundo seu coordenador, principalmente para evitar envolvimento políticos-partidários com pessoas e órgãos públicos. Também, segundo ele, porque o eixo do 'Mundo do Trabalho', que a Escola privilegia, não

envolve problemas comunitários diretamente, e sim, as formas possíveis de geração de renda. E seus educandos são mais adultos que jovens, por isso, visam estabelecer-se profissionalmente. Desta forma, o aprendizado da informática está focado, fundamentalmente, na colocação do educando no mercado de trabalho.

Não abrem mão, entretanto, segundo o entrevistado, de discutir ‘cidadania’, de colocá-la como objeto de pauta no uso das TICs. E, ainda, de elaborarem discussões, se surgirem interesses específicos dos educandos como moradores da comunidade local. E, neste caso, identificam o CDI como o mentor da proposta:

*Mas talvez se o CDI não dissesse que era para discutir cidadania, nós não discutiríamos cidadania. Ou até discutiríamos, mas sem falar em cidadania.*

*Que no momento que você coloca 10 pessoas em uma sala de aula, para ensinar uma ferramenta, que vai ajudar na vida dela, que vai ajudar que ela abra os horizontes, você já está falando de CIDADANIA - indiretamente.*

Para, em seguida, enfatizar a postura independente, relativamente ao CDI, que lhes parece fundamental em respeito à sua trajetória como grupo:<sup>38</sup>

*Mas se não houvesse o CDI para a gente não faria diferença não, até porque a gente já tem essa orientação, já é uma orientação nossa.*

*Estou tentando explicar o seguinte: não sei se em outra EIC se não falasse disso [cidadania], isso aconteceria. Prá gente, a gente já tinha um olhar político: sempre apresentamos a “Paixão de Cristo” - e já colocamos apóstolos que eram mulheres, coisa que em outros locais não acontece - a questão de discussão do teatro com Jesus como uma questão política.<sup>39</sup> Colocamos um Jesus negro, colocamos o vídeo das pessoas que perderam seus filhos por violência. Desde lá, de 96, que a nossa formação é uma questão político-cultural de resistência.*

*Mas o CDI trouxe uma nova discussão, uma nova metodologia que se integrou.*

Os educadores desta “CDI Comunidade” buscam dialogar com os educandos para esclarecer-lhes o uso dos conteúdos de cidadania junto com o aprendizado da

<sup>38</sup> Nas origens desta entidade parceira, através da qual atua o “CDI Comunidade”, havia um grupo de teatro comunitário que já lidava com temas vinculados a questões de cidadania, segundo relato do coordenador. Portanto, já fazia parte da trajetória artística deles falar sobre aspectos sociais e políticos. O grupo tinha raízes com o “Teatro do Oprimido” do dramaturgo Augusto Boal.

<sup>39</sup> Valores religiosos de ‘amor ao próximo’ despontaram, repetidamente, nas falas de coordenadores, educadores e educandos, como um fio condutor das ações desenvolvidas nas entidades visitadas. Acreditamos que permanece no imaginário brasileiro um elo muito forte entre o trabalho caritativo, de raízes cristãs, e as ações sociais voluntárias ditas de ‘cidadania’.

informática – esta articulação ‘Cidadania e Informática’ que nos foi apresentada como um desafio por todas as Escolas visitadas:

*Quando as pessoas vem aqui, elas não sabem que vai ter conteúdo social – é um curso de informática. Então, isso é conversado na 1ª.aula (...): que a gente incrementa, com as ferramentas, a questão do social – que eles não sabem ainda como vai rolar isso. Então cabe à gente saber o perfil de cada turma para poder tá trazendo a questão do social. (...)*

*E tem a apostila, por exemplo, pro ‘paint’, o que pode ser criado?*

*Eles [CDI, através da metodologia divulgada por apostilas,] dão uns toquesinhos – então isso ajudou prá caramba!*

*A máquina é só um meio , a gente visa mais a cidadania do que a informática. Mas o que chama as pessoas para a Escola é a informática, depois é que vão conhecendo e vendo a importância da cidadania.*

Os educadores das “CDI Comunidade” entrevistados, buscam fazer um planejamento das aulas para que os assuntos pertinentes ao tema ‘cidadania’ se integrem harmoniosamente ao aprendizado das TICs. Segundo um dos relatos:

*Ela [cidadania] entra nos momentos certos, que a gente criou um planejamento de aula. E a gente fala nas áreas que pode ser. Até política a gente fala.*

Não se mencionou a elaboração de um “*Mapa de Talentos e Necessidades*” (resultado esperado pelo CDI para o ‘Passo I’: “*Ler o Mundo*”) e nem houve referências a especificidades relativas a outros passos (por exemplo: agregar pessoas de fora para a causa; abraçar os temas tratados em aula e acompanhar sua evolução na comunidade; ou avaliar o desenrolar de todo o processo, ao fim do curso).

Desta forma, nos parece que o ‘modelo projeto-piloto’ do “CDI Comunidade” se concentra nas bem sucedidas abordagens (em seu sentido criativo, ambicioso e de resultados) relativas a *parcerias* e *sustentabilidade*. Quando o tema é “*PPP*”, os conteúdos dos ‘passos’ são os ditados pela Escola – mesmo que ‘inspirados’ pelo CDI.

- E quanto à segunda “CDI Comunidade” visitada, o que pensam seus profissionais sobre a “PPP – Proposta Político Pedagógica” promovida pelo CDI?

Segundo suas coordenadora:

*O que tem de mais educativo no trabalho do CDI é a metodologia.*

*Usar o computador como ferramenta para incluir socialmente. Funciona muito, eu vejo isso na prática.*

*Vejo na vida dos alunos, na minha vida, pela vida das pessoas que passam pelas Escolas [a entrevistada atua como coordenadora em duas Escolas diferentes do CDI].*

O “Roteiro dos 5 Passos” é uma linha de orientação para os trabalhos, mas não há tendência a segui-lo em sua sequência ou na proposição de etapas e conteúdos. Segundo a mesma coordenadora:

*A gente costuma dizer que o CDI tem um modelo, e a gente vai ‘passeando’ por dentro do modelo.*

Entretanto, prevalece a busca da transparência e do diálogo com os educandos e “Ler o Mundo”, efetivamente, é o ‘1º Passo’ em sala de aula:

*Aqui no primeiro dia de aula, praticamente não tem aula. Explicamos o que é a [a entidade] e o que é o CDI; como acontece a parceria com as pessoas físicas; como conseguimos manter o trabalho; para esclarecer que nós somos terceiro setor – então a gente gosta de deixar tudo transparente (...).*

*Aí fazemos uma dinâmica (...).*

*E, depois, combinamos com os alunos as regras que vão valer para atrasos etc. E isso é específico nosso, das nossas aulas, não vem do CDI não... Eles cobram é que não pode ter tanto de atraso etc., mas isso é nosso. A gente acredita que se o aluno ajudar a montar as próprias regras, ele vai cumprir...Sempre tem um acordo, e eles se sentem parte daquela regra.*

*Aí a gente fala sobre o programa do curso. E nas próximas aulas a gente vai introduzindo a informática, a ‘cidadania’. E vai conhecendo o aluno, até para saber o que quer o aluno; e o que as pessoas que moram na comunidade tem em comum: ‘desenha a sua família ...quem mora com você...; quem você gostaria que morasse com você..’ etc. Depois faz a introdução ‘aluno-educando-comunidade’.*

O tema da cidadania irá se integrando às aulas de informática aos poucos:

*Nas primeiras aulas, então, a gente conversa sempre muito com o aluno e se faz uma dinâmica para fazer a integração da turma: a gente primeiro tenta socializar a turma (não entramos com o tema de cidadania direto não!) para depois entrar com a questão da cidadania.*

*Tem sempre um aluno que já tem a CIDADANIA DENTRO DELE<sup>40</sup> e ajuda a comentar isso nas aulas.*

Durante os levantamentos de campo, segundo a coordenadora, ocorreu um “Mergulho na Comunidade”. E ela discorre sobre essa etapa de maneira afirmativa quanto a sua utilização a cada curso:

*Depois que a gente faz esse reconhecimento do aluno e da comunidade, a gente faz o “Mergulho.” (...) Toda a turma vai, com o mesmo propósito, que o professor já começou a trabalhar isso na sala de aula.*

*Aí, no ‘Mergulho’, a gente vai com os alunos até a comunidade. Eles começam a identificar os problemas da comunidade, a gente leva máquina fotográfica, faz questionário (os alunos criam o questionário), é muito legal! Tipo: ‘o que você acha que não está legal aqui na sua comunidade?; o que você gostaria que tivesse na sua comunidade?’*

*Depois desse ‘Mergulho’, a gente identifica uma ação e manda um e-mail para alguém que possa ‘olhar o rio que está sujo’... Aí também pode usar o word/ word-pad; fazer uma apresentação para mostrar o que viu na comunidade; o que está errado etc. - usando a informática”*

*Então: depois do ‘mergulho’ vem as ‘ações’, que são as questões que a gente trabalha em sala de aula, do que se pode melhorar na comunidade, melhorar na sua vida particular...*

E a coordenadora ainda especifica a questão de contatos com órgãos públicos e/ou com políticos, como é tratada na Escola:

*Não, a gente não busca a vertente política ...*

*A gente incentiva assim: deles estarem indo no site dos órgãos públicos, mandando e-mail para o prefeito, para o vereador, para o cara que ele votou e não está fazendo nada. À época de eleição, se faz pesquisa sobre os candidatos; e vai buscar mais informações sobre eles. E os temas atuais, a gente aproveita muito os temas atuais no Brasil...*

E quanto aos resultados das ações empreendidas, assim exemplifica a coordenadora da “CDI Comunidade”:

*Ano passado [2008] a gente fez o desfecho da dengue, foi legal, porque Jacarepaguá era um índice altíssimo de contaminados e, então, começamos a trabalhar e no final do ano fizemos um evento maravilhoso com teatro, com filme, pegamos as pessoas da comunidade para entrevistar e fazer o filme, fizemos um curta que foi parar em SP, no*

---

<sup>40</sup> Achamos linda e original a expressão usada e a enfatizamos.

[evento] CDI. *Foi bem legal, conseguimos também juntar outras escolas nesse desfecho.*

*Outro exemplo: a gente identificou uma igreja que estava caindo aos pedaços, igreja histórica aqui da Colônia [Juliano Moreira], fechada, interditada, e que hoje reformaram através da nossa ação. A turma foi lá, fotografou, começou a divulgar na própria comunidade – ‘Por que que a igreja está assim? Precisamos fazer alguma coisa...’ – mandamos e-mail para a Prefeitura, e hoje a igreja está reformada!*

*São ações que a gente começa, pode não terminar dentro dos 6 meses [do curso básico], mas vê os resultados depois.*

A integração do tema ‘cidadania’ ao aprendizado da informática, também nesta “CDI Comunidade”, é um desafio, contornado através da busca de um planejamento das aulas e de um bom conhecimento do perfil dos educandos.

Segundo um dos seus educadores:

*Na primeira aula do ‘panting’ eu peço para eles desenharem o caminho que eles fazem da casa deles até aqui; o que viram; e o que não gostaram de ver: - ‘Ao sair, você deparou com um esgoto? Você gosta daquilo que você vê, você se sente bem?’- ‘Ah não...!’- ‘Então vamos procurar o seu direito?’” E é assim que a gente faz com o conteúdo da Cidadania.*

[E com os alunos mais jovens?]

*Aí, a gente leva numa espécie de brincadeira: - ‘E aí, você viu o cavalo? Como é que ele estava? Gosta de passar assim neste local que tem esses lixos?’*

[E acha que tem conseguido resultados?]

*Consegue, porque eles levam tudo para a casa deles. E tudo começa dentro da nossa casa! Muitos mudam o comportamento dessa casa.*

Nesta “CDI Comunidade”, há a aplicação do método do CDI conjugado a uma sistematização administrativa, ambos articulados entre coordenadora e educadores, o que tende a facilitar a inserção do tema ‘cidadania’ às questões da informática.<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Uma das características mais marcantes desta Escola “CDI Comunidade” é a integração dos profissionais que formam sua equipe. Integração facilitada pelo fato de que os educadores conhecerem-se desde a infância e a coordenadora exercer uma liderança profissional forte, mas também afetiva. A prática de trabalho da equipe envolve relatórios e reuniões periódicas, o que possibilita o aprimoramento das ações. Existe também um diálogo constante com os parceiros financiadores e com o CDI. Segundo depoimento da coordenadora: “*Trabalhamos sempre em equipe: o professor, acabou a aula dele, vai preencher a ficha de presença e vai colocar o que ele deu na aula. Se ele faltar, na próxima aula a gente já sabe onde ele parou. Os educadores também participam da reunião mensal com o parceiro; a gestora [do CDI], às vezes. Nosso acompanhamento das aulas dos educadores é diariamente. Acabou o dia, ele manda a planilha [das aulas] por e-mail, se eu não estiver aqui. E manda para o parceiro também. E esse esquema funciona muito bem. Todos eles [educadores] foram meus alunos, então, acostumaram com o esquema de trabalho que era meu.*”

Segundo a coordenadora, o desafio ‘Cidadania e Informática’ é constante, e lhes exige atenção para achar brechas e introduzir temas. Não é incomum, buscarem manchetes do momento para iniciar uma discussão em torno do tema da ‘cidadania’ – assuntos às vezes trazidos pelos próprios alunos:

*Então a gente não tem dificuldades [com o tema ‘cidadania’].*

*A única dificuldade que a gente ainda tem, até hoje, é relacionar algumas coisas, algumas matérias de informática junto com a cidadania.*

*Mas, às vezes, eles próprios chegam com alguma questão: igual essa coisa que aconteceu agora do Michel Jackson – ‘professora, não se descobriu se ele queria ficar branco mesmo, se ele era racista?’ , aí já se começa a falar de ‘racismo’ e depois nem lembra mais do que estava falando...Mas é tentar aproveitar o máximo daquela discussão...*

• Direcionando agora nossas pesquisas para as “EIC”, descobriremos que, nas Escolas deste modelo visitadas, o ‘Mergulho na Comunidade’ assumidamente nunca acontece ou é muito raro.

Percebemos que talvez outros elementos, para além dos já apontados, contribuam para a exclusão ou baixa utilização do ‘Mergulho na Comunidade’: baixos padrões de segurança nas comunidades; pouca disponibilidade do próprio grupo em sair à rua; tráfego intenso com vias de pedestres estreitas no bairro etc.<sup>42</sup>

Nas quatro Escolas visitadas – seja “EIC” ou “CDI Comunidade” - de qualquer forma, o “Roteiro de 5 Passos” nunca foi citado. Permanece, entretanto, a valorização dos conteúdos de cidadania, conforme veremos. A coordenadora de uma “EIC” assim se posiciona, relativamente:

*Este curso de informática está mais ligado a parte de ‘cidadania’, um curso para a comunidade que visa tirar essas pessoas da exclusão digital - o curso propõe que elas não fiquem mais à margem da situação.*

*Então ela [pessoa da comunidade] faz sua inserção nesse ambiente computacional, o que faz com que repense sua prática, sua vida, questões de bairro, questões de mundo.*

*A formação é básica, mas em que ele [educando] pode descobrir que tem novos talentos, em que ele pode ter novas oportunidades. É diferente de outros cursos que tem aí fora.*

<sup>42</sup> Tais inferências nos ocorreram, a partir de uma avaliação pessoal do entorno de algumas das Escolas visitadas e durante entrevista com alguns dos educandos.



Da parte da educadora desta “EIC”, também existe total assentimento à integração ‘Cidadania e Informática’. E ela ainda cita uma experiência de intervenção na comunidade, que não se concluiu a contento do grupo:

*O que a gente sempre diz aqui: o respeito ao cidadão.*

*Quando ele precisar de algum auxílio, ter a quem recorrer nesse auxílio, que é um direito dele, saber correr atrás disso. Ou pela Internet ou elas mesmas estarem correndo atrás.*

*A gente fala que ‘uma andorinha só não faz verão’, tem que ter uma mobilização. Teve um caso de um esgoto a céu aberto, elas pegaram montaram um questionário, fizeram uma pesquisa, foram à associação de moradores. Teve retorno, mas não foi bom...*

- Na segunda “EIC” visitada, o educador nos explicita sua visão da metodologia, a partir do aprendizado, passado aos educandos, de uma visão crítica do mundo e à ação pelo coletivo - o que nos remete diretamente ao “PPP”:

*Eles [CDI] tentam nos passar uma visão crítica para tudo! – ‘Ah, aquele garoto cometeu um delito, um furto, mas não é a situação que a gente vai julgar (-‘Ele é o errado, ele fez aquilo errado’- ) Mas que tem coisas por trás daquilo, né? E agente tem que passar aos alunos essa visão crítica do mundo. Tudo tem um ‘porque’, tudo tem um ‘porém’.*

*Eles [CDI] nos dão uma visão crítica daquilo e agente tenta passar para os alunos o ‘Por que que aquilo aconteceu?’; ‘O que fazer para aquilo mudar?’; ‘Mesmo que não possamos fazer, vamos pensar o que fazer para aquilo mudar...’*

*Na aula a gente procura que o aluno dê a sua opinião. É deixar que eles pensem. E depois: - ‘A quem recorrer?’- Coisas, por exemplo: ‘saneamento básico’, - ‘A quem a gente vai poder recorrer? O que se pode fazer?’- Então a gente faz pesquisa, busca Associação de Moradores...*

*A ideia do CDI é que tenha uma escola em cada comunidade para que se mais faça esse trabalho, por exemplo, os alunos que apontam um problema, já viram as causas, já viram o que podem fazer por aquilo, a quem recorrer? – ‘Ah à Associação de Moradores!’ Não são atitudes separadas individuais, são atitudes da turma.*

- Em outro momento, agora não mais focando exclusivamente na metodologia mas ainda direcionando ao tema ‘cidadania’, nossa pesquisa buscou saber junto aos educadores o que eles consideravam ‘ser um cidadão’, Neste sentido, buscávamos entender um pouco mais o pensamento do educador sobre o tema ‘cidadania’.

Como nos foi trazido por um dos educadores da “CDI Comunidade”, projeto-piloto:

*Na minha prática de cidadão, ‘CIDADANIA’ é a palavra-chave que a gente tem que saber o seguinte: conhecer os nossos direitos – e isso é o que eu prezo mais na palavra ‘cidadania’. Na comunidade muita gente não conhece seus direitos. Muita mesmo. E quando sabe, ela corre atrás disso. Conhecer os direitos é muito importante.*

E quando encaminhamos a mesma questão ao educador da outra “CDI Comunidade”, nos foi dito:

*‘CIDADANIA’: é isso o que a gente está vivendo: poder melhorar mais e mais à nossa volta. Quando o policial me para eu digo – ‘Eu sou um cidadão daqui da Cidade de Deus’ - Mas aí, muitas vezes, ele trata o pessoal como marginal. Que que o marginal faz? Rouba, mata. O cidadão já é o oposto disso, entendeu? Ele ajuda, ele trabalha, procura fazer as coisas corretas. É assim que eu vejo ser cidadão.*

Ou ainda, conforme nos traz um outro educador do mesmo “CDI Comunidade”:

*Convivência uma pessoa com a outra. Conviver bem entre pessoas. Isso é ‘CIDADANIA’.*

*E saber respeitar, saber dar o seu lugar para as pessoas dentro de um ônibus, saber levantar para uma pessoa mais velha, eu vejo até que não só para uma pessoa mais velha, mas para alguém que está precisando. Eu vejo assim: ah, eu trabalho, mas entra dentro do ônibus uma moça que já trabalha mais do que eu, mais anos do que eu (...).*

*E voluntário é isso também: você saber se doar!*

• Quanto aos educandos, também fomos a eles para indagar ‘se haviam ouvido falar sobre cidadania’. Seguem-se as respostas, por modelo de Escola:

Educandos de “CDI Comunidade”:

*Eu sempre pratiquei capoeira. Sou ‘contra-mestre’ de capoeira e, voluntariamente, eu ia com meus 2 mestres e amigos, que também são professores, davamos aulas, gratuitamente, para 2 comunidades (uma do lado da outra) na extensão da Linha Amarela.*

[E naquele momento você exerceu sua cidadania?]

*É, naquele momento eu estava voltado à sociedade. O ensino é fraco, mas ele [aluno de capoeira] tinha que estudar e aí tinha as aulas”*

[E você identifica o trabalho do CDI nessa linha?]

*Completamente. Idêntica.*

[Você identifica pela prática ou pelo discurso?]

*Pela prática.*

.....  
*‘CIDADANIA’ é estar incluído no meio social. Consciência de todos os seus deveres e obrigações.*  
 .....

.....  
*‘CIDADANIA’, além do que ele [acima] falou, é a maneira de você olhar o seu próximo.*  
 .....

.....  
*É ajudar o próximo no que você puder; é estar cuidando do meio ambiente em que a gente vive; é dizer ‘bom dia’ pro vizinho, que a pessoa tem que ter mais comunicação com o outro.*  
 .....

.....  
*Já tinha ouvido falar, o que foi novo foi os direitos e deveres das pessoas. O que eu sabia era do social.*  
 .....

.....  
*Estou mais ciente do que eu era antes.*

[O que é cidadania para você, então?]

*Assim: o CDI, muita gente daqui queria fazer o curso mas não tem condição. Eles abrem as portas para muitas pessoas, gente que nem sabia o que era um computador ou um mouse, um teclado, entendeu? Tinha medo de tocar no computador!*

*Então, ter a oportunidade de fazer um curso quase de graça, que não poderia fazer de outro modo, então, isso pra mim é ‘CIDADANIA’. Então não está pensando só neles, está pensando em ajudar o próximo.*  
 .....

.....  
*‘CIDADANIA’ é a vida em comunidade, é dentro de casa; é a forma que você age com as pessoas, que você age consigo mesmo - vamos dizer assim: é um conjunto que engloba tanto do que você faz e deixa de fazer, até a forma que você pensa e retribui as coisas.*

Educandos de uma “EIC”, assim se colocaram relativamente à mesma questão:

*Um bom cidadão procura estar sempre integrado com as coisas da sua cidade, do seu país, até porque – graças a deus – nós temos direito a voto, somos livres, podemos falar o que pensamos. Então, um bom cidadão para mim, é aquele que lê, se informa, coloca a sua opinião, pode ficar em cima do muro por conveniência, mas ele tem uma cabeça, ele pensa.*  
 .....

*Já [tinha pensado sobre o que era cidadania antes], mas não me aprofundava. Quando você passa a conviver com as pessoas que falam sobre aquilo, porque antes eu passava por certas coisas e [gesto de ‘não era nem comigo’]. Agora não, quando eu passo e vejo, - ‘caramba’ - e eu já disse: temos que fazer um novo ‘Mergulho’, vou cobrar.*

Infelizmente, na segunda “EIC” visitada, obtivemos respostas tais como: “Começamos há pouco [3 semanas] e eu faltei a primeira aula”; “Eu também faltei as primeiras aulas.” - ‘Mas, [perguntamos], e ao longo das aulas seguintes, falaram sobre ‘Cidadania’? [Silêncio dos quatro educandos]: “Eu soube que aqui é uma instituição filantrópica.”; “Não ouço falar nem ser discutido [cidadania] aqui.”

Por outro lado, nesta mesma “EIC”, também coletamos depoimentos como o que se segue:

*O exercício da cidadania você faz de várias maneiras: no uso da Internet eu reclamo de várias coisas que eu vejo e não gosto: mando carta para o jornal (eu sou assinante do ‘Globo’) reclamando do trânsito daqui; das cias de transporte - mando e-mails para elas. É exercício de ‘CIDADANIA’: é através desse veículo que eu gosto de me manifestar!(...). E pago contas no banco através do ‘Internet Banking’ – estou exercendo minha cidadania!*

Colocações de coordenadores, educadores e educandos, nas variadas abordagens sobre o tema ‘cidadania’ (metodologia; integração com a informática; conceitos etc.) nos levam a uma primeira consideração: as quatro Escolas visitadas – independente de aplicarem, ou não, o ‘Mergulho na Comunidade’ - adotam elementos do “PPP – Proposta Político Pedagógica”, significativos à reflexão e à ação cidadã dos seus educandos.<sup>43</sup> Neste sentido,<sup>44</sup> consolidamos os seguintes elementos como resultados do método:

(a) Internalizar nos educandos um conceito mais amplo de ‘cidadania’, vinculando-o aos direitos civis (liberdade de credo e de etnia; liberdade de pensamento; de circular livremente em sua comunidade etc.); aos direitos sociais (direito à coleta do lixo e ao saneamento das casas, como parte dos direitos à saúde pública; direito equânime à qualidade de vida etc.); e aos direitos políticos (votar e cobrar trabalho, àqueles em quem votou);

<sup>43</sup> A frequência com que os assuntos relativos à cidadania são objeto de abordagem, em sala de aula, é que varia bastante. Não podemos esquecer que existem ainda dificuldades em integrar no plano de trabalho, conforme citado pelos coordenadores, ‘Cidadania e Informática’. De qualquer forma, a dificuldade maior está evidenciada em uma das “EIC”, especificamente a que não recebia visitas do gestor do CDI há um ano.

<sup>44</sup> Aqui nos reportamos diretamente aos *exemplos citados* pelos entrevistados.

(b) integrar esta visão mais abrangente dos direitos de cidadania ao 'dever' de tentar mudar as realidades que prejudicam a todos na comunidade, agindo em ações formais e coletivas, dirigidas ao poderes públicos (Estado) ou às Associações de Moradores locais (Sociedade Civil Organizada); ou ainda, através do trabalho voluntário;

(c) A constatação de que 'ser cidadão' também implica em buscar harmonizar-se 'com o próximo'; conviver com as diferenças de forma respeitosa; comunicar-se com a sociedade; acolher necessidades de outros, para além de interesses próprios etc; e

(d) A construção de um novo olhar, no qual 'criticar' não significa 'julgar' - separando o julgamento às falhas humanas (de ordem moral) da crítica de cunho político (de ordem cidadã).

Tais elementos agregam, em seu conjunto, novas percepções, que podem levar a novos questionamentos e novas atitudes cidadãs.

Como um adendo, solicitamos a coordenadores, educadores e educandos, um apoio à nossa pesquisa no sentido de ajudar-nos a pensar o que seria '*Cidadania Digital*'.

Aqui seguem as reflexões que conseguimos apurar nas entrevistas:

● Educandos:

*Continuar o trabalho da cidadania: ajudar através da digitação, da informática.*

*Prá mim, CIDADANIA DIGITAL é a pessoa que está incluída no mundo digital.*

*Tem um nome registrado na Internet, prá mim, já começa a ser um cidadão. (Não adianta o computador em casa, tem que ter a Internet.). O computador, ele é um meio para que haja uma comunicação (...), a partir do momento que a pessoa se conecta à Internet, ela já está sendo cidadã. (...)*

*E aí representa o mundo e o mundo tem vários tipos de pessoas. No mundo digital também tem os deveres e os direitos. Ela aceita um programa da Internet e, depois, ela vai ter o dever de cumprir com aquilo (...).*

*Tem traição também pela internet [nas redes de relacionamento]. E é muito comum [invasão de privacidade]: tem hackers que invadem pelo orkut.*

*Eu nunca pensei nesse tema. Mas pensando agora, eu acho assim: é a pessoa ter o conhecimento do que é o mundo digital; encontrar as possibilidades que estão por aí; ter acesso a tudo – não tudo, mas ao que é útil; e aí buscar, cada vez mais, se*

*aprimorar, tomar ciência daquilo que está ocorrendo no mundo...Se apossar do que tem direito! As pessoas tem muito assim, os deveres. Os deveres são muito claros. E os direitos não! E quando são sabidos, estão muito mais no papel do que na prática.*

● Educadores:

*Tudo parte da consciência. Estragam o equipamento em casa, as pessoas vão e jogam no lixo. Questão do monitor também. Tem até uma reportagenzinha que foi feita aqui e foi pro site sobre 'Lixo Digital'.*

*Então tem a parte de consciência, e de passar essa consciência de 'CIDADANIA DIGITAL' no uso da Internet: de como usar a Internet e o conteúdo da Internet. Então tem vários momentos. O que busca e o que não se busca na Internet. E a gente que fica na fila do banco sem saber que na Internet tem o extrato bancário.*

.....  
*É você usar a tecnologia da informática para o bem.*

*Se você precisar fazer uma pesquisa para o que você precisa, trabalho de escola, porque muita gente utiliza essa tecnologia para fazer coisas erradas, entendeu?*

*Sempre que surge tecnologia nova no mundo, algo que é criado para fazer algo bom, o homem sempre traz uma utilidade ruim pra ela.*

.....  
*As pessoas que se sentem excluídas desse meio, que não conseguem recursos para estar fazendo um curso... é ['cidadania digital'] uma forma de cidadania.*

*Faz parte do direito do cidadão ter conhecimento, das pessoas terem acesso a isso através da informática.*

.....  
*Seria uma pessoa utilizar as tecnologias para o bem de uma forma positiva pra si, a inclusão digital, e para o todo, a sociedade.*

● Coordenadoras de "EIC" e "CDI Comunidade", nesta ordem:

*É um misto de coisas, na verdade 'CIDADANIA' é você poder ter acesso; você poder falar; você poder ser escutada...*

*E acho que quando você coloca nas ações comunitárias e quando leva para um curso de informática que tem que ser uma formação cidadã e não uma formação só pela informática, eu acho que a 'cidadania' é você olhar o 'outro' com outros olhos: com outra perspectiva de futuro; com outra perspectiva de vida - mesmo que você não consiga, que a gente sempre tem que sonhar...*

*Então eu acho que o CDI promove a 'CIDADANIA DIGITAL', através do oferecimento de oportunidades diferenciadas em vários setores e [ao] descobrir o seu talento através de um projeto.*

.....  
*CIDADANIA DIGITAL é você usar a ferramenta, pra questão da cidadania.*

*Usar a ferramenta para você ajudar outra pessoa; usar a ferramenta prá pesquisa; prá construção da própria metodologia.*

*A vivência das aulas vem da teoria. A gente usa a teoria do [PAULO] FREIRE para alinhar a nossa prática pedagógica.*

Portanto, no termo ‘CIDADANIA DIGITAL’, há uma abordagem geral, muito interessante, de consciência crítica do uso da Internet, integrada ao melhor proveito, pessoal e coletivo, do mundo digital. Uma forma de ser cidadão, em direitos e deveres, também no uso das TICs.

Reflexões, a nosso ver, sintetizadas no ponto de vista da coordenadora da “CDI Comunidade”, qual seja, *uma prática pedagógica para a inclusão digital, que se inspira no educador Paulo Freire, para promover a consciência de cidadania. Desta forma, a nosso ver, também para combater as desigualdades sociais.*

Finalizando esta abordagem sobre ‘Cidadania’, vamos falar um pouco sobre o uso do trabalho voluntário nas Escolas CDI.

Como consequência de não haver, à época dos levantamentos, no CDI, um projeto de organização de seus voluntários, não nos foi possível aferir quantas pessoas trabalham, efetivamente, como voluntários nas Escolas.

O que apuramos nas quatro Escolas, é que somente uma delas preocupava-se em acolher colaborações de terceiros e ajustá-las às suas necessidades, tanto quanto, em definir um ‘gestor’ para apoio ao grupo de voluntários agregado à equipe. Essa Escola é uma “CDI Comunidade”.

Nas outras Escolas, utilizava-se a categoria ‘voluntário’ para redução dos custos de salários dos educadores (classificado como ‘provimento para ajuda de custos’); para integrar ex-alunos como ‘monitores’, mas que realmente não eram voluntários, porque o objetivo final era se capacitarem para atuar como futuros educadores; e ainda para integrar novas funções, como por exemplo, ‘atendente de *lan house*’, da mesma forma para não inflacionar a folha de pagamentos da Escola.

Em outra linha, agora ajustada ao que, por Lei Federal, se considera ‘trabalho voluntário’,<sup>45</sup> o que apuramos é que, com frequência, jovens estrangeiros vem

---

<sup>45</sup> Lei Federal nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998.

colaborar espontaneamente no CDI Matriz, em geral durante suas férias universitárias, intermediados pelas agências do CDI no exterior. Ou, ainda, quando empresas parceiras disponibilizam seus colaboradores, em Programas de Voluntariado Empresarial, para, por exemplo, um ajustamento técnico de programas e/ou processos da Rede CDI.

Portanto, a linha do CDI tem sido estimular a inserção profissional dos jovens das comunidades às equipes de trabalho nas Escolas – e não a de acolher voluntários.

O nó, se podemos chamar assim, das instituições parceiras usarem, eventualmente, a categoria ‘voluntário’ para remediar os custos de profissionais contratados como educadores, monitores e/ou atendentes, prende-se, em nossa opinião, à alta carga tributária que agrega-se ao salário, no Brasil (mesmo em atividades voltadas ao apoio a áreas de risco social), situação agravada pelos padrões de sustentabilidade financeira das Escolas, um processo ainda em construção ou insuficiente. Neste sentido, os investimentos privados tem ocorrido, mas tem sido dirigidos, principalmente, na modernização das máquinas; na adequação dos espaços para novos serviços; no apoio à instalação das *lan houses* - em suas exigências específicas de agregar novos acessórios e programas de informática, por exemplo; da extensão da área física da Escola; e de materiais.

Entretanto, o trabalho voluntário acontece nas Escolas - presente nas festas (ações pontuais) e, excepcionalmente, em ações de apoio administrativo.

Segundo o coordenador do “CDI Comunidade”, projeto-piloto:

*O resultado está no ritmo, até porque a gente percebe que boa parte das pessoas – não só no nosso eixo de informática, mas também no todo da grade de cursos que nós temos – grande parte delas, acabam voltando e ajudando: quando a gente realiza festa para as crianças, elas se tornam voluntárias...*

Em uma “EIC” visitada, por exemplo, tentou-se implantar a função de educador da Escola somente através de trabalho voluntário – mas não deu certo.

Segundo sua coordenadora:

*O que a gente sempre teve dificuldade, foi trabalhar a questão do voluntariado.*

*Quando o voluntariado chega à instituição tem um tempo de curso pré-determinado para que a pessoa saia daqui aprendendo e o voluntariado se perdia no meio do*



*caminho, largava, porque ele também tem os seus compromissos, né? E tem o seu trabalho... que aqui recebia apenas uma ajuda de custo para a passagem.*

*Então, a gente tinha dificuldade de ter o trabalho do CDI vinculado com o voluntário e aí era uma rotatividade muito grande de pessoas. A gente teve, no início, uns 5 educadores! Então resolvemos ter uma funcionária.*

Entretanto, na perspectiva de tornarem-se “CDI Comunidade”, através da instalação de uma *lan house*, brevemente, a coordenadora volta a pensar em estruturar um atendimento com base no ‘trabalho voluntário’. Mas agora, alicerçados na Justiça Federal, a partir de sua proposta de *cumprimento de penas alternativas* – o que pode ser extremamente útil à entidade mas, a nosso ver, não se aplica ao que se possa denominar ‘trabalho voluntário’ - esta uma ação calcada na espontaneidade da doação pessoal, característica precípua do voluntariado.

Vejamos seu depoimento:

*No CDI-Lan a gente vai ter que trabalhar com um voluntariado, mas diferente, tipo assim: a gente hoje tem voluntariado que cumpre ‘penas alternativas’ através do seu trabalho aqui. Chegam pessoas que vem para faxina, mas também os que entendem de computador, então eu acho que esse tipo de voluntariado hoje [os que cumprem penas alternativas através da prestação de serviços à comunidade] dentro desse espaço aqui [lan house] funciona, como serviço de atendimento – educador na escola não.*

*Por aí você sabe que pode contar com aquela pessoa, porque ela tem que cumprir aquela pena.*

Creio ser importante delinear, nesta pesquisa, a intenção de um trabalho voluntário administrado, proposta que acontece na outra “CDI Comunidade” visitada.

Segundo a coordenadora da Escola:

*Trabalho voluntário é doação. Doação do tempo, principalmente do tempo.*

*A [voluntária] da limpeza, por exemplo, ela doa o tempo dela, para fazer o que ela pode, o que ela sabe fazer. E ela não tem vergonha – porque ela é aluna também – dos alunos chegarem e verem ela limpando, sabe, ela totalmente se doa.*

Segundo esta coordenadora, iniciou-se, em 2009, a organização do trabalho voluntário na Escola – a partir da proposta, do CDI, de passarem de “EIC” para “CDI Comunidade”.

No esquema montado, um dos três educadores da Escola atua também como ‘coordenador dos voluntários’, sem vencimentos – desta forma, ele mesmo um

voluntário. Lhe cabe acompanhar o dia a dia dos que se disponibilizam ao trabalho voluntário e ensinar-lhes os passos da função escolhida, ou seja, ‘capacitá-los’. Segundo ele:

*Trabalho voluntário é motivar as pessoas a querer aprender. Você no trabalho voluntário depara muito com pessoas que dizem – ‘não, vou desistir...’- eu aí, não como voluntário, a pessoa não quer [estudar], então tudo bem, vou deixar ela ir... Mas você como voluntário, você deve também puxar a pessoa, para ela poder aprender mais. Ela querer aprender mais. Então um voluntário serve para isso também.*

A coordenadora da “CDI Comunidade” nos fala sobre a estrutura de gestão deste trabalho – onde a função de ‘coordenador de voluntários’ ainda se confunde com a categoria de ‘estagiário’ que reverte, institucionalmente, os educadores da Escola.

*Temos de 6 a 7 voluntários. A gente não tem problemas com voluntariado...Temos um estagiário para organizar o trabalho dos voluntários.*

*[É mais na parte operacional?].*

*É prá capacitar a pessoa também. Às vezes ela quer ser voluntária mas não tem muita segurança, aí ele fica até ela caminhar sozinha.*

*Temos alguns alunos que acabam se tornando voluntários por conhecer o trabalho e a escola. Ajudam na limpeza; na organização das pastas e material; na ligação para os alunos faltosos etc. Tem 2 voluntários, que vem 1 vez por semana cada um, prestar serviços para a comunidade (digitar CV, baixar contas, ajudar em pesquisa escolar etc), serviços que a gente faz pela lan house. São ex-alunos que passaram pelo básico e estão disponibilizando o tempo deles para estar atuando aqui na Escola. E outra aluna, vem 3 vezes na semana; outro que vem 1 vez por mês; outro de 15 em 15... e uma fonoaudióloga!*

*Temos um ‘Termo de Voluntário’ que ele [voluntário] assina.<sup>46</sup> Houve capacitação de 2 voluntários, durante 4 meses, voltada para conteúdos técnicos em um curso denominado ‘Curso Capacitatório’ (exemplo: ‘montar um vídeo’; ‘verter um vídeo para passar para o DVD’; ‘como tirar as fotos da máquina digital’ etc.), com conteúdos que não constam do curso de informática básico.*

*A ideia é que o voluntário possa atender as pessoas na prestação de serviços à comunidade – via Projeto CDI – Lan [projeto do CDI voltado à instalação de lan houses nas Escolas CDI Comunidade].*

Finalizamos a abordagem do trabalho voluntário nesta “CDI Comunidade” visitada, através do depoimento de uma de suas voluntárias – aquela mencionada no depoimento inicial da coordenadora da Escola:

<sup>46</sup> A assinatura de um ‘termo de compromisso’ está prevista na Lei do Voluntário, de 1998, que exige para o exercício do trabalho voluntário a não existência de vínculo empregatício e a não remuneração das atividades desenvolvidas, mas prevê a reposição de despesas correlatas - se ocorrerem.

*Estou servindo de voluntária porque estou passando por um período desempregada, em busca de emprego, e surgiu a oportunidade de fazer esse serviço aqui. Eu nunca tinha feito serviço voluntário, eu via a propaganda, o Toni Ramos falando: 'seja um amigo da escola', mas eu nunca procurei saber o que tinha pra fazer pra ser.*

*Eu cheguei aqui através do curso, terminei agora essa semana passada, quase 1 ano de curso de informática, vim por uma conhecida evangélica, que já fazia curso aqui e estava gostando muito (...).*

*Me tornei voluntária justamente através disso, porque comecei frequentando e nisso adquiri uma amizade com seu [financiador do projeto] e através dessa amizade eu fui e comentei com ele que eu estava desempregada, se ele soubesse de uma oportunidade, que ele pudesse me indicar. Um belo dia ele me ligou, eu estava em casa: 'você tem alguma coisa para fazer durante o seu dia?', falei 'não', 'você se incomodaria de dar 2 horas do seu tempo, vir para cá prestar um serviço aqui, de recepcionista?', falei 'não me importo não'. Ele falou assim: 'você fica 2 horas do seu dia, porque está entrando pessoas que tem conhecimento empresário, então através disso pode surgir uma oportunidade, de você ser apresentada a uma empresa'. Eu falei 'tá bom' (...).*

*Eu vim sabendo que não ia ganhar, mas não sabia que isso era 'Trabalho Voluntário' (pela [coordenadora] depois eu descobri).*

*Eu já estou há 3 meses aqui. Eu não tenho dia certo, pra eu vir, eu venho dia sim dia não, mas, se tiver muita coisa pra fazer, venho 2 dias seguidos. O certo mesmo é 2 dias, (assim, de 14 às 18h, são 4 horas) mas tem semana que eu venho até 3 dias. Hoje eu fico com a parte da limpeza, que era do [um dos três educadores da Escola] porque eu me ofereci – que na recepção não tinha nada mesmo pra fazer (...).*

[Como você se sente?]

*Eu me sinto bem, até pelo fato que eu já estou desempregada desde o início de fevereiro, eu ficando em casa isso me deixava muito pra baixo, você ali sem ter o que fazer, sem expectativa, sem iniciativa, e o fato de eu vir para cá isso me faz bem, porque me ocupa o tempo e eu não me sinto uma pessoa inútil, entende? Pelo contrário... (...)*

*Poder ajudar é o que me motiva mais. Eu inaugurei o trabalho voluntário aqui!<sup>47</sup>*

A pequena amostra de casos acima descritos, sinalizam que as Escolas CDI ainda se encontram distantes de um entendimento correto do que consiste, efetivamente, o 'trabalho voluntário'. Neste sentido, qual a sua função na sociedade; quais os seus objetivos em uma entidade social; como compatibilizar as necessidades institucionais e as expectativas pessoais do voluntário, e outras tantas especificidades

<sup>47</sup> Depoimento de V., 32 anos, ex-educanda, reside com sua filha de 15 anos na comunidade local, próxima à Escola. Como voluntária, trabalha sozinha na limpeza de toda a Escola, uma "CDI Comunidade". Entrevista gravada em 15 de julho de 2009.

que conformam a singularidade das suas ações. O que não impede que as pessoas continuem a disponibilizar-se, oferecendo o seu melhor.

Enfim, basicamente, a questão fundamental é sempre como acolher e reter - produtivamente e com dignidade - esse rico capital social, que é o trabalho voluntário, e dar-lhe um suporte de gestão adequado – dessa forma, evitando eventuais manipulações e malversação funcional, que levam ao seu fracasso, inevitavelmente.

#### 4.7

#### **Escolas CDI: Desigualdades**

Na última abordagem deste capítulo, buscaremos através dos depoimentos de coordenadores, educadores e educandos entrevistados, verificar se o objetivo proposto pelo CDI – Comitê para a Democratização da Informática, para suas ações, ou seja, o de *‘transformar vidas’*, se tem verificado, realmente, na prática.

O título *‘Desigualdades’* foi então escolhido porque é essa a linha de pesquisa para a qual este trabalho está voltado: queremos saber se incluir digitalmente adultos, jovens e idosos tem significado abrir-lhes portas à inclusão social, tanto quanto, lhes estimulado saltos, em qualquer grau, de transformação de suas vidas e/ou da coletividade. Se este cenário se verifica, estaremos frente a um processo pedagógico válido ao enfrentamento das desigualdades sociais no Brasil.

Se o projeto do CDI, o “PPP - Proposta Político Pedagógica”, metodologia inspirada no educador Paulo Freire, está transformando vidas, fazendo emergir agentes de transformação em comunidades pobres, nos espaços organizados junto às entidades parceiras do CDI, na cidade do Rio de Janeiro, queremos saber pela palavra daqueles que mobilizam esse processo, que vivenciam ativamente essas experiências: coordenadores, educadores e educandos das quatro Escolas CDI visitadas.

Vamos agora aos depoimentos sobre *‘transformação de vida’*. Uns falam através de depoimentos pessoais, relatam sobre suas vidas que tomaram novos rumos após tornarem-se coordenador ou educador na Escola. Outros, refletem sobre o que ouviram e acompanharam em suas turmas de informática. Outros ainda, sinalizam suas percepções de mudança de forma curta e objetiva. Vejamos:

- Coordenadores de Escolas “CDI Comunidade” e “EIC”:

*A minha história já estava traçada com o CDI – só que ninguém sabia.*

*Eu fiz um curso do CDI lá na comunidade Santa Marta e não concluí porque eu morava muito longe, morava no Morro do Salgueiro. Aí, depois, eu fui fazer alguns cursos de inclusão digital, mas aí eu fui para a área administrativa e fiz vários cursos (secretariado, telefonista etc.) e acabei indo para administração.*

*Eu comecei a trabalhar com 16 anos, mas aí eu só estudava. Tive que ajudar minha mãe que tinha 3 filhas e era 'doméstica' e fazia o curso de 'ascensorista', e estudava também. E meu pai porteiro, então, eu comecei a trabalhar cedo. Fui trabalhar em uma casa em Botafogo, ajudando uma professora de piano. Eu ajudava a organizar os papéis; limpava a sala; e fiquei lá até os 19 anos.*

*E aí eu arrumei meu primeiro emprego [sem carteira] e fui trabalhar no 'telemarketing' em uma cooperativa - e aí eu já tinha o 2º Grau, já tinha colocado o CV em outros lugares e fui convidada para trabalhar como recepcionista no Shopping Tijuca [com carteira]. Aí, em poucos dias, fui convidada para trabalhar como secretária em outro local, em Ipanema – com salário, cargo e local melhor.*

*Aí eu comecei a faculdade de administração, que era o meu foco, e no 2º. período a empresa faliu e saí da faculdade porque não tinha mais dinheiro para pagar.*

*E aí fui convidada para trabalhar no [instituição filantrópica evangélica] para montar uma sala de informática, porque a empresa que eu trabalhei era de informática (...) Não era com o CDI, era projeto do [instituição filantrópica evangélica] com os órgãos públicos.*

*Montamos a sala e eu comecei a lembrar do trabalho do CDI e a estudar um pouquinho mais sobre inclusão digital. Eu ia ficar só 3 meses, no período do auxílio, porque não era mesmo o que eu queria, pedi para não assinar minha carteira. Mas aí eu me apaixonei pelo trabalho e acabei pedindo para assinar que eu queria ficar. Eu tinha feito formação para professora - meu 2º. Grau foi no Instituto de Educação – e aí eu vi que era a minha área, não sabia porque eu tinha fugido disso...*

*Eu já conhecia o CDI de longa data – e pesquisei muito material sobre o CDI, tentava me aproximar, até que recebemos a visita de um voluntário do CDI, entramos em contato e escrevemos um projeto. Em 2007 tivemos a felicidade de ser uma EIC. Hoje somos CDI Comunidade!*

*Eu acho que o mais importante é usar esse acesso [às TICs] para transformar vidas. Porque o processo educativo na ferramenta, se você tem o conteúdo, e não sabe como usar, não vai valer na sua vida. (...) E quando tem essa metodologia do CDI é : 'gente o mundo se abriu prá mim'...!*

*É isso que te paga o trabalho no terceiro setor, não tem dinheiro que paga a felicidade de outra pessoa, você vê o cara tá crescendo, a TRANSFORMAÇÃO de VIDA NAQUELA PESSOA.*

*Você sente que a semente foi plantada, que ele [educando] não está a mesma coisa que quando entrou.*

.....

*O objetivo que a gente se propõe – que é de TRANSFORMAÇÃO de VIDA e INSERÇÃO DE CIDADANIA – está sendo alcançado.*

*De dar a capacidade da pessoa disputar o mercado de trabalho com outras que fizeram outros cursos.*

*Quando você obriga ela [pessoa] a pensar, ela começa a participar, mesmo sem saber, indiretamente – ‘ha, não gosto de política...’ – já vai agir com preocupação com determinadas coisas, tentando corrigir alguma coisa dentro da sua casa, corrigir a própria vida. Isso a gente percebe com as conversas.*

.....

*Eu acho que a questão de transformar vidas é muito pessoal: nós, pessoas, é que podemos transformar as nossas vidas. Eles [CDI] fazem uma AÇÃO MOTIVADORA para que as pessoas possam transformar as próprias vidas delas.*

*[Você tem visto essa ‘transformação de vidas’?]*

*Tenho, eu vou lhe dizer que sim. As TRANSFORMAÇÕES a gente escuta, as transformações vem pelo NOSSO EDUCADOR – que está aqui hoje e É UMA TRANSFORMAÇÃO VIVA – pessoas que relatam que aqui mudou muito sua perspectiva de vida, que não conseguiu o emprego mas consegue conversar com as pessoas sobre tecnologia.*

*Eu acho que ‘TRANSFORMA VIDAS’ porque elas se sentem mais felizes, mais aptas a fazer coisas novas e a se sentir bem!*

.....

*Aí até por conduta, por jeito de agir, por consciência – então isso a gente consegue perceber!*

.....

*[Você acha que 2 vezes na semana, a informática com os conteúdos de cidadania, você acha que podem mudar hábitos?]*

*Eu acho que sim! É aquilo, é uma gotinha, para mudar a mentalidade...mas acho que pode sim! Se todo mundo trabalha, a gente tem que acreditar também. Mas é aquela coisa: você vê a palavra, mas tem que ver a prática também.*

*Que às vezes eu vejo: - ‘fulano, olha o copinho plástico no chão, não tem uma lixeira...?’ - meninos que já passaram [pela EIC]... Já foi feito esse trabalho e continua a fazer as coisas errado!*

**Educadores de Escolas “CDI Comunidade” e “EIC”:**

*Falar de família é meio difícil.. Minha mãe me teve e meu pai nunca me criou, fui criado sozinho pela minha mãe. Quando eu tinha 2 anos minha mãe me deixou em um orfanato (...) - eu os outros educadores. Então as pessoas falam: ‘Quem foi seu pai?’ - ‘Ah, meu pai foi o [nome do orfanato], minha mãe foi minha mãe e quem me criou foram os funcionários e funcionárias do [nome do orfanato],...’ Então, desde criança, eu tive um contato muito grande com pessoas, que o [orfanato], na minha época,*

*abrigava 350 crianças! (...) Minha mãe é doméstica, teve que abandonar os estudos, casou cedo e teve filho cedo – eu sou o caçula dos homens, minha mãe teve no total 7 filhos (...). Eu mal ficava em casa, passava mais tempo estudando no [orfanato] do que em casa! (...) As coisas boas eu guardo bastante.*

*Então eu era como qualquer um, em volta dos outros. Eu tinha um grupo que a gente era muito unido mas, por escolha da vida deles, eles se separaram. Pela visão dos outros, a gente era como os outros, só que eu, particularmente desde quando eu me conheço por gente, sou uma pessoa muito caridosa.*

*Desde criança, eu tive aquela facilidade de ensinar: eu nunca tinha alimentado isso, mas sabia que tinha isso em mim! Eu nunca tinha explorado esse campo meu, mas estava oculto.*

*Pôxa, eu chegava em casa e falava para os meus amigos: ‘Sou professor de informática’ - e tal, e as pessoas diziam: - ‘Nossa, que bacana!’- Isso paga o salário de uma pessoa, você escutar um aluno falar que fazia um curso de informática pago e depois faz um curso de informática de graça com um garoto: eu tinha 18 [anos] na época! E eles falaram que foi o melhor curso que eles já tiveram, que aprenderam mesmo. Que não adianta você perguntar, todo mundo vai dizer sim! Mas você vê os olhos deles: que eles aprenderam e saíram daqui motivados.*

*Hoje **EU ME VEJO de EXEMPLO** para muitas pessoas. Meus amigos já me veem como professor e eu gosto dessa responsabilidade! E eu gosto de desafios, gosto de me destacar onde eu estou .*

*A [gestora do CDI] me ensinou a ensinar (...).*

*Porque desde pequeno eu sabia que eu tinha o meu potencial, mas **EU NÃO SONHAVA** (...).*

***Agora imagina eu me formar como engenheiro na escola mais disputada do Brasil?** (...) [este educador preparava-se, á época da entrevista, para tentar ingressar no ITA-Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São Paulo].*

***AGORA EU CONSIGO ME VER CHEGANDO ONDE EU QUERO.***

*O que me prende mais aqui é a vontade de **AJUDAR a MINHA COMUNIDADE**. Se eu tivesse que trabalhar na sexta-feira em outro serviço, eu nem apareceria [Ele atua como educador de 2a. a 5ª. feira na Escola. E sexta seria sua folga, mas ele vem “dar uma força na gestão”].*

*[A gente ouve que o CDI transforma vidas. A sua vida foi transformada?]  
Foi. A questão do conhecimento, do espaço no mercado de trabalho. Essa coisa de conviver com o público, você não só ensina, você troca o tempo todo.*

*[Você se vê vocacionada como professora?]  
Eu tenho uma perspectiva maior: de fazer a faculdade de informática (já tenho o 2º. Grau).*

.....

*E eu era um aluno sonso: de armar bagunça e não botar culpa, porque era o articulador, minha mãe nem era chamada na Diretoria! (...) Era tudo rebeldia. Mas quando comecei a trabalhar com CIDADANIA [como educador] comecei a me questionar – ‘Nossa, será que isso vale a pena?’ - (...) Eu já sabia coisas lógicas, mas não sabia pelo social. Comecei a trabalhar com o social meu: comecei a me questionar, a viver a minha vida, a me imaginar futuramente. Então começou a abrir a mente para uma coisa que eu não sabia: que era a CIDADANIA.*

● Educandos de Escolas “CDI Comunidade” e “EIC”, ainda cursando, falam sobre suas expectativas de futuro:

*Informática dá futuro, então estou estudando um pouquinho mais, me aprofundando mais. Quanto à carreira, não penso ainda não. Só penso em estudar agora (...).*

*Pro ano quero prestar concurso prá um colégio federal, aí esse ano estou mais centrado.*

.....

*Já que eu não posso pagar, vou arrumar um curso [universitário] barato dentro da minha casa. Porque tem curso de educação à distância que você faz pela Internet.*

.....

*Penso em fazer trabalhos para uma firma, como telemarketing, em que eu já trabalhei. Pelo computador é mais possível ainda: você entra no e-mail da firma, dá o preço, se agradar tudo bem; se não, não... Depois daqui eu já vou fazer um 2º curso [de informática na EIC]: prá poder aprender a consertar.*

.....

*Faço 2 cursos aqui. O básico e o de manutenção, espero poder trabalhar em casa.*

.....

*Eu já me sinto mais livre, porque quando a gente se sente presa isso é ruim. Quero fazer mais cursos. Já transformou a minha vida, porque eu era uma pessoa muito parada, eu era muito triste, aí a minha vida mudou completamente!*

[Você se sente melhor com você?]

*Claro! Eu me sinto uma nova mulher. Sério, eu era muito triste, chorona. Porque eu não podia nada, nada... Eu pedia coisas para o meu marido, para os meus filhos e eles não ligavam, não tinham paciência comigo. Eu chegar aqui, para mim, é um passo muito grande. Mostrei para eles que eu sou capaz!*

.....

*Eu achei um caminho e abri uma porta. Minha vida vai mudar.”*

.....

*Meu filho falou: - ‘Mãe, a sra. tendo web-cam tudo vai melhorar: a gente vai se ver e vai se falar [o filho está no México] e a sra. vai acompanhar os meus passos onde eu estiver!’*

*E eu vou aprender, se deus quiser, eu vou aprender!*

.....



*Olha, mudar a vida não vai. Mas vai facilitar, é uma ferramenta fantástica. Eu acho que a gente fica mais incluído fala a mesma linguagem, entende o que está sendo falado.*

.....  
*Prá mim, psicologicamente, acho [que a vida vai mudar alguma coisa]!*  
 .....

*Já vejo diferença, os meus primos me pedem uma força prá consertar o computador deles; já ganhei dinheiro com a galera de casa, prá começar por baixo mesmo [O educando, que tem catorze anos, ri da própria frase].*

*[E quanto você cobra para consertar ?]*

*80 reais é a base de preço que eu cobro e o pessoal daqui [Escola] cobra também. Aqui tem uma cooperativa, tem os professores e alguns alunos também. Aí a galera vem prá cá, sempre aparece computador prá gente fazer e a gente faz.*

*O que me mudou bastante, foi a questão da ÉTICA. Foi bastante abordado no curso a questão da ética, como agir em certas situações e tal, isso eu acho que me mudou bastante também. Acho que é legal seguir: ‘Não faça aos outros o que você não quer que façam com você’.*

*O que eu faço agora vai ter muita influência no futuro. Prefiro então, tratar as pessoas com respeito prá que eu também seja tratado com respeito. Não adianta ter maturidade para umas coisas e para outras ‘não estar nem aí’...O conteúdo social, se você tentar levar sempre isso e discutir mais isso, quer seja em casa, em algum lugar público, com colegas, acho que isso sempre influencia até porque a criança sempre vai ter influência de alguém, ninguém consegue ser autodidata em CIDADANIA.*  
 .....

*Através do CDI eu já tenho a minha lojinha de informática.*

*[Mas você não tinha uma pizzaria?]*

*Tinha, mas aí passei a trabalhar com a informática com montagem e manutenção.*

*[E você está se dando bem, melhorou a renda?]*

*Graças a Deus! Mas ainda está um pouquinho apertado porque faz pouco tempo, no início é só investir. Estou satisfeito e a cada dia estou aprendendo mais, estou aqui todo o dia para aprender!”*  
 .....

*Minha vida já mudou. Porque agora eu posso sentar no computador, na minha casa, e quando eu tiver Internet, mexer e falar com o mundo! Se tiver que elaborar um convite, uma lembrança? Eu sei fazer. Mudou a auto-estima.*

E para finalizar os depoimentos sobre ‘transformação de vidas’, reproduziremos aqui o conteúdo recortado de uma entrevista que tivemos com um jovem educador de duas Escolas CDI. Ele havia sido contratado, pelo CDI Matriz, para trabalhar junto às equipes da Rede CDI, pois identificaram em sua história de superação de vida e competência de trabalho, um caso exemplar de ‘agente de

*transformação* - que, esperam, desperte capacidades e inspire motivações aos educandos das Escolas CDI, no Rio de Janeiro:

*Meu nome é (...), tenho 20 anos. Minha família vem do Paraná e sou nascido no Paraná, mas quando fiz 5 anos a gente veio morar aqui no Rio de Janeiro. (...). Viemos morar em uma comunidade no Rio de Janeiro conhecida como “Complexo do Alemão”.*

*E lá é onde eu fui criado, conheci o pessoal, a comunidade, enfim, e uma coisa que tomou conta da minha vida quando eu já fui sendo adolescente com 12, 13 anos, eu fui conhecer as drogas. E isso foi ficando grande na minha vida, isso foi crescendo até o momento que eu estava com necessidade de fazer parte de todo aquele processo de organização que existe na comunidade: eu seria mais do que apenas um simples usuário.*

*E isso foi crescendo para mim, eu via a necessidade de estar me envolvendo, me envolvendo, até o tempo em que eu fazia parte dessa organização. Organização criminosa que a gente tem aqui no Rio de Janeiro. E, para mim, como no “Complexo do Alemão”, a gente não tem projeto social, não tem educação de qualidade, a gente é apenas mais um favelado, isso foi o que eu encontrei para a minha vida.*

*A minha mãe tinha que trabalhar o dia todo, a gente ficava em casa sozinho e tal, a minha irmã foi morar com essa outra irmã que mora em outro lugar, com o pai dela, e ficamos morando lá e eu ficava o dia todo em casa, sem fazer nada, ia à escola voltava com o pessoal da comunidade.*

*O tráfico recruta a pessoa bem baixo e eu comecei lá de baixo, segurando fogos, fazendo pequenos serviços, e fui crescendo no tráfico. Fui sendo conhecido por toda aquela hierarquia do tráfico, fui passando por aquilo tudo até o momento que eu cheguei a ser um traficante: pessoa que vendia, pegava com o gerente aquela droga toda e vendia.*

*E isso foi o que eu tinha para a minha vida. Essa era a ideia de vida que eu tinha: ser bandido. E o que é o bandido na comunidade? Bandido é o cara que manda, é o cara que é o responsável, que está por cima de tudo, o que sabe, o que põe leis, ele é ‘o cara’, então, o que eu queria para mim?*

*Tinha 14 anos, era jovem, queria ser visto, ser reconhecido: “Ah fulano?... Mexe com fulano não, e tal...” E isso é o que acontece com o tráfico, é constante.*

*E isso depois de várias operações que teve foi que ocorreu a minha primeira apreensão. Fui pego, fui agredido, fui torturado prá tá contando onde estavam os chefes e tal, e eu não queria contar, não acharia certo, porque eu aprendi isso, lá no tráfico eu aprendi que a gente tem coisa a cumprir: “Você quer coisa para você? Então é assim, assim...”.*

*E se você não fizer assim, assim, você morre! Simplesmente isso. Ou seja, sua vida não vale nada! Hoje eu sei isso, né? Enfim, eu sofri por isso, foi um choque para minha mãe.*

*Eu fui encaminhado para a instituição de menores infratores, a do Padre Severino, que fica ali na Ilha do Governador, e chegou lá, o sistema é muito falho, a maioria dos funcionários acha que o menor infrator vai aprender através de pontapé e chutes. Existe uma pequena minoria que sabe que o trabalho tem que ser social, de educação. Mas não, a maior parte acha que o menor vai se ressocializar através de porrada, pontapés e chutes.*

*Foi isso, eu sofri bastante quando estava no Instituto Padre Severino, porque não existia menino de branquinho e de olhos verdes lá. E isso foi uma coisa que eu sofri bastante, porque eu era considerado pelos funcionários como ‘filhinho de papai e de mamãe viciadinho’, que foi preso por estar envolvido com algum tráfico na Zona Sul. Eu não morava na Zona Sul, morava no “Complexo do Alemão”, na Zona Norte, não é lugar de rico, é o “Complexo do Alemão”: conjunto de favelas, são três favelas e foi ali que eu cresci, entendeu, foi ali que eu fui criado, e isso foi criando uma mágoa, assim, com o próprio sistema.*

*Eu achava que aquilo ali não tinha desculpa, e eu queria sair logo para poder estar voltando para a vida que eu tinha, com mais ódio ainda, querendo fazer mais e pior. E isso para mim era normal.*

*Eu fiquei dois meses, fui avaliado, e o juiz me liberou com uma medida sócioeducativa. Do qual eu não cumpri. E voltei para o “Complexo”.*

*Mas o que acontece, quando você volta para a comunidade sem, como se diz na gíria, “ter dado mole”, que nem se fala no morro, você é recebido de braços abertos e com uma promoção. Você é visto como ‘o cara’: ‘Esse é o cara, mané, ele foi preso, não entregou ninguém, não falou onde está as coisa...’. Que você faz parte daquilo, você faz parte dessa empresa, você faz parte disso, então você tem que saber onde estão as coisas... Então eu não podia contar porque se eu saísse, o que que acontece? O próprio polícia entrega você. Por que é uma coisa muito suja, infelizmente, você hoje não pode confiar no cara que está fardado. É um absurdo, mas é...*

*E aí voltei para o tráfico. Cheguei lá, fui abraçado novamente, ganhei um cargo bom, dessa vez eu fui transferido para um lugar para eu estar fazendo parte da doação da droga do “Complexo do Alemão”, ou seja, toda a droga que chegava era distribuída em cima de uma mesa, era misturada com tudo que a gente mistura, depois que já vem daquele processo, vem em tabletes e tal, e aquilo a gente ia misturando. Por exemplo, a cada quilo de cocaína pediam prá gente colocar cinco latinhas de “Pó Royal”, que faz bolo, prá crescer, prá ficar, para o lucro ser maior.*

*E com isso a gente conseguia fazer uma administração boa com tudo que chegava. A droga que vinha, por exemplo, a maconha, a gente misturava fezes de vaca, prá tá rendendo mais e mais...prá poder o lucro ser maior, prá poder sobrar mais dinheiro, prá comprar mais coisas, prá poder tá recebendo melhor, prá poder...prá poder... E era isso, essas eram as minhas decisões a partir que eu voltei da instituição e era responsável por toda a embala e aí tinham as pessoas que eu ficava cuidando, as pessoas embalando e tal, e ali eram feitas as cargas, essas cargas eram separadas, e o gerente-geral que comanda o tráfico, depois do chefe, vinha e pegava comigo e levava, e todo o final de semana acertava as contas comigo e passava para o cara...*

*E com todo esse processo eu fui levando mais um tempo na minha vida. Até os dezessete anos. Quando eu tinha dezessete anos, depois de dezenas de apreensões no “Complexo”, mais uma vez eu fui pego. Só que dessa vez eu fui pego em casa. Chegaram certinho onde eu estava. Inexplicável, mas, enfim... E dessa vez que me pegaram de novo, já sabiam meu nome, já sabiam tudo e, mais uma vez, fiquei com o rosto totalmente deformado. Até hoje eu tenho o nariz quebrado. E minha roupa era amarela, ficou vermelha de sangue. Tenho marcas no rosto de coronhada.*

*São coisas que a gente leva para o resto da vida. Mas foi o aprendizado que eu ganhei. Prá eu poder sentir, eu tive que viver.*

*Mas dessa vez eu fiquei internado no Hospital Geral de Bonsucesso, quase uma semana para eu estar me recuperando um pouquinho, para estar sendo encaminhado de novo à instituição que eu já tinha ficado.*

*Aí eu fui chegando lá e o pessoal funcionário me viu; “Ah, aquele moleque do jornal...”. Porque eu fui notícia, onde eu morava saiu, a maioria dos moradores do “Complexo” comprava o jornal. No lugar que minha irmã morava todo mundo sabia que eu era irmão dela... Foi um vexame para minha família. Para minha irmã, que sofreu bastante com isso.*

*Enfim, fui para essa instituição, novamente, e foi até nessa época que tinham traficantes gêmeos que moravam no “Complexo do Alemão”, ‘Irmãos Metralha’, não sei se você lembra, foi nessa época, a época em que foram presos, mortos, nessa mesma operação. Um deles ficou de cadeira de rodas, depois disso, hoje em dia os três já faleceram. Mas eu fui encaminhado para essa instituição no Padre Severino, depois fui transferido prá Bangu, fiquei oito meses, e depois o “Complexo” entrou em caos. Por que eles morreram e estavam decidindo quem era o cara que ia ficar de frente agora. Eles eram quem comandava tudo. Eu era muito querido por eles, estava sempre fazendo o papel direitinho. Foi uma coisa que eu aprendi com o tráfico; fazer sempre o certo. O certo pelo certo. Graças a Deus eu nunca estive envolvido com nenhum homicídio, mas vi coisas sinistras. Aí eu tive que dar um tempo para voltar para o “Complexo” de novo. Eu não sabia quem é que estava chegando, qual era a intenção dele. Porque já tinha acontecido de estar chegando um novo, então era assim: “esse pessoal aqui vai morrer”, o meu pessoal, e aí você não sabe o que vai acontecer... tinha que dar um tempo, não podia chegar assim: “Cheguei!”*

*Aí eu fui encaminhado para uma instituição de semiliberdade, de atendimento ao menor, que é o CRIAM, e lá, nessa instituição, existia uma Escola de Informática do CDI: uma EIC.*

*Quando eu cheguei, tinha um educador que era funcionário do sistema, do Degase, imagina, um educador que era funcionário de uma instituição de meninos infratores, então você guarda aquele conceito de unidade fechada de funcionário, que é o primeiro conceito que você aprendeu, que você carrega com você.*

*‘Aí cara, beleza, quem é você?’ - ‘Quero papo com funcionário não. Tô aqui marcando cinco, depois vou meter o pé.’ - ‘Pô que isso, fica aqui com a gente, tem curso de informática aqui’ - ‘Curso de informática? Prá que que eu quero isso na minha vida? Não me interessa isso não!’ - ‘Pô que isso cara, faz um curso com a gente.’*

*Aí o que que acontece, a única atividade que tinha no CRIAM é informática... E eu ia fazer o quê para passar o tempo? E aí, um certo dia eu estava no atendimento técnico, conversando com os meninos, e passei pela sala de informática e ele estava com a porta aberta, mexendo com os computadores, olhei prá sala, aí ele me chamou lá prá dentro, eu fui...*

*‘Aí, ô cara, essa é a nossa sala que eu chamei você prá conhecer... Tem ar condicionado... Um ambiente legal, entendeu? Aqui a gente pode tá criando e-mail prá você conversar com sua família lá fora...’*

*Ele já usou uma linguagem que me interessou. Aí ele disse: ‘Você não precisa usar um tempo prá ficar aqui? Então, me dá um mês, um mês de curso aqui (que os cursos lá são feitos por módulo, cada módulo dura um mês) que você vai aprender uma coisa legal que você vai levar prá sua vida’. Eu: ‘Ah, não custa nada, tá bom. Amanhã, a que horas que é?’ - ‘Nove horas da manhã.’ - ‘Beleza!’*

*Fui, sentei, nem liguei muito tal... Mas aí quando deu nove horas eu esqueci, aí ele foi me chamou, eu fui. Ele começou junto com os outros meninos as aulas, não sei quê...Eu pensei, não estou fazendo nada nesse CRIAM mesmo, vou prá lá passar um tempo... Aí através das aulas o que acontece, o W., o educador, ele é capacitado pelo CDI, ou seja, ele já sabe quais os assuntos a tratar nas aulas, o que se deve elaborar com os meninos.*

*E os outros meninos, que já estavam fazendo curso, me diziam ‘Vamo lá cara, é legal, vamo lá...’ Porque já tinham conhecido, e eu, estava novo: ‘Prá que que eu quero isso, cara, não quero isso prá mim...’*

*E aí, no primeiro dia, a gente trabalhou um tema legal que foi ‘preconceito de comunidade’, tive meu primeiro acesso de mexer no ‘mouse’.*

*Aí eu até imaginei uma coisa assim: ‘Pôxa, esse computador aqui, deve valer um dinheiro...quando ele virar as costas, posso pegar e chegar na comunidade com um computador...’*

*Aí, vai um dia ele explicou que computador valia muito mais do que dinheiro...*

*E isso foi um mês. E foram ficando interessante as aulas e eu fui começando a perguntar algumas coisas, foram surgindo dúvidas e eu fui interagindo com as aulas.*

*E passaram-se quatro meses e eu me formei no curso básico do CDI. Que lá são quatro meses, quatro módulos: ‘windows’, ‘word’, ‘power-point’ e ‘internet’. Aí, vamos abrir ‘excel’? Depende da escolaridade dos meninos’.*

*E eu me formei e já estava sem ter o que fazer no CRIAM. E eu tinha sido eleito pelo W. como um dos melhores alunos. O que mais se destacava, o que mais perguntava nas turmas, aí ele perguntou: ‘Cara, você não está fazendo nada à tarde, né? Quer vir aqui prá me ajudar, prá poder tirar ‘xerox’ prá mim ou ajudar alguém que tiver tendo mais dificuldade? Você já tá safo já...’*

*Porque a rotatividade lá é muito grande. E eu fui, fiquei ajudando ele na sala. (...)*

*Aí eu fui aprendendo a lidar com essa situação...E aí minha família ficou sabendo que eu estava fazendo o curso de informática, minha mãe ficou assim contente e tal, e minha irmã: 'Caramba, você tirou um certificado de informática...!'*

*E isso foi uma coisa nova prá mim. E aí eu já podia ir para casa no final de semana, as coisas foram ficando mais tranquilas, a aí conversava com o pessoal: 'E aí, cara, como é que está o curso de informática? Quando é que você vai voltar aqui prá parada? Não sei cara, tem que cumprir a parada lá primeiro...depois eu venho...'*

*É que eu fiz uma promessa para os meus parentes que eu iria cumprir as medidas, porque você fica com 'mandado de busca', enfim...iria ficar lá, até tudo voltar como era antes... E fiquei, e aí meu tempo estava acabando no CRIAM, a liberdade estava chegando depois de oito meses, e eu fiquei assim pensando, eu não vou ter acesso mais à informática, vou voltar para a vida que eu tava...aí o W. falou: 'Cara, está tendo curso no CDI, primeiro curso para capacitação de educador do CDI...' (...)*

*E aí eu fui vendo coisas legais, ele foi falando coisas legais e minha mãe falava também e ele já vive isso lá, ele tem dez anos de CRIAM! E quatro anos de EIC! Então ele sabia o que eu estava precisando, o que eu estava querendo...qual era a minha intenção ali. E ele soube tratar isso. Foi capacitado pelo CDI e sabia trabalhar com o público. E ele me fez a proposta: 'Vai lá pro CDI...' (...).*

*E aí, tudo bem, eu tinha ainda que ficar assinando no CRIAM... E fiz capacitação inicial no CDI, em Del Castilho, por três meses. Então terminei a capacitação...isso foi em junho de 2007, mais ou menos, aí quando eu acabei a capacitação o CDI entrou em contato com o W. e disseram que fizeram uma parceria com a "Vale" [empresa brasileira de extração de minério] e conseguiram recursos para estar pagando salário de um educador durante um ano no CRIAM. E como eu estava saindo 'fresquinho' da capacitação...o W. me chamou e perguntou se eu gostaria de estar trabalhando com ele lá como educador. Eu falei assim: 'caraca, como é que vai ser isso assim, como é que eu vou chegar no morro: ih, meu, eu não quero mais isso prá mim, agora, tenho outra vida...'*

*Cheguei lá, conversei com o cara e tal, e eu lembro até hoje, depois ele até faleceu... Irão, se é isso que você quer prá sua vida, se esse bagulho aí de CDI é uma parada nova pá tu, é uma parada que vai te fazer bem, tu não quer mais isso aqui pá tu, vai em frente. Tranquilo. O que tinha prá lidar com a gente aqui tu já fez, segue em frente...'*

*Não, não é comum. Se você for o cara que representa na hora que tem de representar, se você não deixa falhas, sempre é transparente com eles, pessoa que se pode confiar... Mas se você passa uma pessoa que é dúvida prá uma organização criminosa, lá era o "Comando Vermelho", se você deixou falha na sua trajetória, deixou faltando alguma coisa, se faltava algum dinheiro, se na carga que você entregava sempre faltava uma ou duas...você é um ponto de interrogação...e pede prá sair assim do nada... 'pô, porque esse cara tá querendo sair...? Vem dando mole direto e agora quer sair...?'. Mas eu sempre fui fazendo um trabalho transparente lá com eles. Então, eu tinha uma credibilidade. E era criado lá com eles.*

*E aí o W. me chamou, fez o contato comigo, eu cheguei lá no CRIAM, ele: 'Cara, você vai trabalhar com a gente agora, você começa segunda-feira, se você quiser, é claro,*

*ou você quer voltar prá aquilo tudo que você tinha...?’- Não cara eu não quero voltar, eu quero ficar aqui’. (...).*

*E você vai entendendo... Então eu vi que poderia estar trabalhando com esses meninos, com uma linguagem que os outros não tinham. Isso é uma coisa rica que eu aprendi. Foi o que eu percebi nesse momento. Foi o despertar!*

*A partir disso a gente começou a fazer esse trabalho, dentro da EIC. (...)*

*Hoje eu ainda trabalho lá nessa instituição. Hoje eu posso dizer que faço parte da vida de muitos meninos. Tem menino que aprendeu informática comigo e depois trabalhou no Detran, tem outro que passou pelas aulas que eu dei e hoje tem uma banda de música evangélica e ele aprendeu a digitar as músicas que hoje ele faz, tem um outro que mora em Sepetiba e trabalha em outro ramo – mas essa visão foi muito boa para ele ver que poderia ser um trabalhador, mas não do crime. Essa vivência foi importante para a vida dele...*

*Hoje tem um menino que a partir dos assuntos elaborados na EIC e da vivência dele no CRIAM, ele descobriu o talento que ele sabia jogar futebol e hoje ele está treinando no Vasco da Gama, um time grande...*

*Então, é um impacto positivo que a gente está tendo na vida desses adolescentes. (...)*

*E aí depois que eu segui esse caminho de educador, eu e minha mãe mudamos do “Complexo do Alemão”. A influência é muito grande e eu pensei, conversei com a minha família, eu namorava uma menina lá do “Complexo”, e ela acompanhou toda essa minha trajetória.*

*E nesses 3 anos foi assim: minha vida deu mil voltas, passou um furacão. Assim, uma vida nova, né? (...)*

*E depois a gente identificou que o CRIAM, aonde ele está, não tem tráfico, não tem assalto, é uma comunidade bem calma. É lá em Santa Cruz. É um bairro comum. E teve a necessidade da comunidade estar aceitando o CRIAM ali. Apesar do CRIAM já existir ali há 20 anos, a comunidade não tinha aceitado, não via o CRIAM como um lugar de ressocialização. Porque o Degase criou o CRIAM para ser um lugar de ressocialização. E agente viu a necessidade de estar abrindo as portas da comunidade, para os de fora terem o curso profissionalizante. E depois de muita ‘autorização’, de muitos ‘e-mails’ e telefonemas – a gente conseguiu...*

*Abrimos a Escola para a comunidade. No começo foi difícil. Vinham uns 5, vinham uns 6... E hoje a gente tem mais de 200 da comunidade... (...).*

*A questão do infrator é que ele não ‘é’, ele ‘está’ infrator... Aquilo ali um dia passa. Cabe ao adolescente decidir se ele quer isso para a vida dele ou não...E cabe a nós que temos a possibilidade de estar oferecendo a ele uma nova oportunidade, mostrar o caminho diferente para ele seguir.*

*Algumas pessoas da comunidade pensaram que a gente ia separar [moradores da comunidade local dos jovens infratores] (...).*

*E foram coisas que foram acontecendo na minha vida e foram pagando todo aquele dinheiro – eu não recebia mal no tráfico, comparado com o salário que eu tenho hoje, eram cinco vezes mais.*

*Ou seja, é o dinheiro...mas a partir que eu deixei de ser 'aquele do tráfico', eu fui deixando certas coisas: droga, festa, todo o dinheiro, passava 3 dias, você não tinha dinheiro para mais nada... Você deixa essa vida de lado e você começa a ter outra. Você vê que o dinheirinho que você vai ganhando, a cada mês, rende mais, você fica mais feliz, entendeu...? São coisas assim, que não tem palavra para explicar... Só vivendo para você ver o que acontece mesmo.*

*(...) Hoje o CRIAM é visto como uma unidade com curso gratuito para a comunidade. Hoje a gente tem curso de 'montagem e manutenção', gratuito. Hoje no CRIAM, cumprindo medidas sócioeducativas, existem 12 meninos. Mas já teve época de ter 65 meninos dentro do CRIAM. Dos 12, existem 2 meninos que chegaram novos essa semana – naquele processo de adaptação à EIC – hoje temos 10. Então, daqui há 2 meses, serão 100% dos meninos internados. E era uma coisa que antes de a gente estar abrindo não tinha. Na minha chegada, nos 2, 3 primeiros meses, a gente tinha 30% dos meninos na Escola.*

*Hoje são 100% na Escola de Informática do CDI. Temos Internet. Trabalhamos a conscientização na Internet. E tudo que a gente ensina para a comunidade, a gente ensina para os meninos.*

*A gente não faz o 'Mergulho na Comunidade'. A comunidade é que faz o 'Mergulho' no CRIAM!*

*A gente chama os meninos para estar conhecendo a realidade da comunidade e chama a comunidade para estar conhecendo a realidade dos meninos. A comunidade conhece a realidade de cada um, porque cada um é de um lugar diferente, e eles, como cada um vem de um canto, acaba conhecendo a realidade diferente dessa comunidade. E isso é um 'Mergulho na Comunidade'. E cabe a mim e ao W., identificar qual o assunto que a gente vai trabalhar com os adolescentes. E a gente está trabalhando isso com a ferramenta técnica.*

*Hoje o trabalho lá está sendo positivo, maravilhoso...*

*Hoje eu não sou mais o menino que ia para a escola e 'Aí, lá vai o menino infrator preso prá escola...'. Hoje eu venho andando pela comunidade e 'Aí professor, tudo bom...?' E é uma senhora varrendo o chão da casa dela na comunidade....*

*São coisas que eu fui conhecendo, assim, e para a minha vida hoje é uma coisa maravilhosa! E eu sou funcionário da 'Matriz' [referência à matriz-sede do CDI, na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Laranjeiras]. A 'Matriz' me contratou. Foi em janeiro desse ano, porque o recurso havia acabado. E teve o encontro da 'rede' [Rede CDI]. (...)*

*E sempre estar buscando resultados e mostrando números e estar comunicando as coisas positivas que a gente fez no CRIAM. E isso, você gera visibilidade na Escola. Gera uma coisa legal: conhece mais a realidade da Escola. E aí é convidado para o evento da 'rede' internacional, onde eu conheci o captador da Rede CDI, que é do*



*CDI Europa, de Londres, o M., e ele conheceu a minha história, e me disse: 'Vou fazer de tudo para estar captando recursos para você ficar no CDI'.*

*E ele captou recursos. E mandou para o CDI Matriz e o CDI me chamou e me contratou.*

*Sou funcionário do CDI. Tenho minha carteira assinada. E uma coisa nova para mim, ali na mesa de reunião com pessoas formadas na faculdade, com o mesmo nível ali comigo, foi uma coisa nova para mim.*

*E foi por isso que eu pensei em estar fazendo administração [faculdade de administração]. Eu acho que tenho essa facilidade de estar tomando decisões, de estar criando ideias inovadoras...*

*Porque é assim: eu sou apaixonado pelo CDI.*

*E o CDI Comunidade está dentro do CRIAM. E com a minha chegada, eu divido as tarefas com o W., que eram sobrecarregadas para ele, e estamos organizando novas turmas: abrindo turma de "excell" que não tinha. Curso de 'manutenção e montagem' que não tinha. E com novos equipamentos, a gente também pode abrir para a comunidade. E os equipamentos antigos a gente usa para o curso de 'montagem e manutenção'. (...)*

*E com a minha contratação pelo CDI, eu fui chamado a trabalhar no Instituto Central do Povo, na Gamboa, no centro da cidade. E para fazer o trabalho de educador nesse espaço. Em uma Escola que tem lá na Central. É uma instituição metodista. São pessoas evangélicas. Que já tem toda aquela comunidade do Morro da Providência, que atende o pessoal do Santo Cristo, Gamboa, Central. (...)*

*Eu acho que o que eu estou recebendo hoje, de estar dando entrevista, aparecendo na televisão, de estar conhecendo pessoas de outros lugares do mundo, de estar viajando, de estar sendo homenageado na frente de 300 pessoas, como já aconteceu no CDI, de estar contando a minha experiência de vida para pessoas já formadas e elas estarem se incentivando pra querer fazer mais e melhor, eu acho que é isso que paga. Dinheiro nenhum vai conseguir pagar essas coisas...*

*Eu estou feliz assim e vou estar mais quando fizer minha faculdade e estiver me formando...É só questão de tempo. (...)*

*Eu sou ambicioso pra caramba. Eu quero estar subindo, eu quero um dia dizer: "eu sou fulano de tal...". Eu sou educador e sei que existem tais e tais metas para alcançar tais objetivos. E hoje eu faço uma coisa importante no CDI que é ser educador no CRIAM e estar ajudando no ICP com os conhecimentos que eu já adquiri. E eu tenho a minha 'gordinha'... [sua filha de um ano].*

*Mas ano que vem... eu quero estar na faculdade!*<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Este depoimento foi concedido pelo educador no CDI Regional RJ, em 05 de junho de 2009.

## 4.8 Conclusão

Esta é a parte final de “*Inclusão Digital & Cidadania: O estudo do caso CDI*”. Nela pretendemos consolidar em dois temas, ‘*Inclusão Digital*’ e ‘*Cidadania*’, as conclusões referentes à abordagem das Escolas. As conclusões referentes aos itens ‘*Resultados*’ e ‘*Desigualdades*’, estaremos tratando, a seguir, em ‘*Conclusões Gerais*’, em uma análise crítica mais ampla. Portanto, passemos agora às conclusões sobre os temas ‘*Inclusão Digital*’ e ‘*Cidadania*’:

### ● **Inclusão Digital**

Iniciamos a presente abordagem a partir de uma retrospectiva mais ampla dos cursos de informática oferecidos pelas instituições parceiras do CDI, nas quatro Escolas visitadas.

À época dos levantamentos, a variedade da oferta de cursos se dava conforme o modelo adotado de Escola: “*EIC*” ou “*CDI Comunidade*”. Uma das “*CDI Comunidade*” visitadas, oferecia oficina de ‘*montagem e manutenção de computadores e design gráfico*’. A outra “*CDI Comunidade*”, além desses cursos, oferecia também um terceiro curso de ‘*elaboração de blogs*’. As Escolas tipo “*EIC*”, por sua vez, não ofereciam nenhum destes cursos citados, concentrando-se no curso básico de informática, disponibilizado por todas as Escolas CDI.

Os períodos de duração dos cursos não seguiam a padronização proposta pelo CDI (três meses), variando em torno de módulos de quatro a seis meses de duração; nem o número de educandos por turma recomendados (dez pessoas), que variava, então, de seis a doze pessoas por turma, atendendo adolescentes e adultos sempre, crianças e a geração da Terceira Idade, às vezes.

O aproveitamento da carga horária e dos recursos humanos disponíveis se dava sempre, no máximo do limite possível: em geral, de segunda a sábado, de 8:00 às 17:00, com dez a catorze turmas.

O curso básico durava até seis meses; ‘*montagem e manutenção de micro*’, quatro meses; e ‘*design gráfico*’, cinco meses – com poucas variações, no conjunto das Escolas visitadas.

Algumas Escolas cobravam de R\$ 5,00 a R\$ 10,00 por aluno, por mês. Das quatro Escolas, apenas uma recusava-se a cobrar, preferindo trocar a frequência ao curso por material reciclado (à época, óleo de cozinha).

As salas eram utilizadas em sua capacidade máxima de computadores - em sua maioria aparelhos reciclados, de memória restrita, mas todos conectados à Internet. Os espaços nem sempre estavam adequadamente iluminados, mas estavam sempre rigorosamente limpos.

Nenhuma das Escolas aplicava prova específica ou exigia nota de aprovação: ao longo das aulas, a partir do trabalho apresentado por cada educando, é que o educador acompanhava os resultados de aprendizagem. Se o educando estivesse apresentando dificuldades, os educadores promoviam um reforço individual ou o colocavam em uma nova turma. Ao final de cada módulo do curso, realizava-se uma avaliação geral dos trabalhos por turma.

O educando “*crítico*” que demonstrava interesse e resultados nas aulas com intervenções colaborativas, segundo os educadores entrevistados, personificava o ‘modelo ideal’.

A partir das entrevistas realizadas, gostaríamos de comentar alguns aspectos que consideramos os mais relevantes, entre prós e contras, para avaliar a meta da ‘*Inclusão Digital*’ nas Escolas CDI pesquisadas:

(1) Os educandos entrevistados foram unânimes em relação à ***boa qualidade do ensino da informática nas Escolas e o compromisso dos educadores com a proposta de inclusão digital*** – este aspecto positivo incidia diretamente sobre os resultados do projeto, a nosso ver, mantendo um ***nível adequado de interesse e aprendizagem do público alvo***. Por sua vez, todos ***os educadores entrevistados expressaram apreço pelo trabalho social e sentiam-se estimulados a continuar seus estudos***, em informática e outros, em especial para o alcance do terceiro grau. Neste sentido, mais da metade dos educadores de “EIC” e “CDI Comunidade” citaram, direta ou indiretamente, como fator inesperado e positivo, o ***aumento da autoestima***, o prazer de (re)ocupar um espaço na sociedade, perante parentes e amigos. Tal constatação favorável se reafirma através do depoimento dos ***coordenadores que reconheceram, de forma espontânea, tais atributos profissionais e pessoais em seus educadores***.

(2) Entretanto, as entrevistas demonstraram que alguns aspectos poderiam comprometer a manutenção do quadro acima relatado. Destacamos os de maior relevância: (a) Alguns coordenadores demonstraram *interesse em uma capacitação mais constante e rigorosa para seus educadores, por parte do CDI, em especial na linha pedagógica freiriana*. Neste sentido, afirmaram que a articulação entre os conteúdos de informática e cidadania, que faz parte da metodologia básica contida no “PPP”, exigia aos educadores aptidão pedagógica - sem possuírem formação para tal. Um outro agravante era a exigência de constante atualização de fatos e contextos. Ambas as exigências estavam prejudicadas pela realidade socioeconômica dos educadores. Em uma “EIC” visitada, a própria coordenadora da Escola havia assumido a capacitação de sua educadora. Na outra “EIC”, houve explícita reclamação das coordenadoras relativa à omissão do CDI neste aspecto. Em uma das Escolas “CDI Comunidade” não havia interesse dos educadores em comparecer aos eventos promovidos. Ou seja, das quatro Escolas visitadas, apenas uma delas não expressava descontentamento com o programa de capacitação de educadores das Escolas CDI, em algum grau. Corroborando estes elementos apurados, também constatamos, ao longo de nossa participação em um evento de capacitação de novos educadores, que alguns ‘passos metodológicos’ (pertinentes ao “Roteiro dos Cinco Passos”), já percebidos como de maior dificuldade para as Escolas, pelos gestores CDI, não foram especialmente ressaltados em sua complexidade e aprofundados com maior rigor. *Tais elementos, a nosso ver, constituem um ponto frágil e são sinalizadores da necessidade de revisão dos padrões adotados pela ONG no item ‘capacitação de educadores CDI’; e (b)* Outro aspecto presente nas entrevistas da maioria dos coordenadores e que nos parece bastante preocupante, diz respeito à *baixa remuneração dos educadores e à situação, nem sempre juridicamente adequada, de seus vínculos empregatícios com as Instituições parceiras*. Deste fato ressaltamos que alguns educadores recebiam seus proventos como “ajuda de custo pelo trabalho voluntário” ou “como estagiários, porque ainda estão estudando” – o que efetivamente não era compatível com sua prática funcional. *Tais arranjos, em nossa opinião, não contribuem para a autosustentabilidade das Escolas, na medida que não oferecem condições profissionais estáveis ou promissoras aos educadores.*

Cabe ressaltar, entretanto, que tais decisões gerenciais eram de responsabilidade direta das instituições parceiras e não produto de orientação do CDI – o que não isenta a Organização de uma intervenção mais incisiva, a nosso ver. Por outro lado, os educadores não expressaram insatisfação, concentrando suas falas nos aspectos positivos advindos da nova função.

(3) Continuando no tema da sustentabilidade das Escolas, verificamos que *parcerias colaborativas, espírito empreendedor e comprometimento com resultados nas comunidades eram os desafios que se apresentavam à autosustentabilidade da Escolas, na linha do modelo “CDI Comunidade”*. Porém, tais elementos ainda se encontravam, em três das quatro Escolas pesquisadas, em processo de evolução. A proposta do CDI de evolução das Escolas para o padrão da autosustentabilidade ancorava-se na capacidade das instituições parceiras de constituírem uma forte e, se possível, variada agenda de empresas para apoio em infraestrutura - sempre com foco na ampliação de sua base de prestação de serviços à comunidade. Nas quatro Escolas visitadas, independentemente do modelo adotado (“EIC” ou “CDI Comunidade”), existia interesse em *construir ou ampliar parcerias com empresas - meta, entretanto, de difícil consecução para três das quatro Escolas visitadas*. As parcerias constituídas com organizações privadas ainda não ofereciam, para essas três Escolas, uma relação profissional de trabalho, atuando com traços assistenciais ou apenas circunstancialmente, sem relações contratuais. Em um aspecto agravante, uma “EIC” encontrava impasses até para um diálogo mais franco sobre este tema com o CDI.

(4) A autosustentabilidade das Escolas era, portanto, uma meta ambicionada pelas instituições parceiras do CDI. Neste caso situava-se *o “Projeto CDI-Lan” - o qual estava nos planos de três das quatro Escolas visitadas*. Portanto, até uma das Escolas modelo “EIC” se organizava para tal, buscando uma parceria com o Estado e executando o planejamento dos recursos necessários à implantação do projeto. Vemos tal cenário como extremamente positivo. Demonstra que *as Escolas que pretendiam implantar o “Projeto CDI-Lan”, identificavam na proposta um caminho à autosustentabilidade desejada. E reconheciam com clareza as diferenças entre as lan houses estabelecidas e as que pretendiam implantar, ou seja, disponíveis ao*

*estudo e à pesquisa.* O foco social do “CDI Lan”, segundo o relatado, eram os educandos e os moradores das comunidades que não possuíam computador e utilizavam as *lan houses* do “CDI Comunidade”, principalmente, para: pesquisa escolar e de mercado; diálogo com o poder público; e elaboração de currículo para envio às empresas. ***A proposta estava, portanto, diretamente vinculada à questão da info-exclusão e ao combate às desigualdades socioeconômicas.*** Entretanto, os levantamentos realizados para a pesquisa apontaram que ***apenas uma das quatro Escolas visitadas (a “CDI Comunidade/ projeto piloto”) apresentava uma lan house em funcionamento nos padrões desejados:*** organizada (equipe própria de atendentes e monitores) e estruturada (sala específica) de forma adequada; aberta de segunda a sábado; cobrando valor acessível (R\$1,00 a hora); sem acesso a programas de jogos; e com grande assiduidade dos moradores da comunidade local. Interessante frisar, como resultado positivo desta experiência, que apesar de ainda não se apresentar autosustentável, já havia sido possível a esta “CDI Comunidade”, com os valores arrecadados através do projeto, adquirir novos aplicativos e melhorar os serviços disponibilizados à comunidade.

***(5) Fator de relevância para os resultados de inclusão digital, era a prática compartilhada (gestor CDI / coordenadores e educadores de Escola) de elaboração de materiais didáticos, via on-line.*** O CDI Matriz e o Regional RJ buscavam incorporar tais construções a partir dos grupos temáticos (‘Mundo do Trabalho’; ‘Público Infanto-juvenil’; ‘Saúde’; ‘Privação da Liberdade’; e ‘Comunicação e Cultura’) com vistas a instrumentalizar a Rede CDI. Em três das Escolas visitadas (eixos temáticos do ‘Mundo do Trabalho’ e ‘Público Infanto-juvenil’), a proposta era vista de forma estimulante, por coordenadores e educadores, para a operacionalização da metodologia voltada à ‘Informática e Cidadania’.

***(6) Uma dificuldade que incomodava coordenadores das quatro Escolas e principalmente seus educadores, era a evasão de educandos*** - fato que se repetia a cada nova turma, apesar da fila de espera para novas matrículas. Tal evasão era justificada pelos educandos através de fatores, tais como: sua súbita colocação no mercado de trabalho; problemas pessoais (em geral: “com quem deixar os filhos?”); e

eventuais dificuldades de acesso às Escolas (falta de dinheiro para passagem, tempo chuvoso etc.). Segundo coordenadores e educadores, a evasão não estaria ligada a resistências ou dificuldades com a metodologia. Entretanto, não se chegara a um consenso, aceitando serem verídicas as alegações dos educandos. Como prática comum aos educadores, sempre que algum educando faltava mais de uma vez consecutiva, se fazia um contato telefônico. ***Como um ponto positivo neste cenário, as quatro Escolas tinham um posicionamento claro em relação ao problema, no sentido de não se acomodar ao fato e sempre buscar soluções para cada um dos casos, visando preservar a continuidade do aprendizado.***

(7) Encontros periódicos entre gestoras do CDI e coordenadores /educadores das Escolas sob sua assistência, também auxiliava na busca de saídas aos problemas surgidos no dia a dia, conforme o acima citado. ***O trabalho de apoio às Escolas visitadas, via gestoras do CDI, nos parece de importância vital para o padrão positivo dos resultados obtidos.*** Para um modelo em evolução que se proponha compartilhado e (re)construído a partir das vivências de parceiros e público alvo, a assessoria da Organização, *in loco*, aponta para um caminho de eficácia. Entretanto, ***ainda eram poucas ‘gestoras CDI’ para o número de Escolas assistidas no Rio de Janeiro***, firmando uma média de trinta Escolas por profissional. Tal correspondência dificultava uma assessoria mais frequente. Neste sentido, uma das coordenadoras de “EIC” queixou-se de *“abandono pelo CDI por mais de um ano”*.

(8) ***Dentre os aspectos decisivos para o sucesso da proposta de inclusão digital nas comunidades, estava a relação de proximidade que se estabelecia entre a Escola (coordenadores e educadores) e as famílias e amigos dos educandos.*** Na perspectiva de se integrarem às comunidades do entorno e promoverem o trabalho de inclusão digital e de prestação de serviços, as Escolas ***“CDI Comunidade”*** realizavam solenidades de formatura, com a presença das famílias e a distribuição de certificados de conclusão dos cursos. E a partir do retorno que obtinham desta proximidade buscavam, cada vez mais, integrar-se à vida local. ***Infelizmente, os levantamentos não apontaram este mesmo procedimento nas “EICs” visitadas.*** Possivelmente, pela cultura institucional já consolidada através de vários anos de

existência da organização parceira no bairro. Mas no foco da 'Inclusão Digital', percebemos um prejuízo para o fortalecimento da proposta CDI que poderá, eventualmente, enfraquecer-se na comunidade frente a tantos outros cursos oferecidos por tais instituições.

(9) Com o objetivo de atender as necessidades das comunidades, o esforço das Escolas visitadas, segundo os coordenadores, estava mesmo concentrado no '*Mundo do Trabalho*', já que a grande maioria dos educandos tinha expectativas de gerar renda através do aprendizado da informática, independente da faixa etária (adolescentes, adultos e idosos). *Como resultado positivo, a unanimidade de depoimentos destes coordenadores apontava para as diferenças percebidas, na maior parte de seus educandos, no que se refere às expectativas e planos de mudanças, no setor profissional, após concluídos os cursos.* Entretanto, apesar das orientações do CDI, *não havia um acompanhamento sistematizado para confirmação de tais resultados – em geral, segundo os coordenadores entrevistados, por carência de pessoal para a função.* Os resultados aferidos eram constatados, a maior parte das vezes, através dos próprios educandos que retornavam às Escolas para comunicar à equipe a “*novidade boa*” do emprego conquistado.

(10) Ao longo das entrevistas, os educandos também foram questionados em relação a sua compreensão sobre o tema '*Inclusão Digital*'. *Suas respostas nos levaram à conclusão da crescente importância, em suas vidas, do uso das TICs para além do mercado de trabalho, ou seja, também englobando o estudo, o lazer e as atividades cotidianas.*<sup>49</sup> Muito interessante também, foi descobrir *a percepção dos educandos sobre 'Inclusão Digital' como algo que supera 'ter um computador' e/ou 'conhecer programas de informática', privilegiando o acesso amplo e veloz aos conteúdos da Internet* – o que nos remete à atualidade da problemática da '*Info-exclusão*' (Castells, 2004), da qual tratamos nesta pesquisa.<sup>50</sup>

<sup>49</sup> As respostas dos educandos sobre seu entendimento em relação à expressão '*Inclusão Digital*', encontram-se neste capítulo "*Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI*".

<sup>50</sup> Conceito abordado nesta pesquisa no capítulo "*Conhecimento Tecnológico e Informação - a Era da Sociedade Informacional*".



(11) Antes de terminarmos a avaliação do item *‘Inclusão Digital’*, gostaríamos de ressaltar um aspecto que nos chamou a atenção, em especial, ao longo das entrevistas junto aos coordenadores das Escolas: *persistia uma tendência, fosse “EIC” ou “CDI Comunidade”, em graus diferenciados mas sempre presente, de independência destes atores nas práticas pedagógicas e gerenciais, nas Escolas, em relação à orientação geral do CDI*. Na verdade, não consideramos tal posição de independência como algo decididamente *negativo*, mas sim, *bastante preocupante*. Não a avaliamos negativamente, considerando o depoimento de profissional do CDI que nos indicou que o sistema de trabalho implantado também se alimentava dos conteúdos criados a partir das práticas em sala de aula – o que estaria sendo, para a ONG, essencial em seu processo de se *“reinventar”*.<sup>51</sup> E também em função das entrevistas com os coordenadores, que se manifestaram sobre a necessidade de um espaço aberto às Escolas para algumas adaptações de conteúdo programático. Entretanto, nos parece bastante preocupante o fato de que *havia uma proposta político pedagógica do CDI (o projeto “PPP”) que se expressava através do “Roteiro dos Cinco Passos” – o qual não estava sendo seguido pelas Escolas. Tal proposta não se esgotava na articulação ‘Informática e Cidadania’, mas se dirigia a uma perspectiva mais ampla de transformação social.*<sup>52</sup>

A partir deste cenário, gostaríamos de fazer algumas colocações.

Concluimos ser muito importante que o CDI continue a investir, com maior frequência e rigor de resultados, na capacitação pedagógica e cultural dos educadores - independentemente de seus resultados satisfatórios em sala de aula. Da mesma forma, para uma crescente qualificação dos coordenadores, tendo em vista a criteriosa implantação do *“Roteiro dos Cinco Passos”*.

De acordo com as entrevistas realizadas, verificamos que quanto maior for a participação do CDI em apoio consultivo e operacional às Escolas, maior será a capacidade técnica de coordenadores e educadores para operacionalizar o *“Roteiro dos Cinco Passos”*. Importante frisar que o *“Roteiro dos Cinco Passos”* não é, de forma alguma, de fácil implantação. Apesar dos nomes sugestivos, indicativos de

<sup>51</sup> Esta referência está explicitada no capítulo *“Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI”* no item *CDI: Histórico*.

<sup>52</sup> Trataremos esta assertiva, de forma mais detalhada, a seguir, em *“Conclusões Gerais”*.

uma prática operacional de fonte criativa (*‘Ler o Mundo’; ‘Pesquisar os Dados’; ‘Projetar a Ação’; ‘Mobilizar para Agir’; e ‘Avaliar o Caminho Percorrido’*), tal roteiro exige conhecimentos básicos da lógica de sistematização de projetos sociais. Neste sentido, à época dos levantamentos, coordenadores e educadores das Escolas CDI visitadas não apresentavam tal perfil técnico.

(12) Finalmente, quanto aos **resultados de aprendizagem da informática nas Escolas**, a melhor forma de sintetizá-los é trazendo algumas percepções, de ordem prática, **por parte dos próprios educandos**. São conteúdos de força expressiva que se integram às nossas observações *in loco*; condensam os depoimentos de coordenadores e educadores; e que consideramos representativos do conjunto dessa categoria.<sup>53</sup>

*Eu já estou usando [a informática] no meu trabalho. Eu fiz um trabalho agora de artesanato, com times de futebol. São camisetas com os times dos pais para o colégio. Então eu pesquisei como fazer as camisetas pela Internet. **Vendi tudo!***

.....  
*Eu quero ser escritor e eu escrevo todo dia. Me ajudou [o aprendizado da informática] até pelo **modo de me expressar em relação à ‘cidadania’** e aí eu **pude ter uma visão**.*

.....  
*Quando eu entrei na Internet depois do curso, foi completamente diferente. Eu via a Internet de maneira diferente. **Antigamente, Internet pra mim era só diversão – mais nada!** Hoje em dia não, hoje em dia eu já vejo a Internet como ferramenta pra pesquisa escolar, suporte técnico pra computador e assim por diante. Mas também tem o joguinho: o que você procurar, você acha.*

.....  
*Quando se tem um computador e sai da cultura a informação que o computador lhe traz, você pode ler um livro no computador, pesquisar pelo computador, **você cria uma antropologia no computador**. A nossa informação é muito travada pelos nossos governantes.*

.....  
*Todo mundo pode ter um computador, parcelar em 20 vezes e ter em casa. Pra quê, se a pessoa não tem cultura dentro de casa? Pra ser subutilizado. **Então, se aprende aqui pra virar para o lado cultural da informática**. Eu estou fazendo o curso pelo lado cultural, pra deixar de ser subutilizado.*

.....  
*Aqui [na Escola] **eu estou trazendo a cultura para o lado da informática**. Antigamente, eu chegava em casa e ficava jogando e falando no Orkut. Hoje não. **Hoje eu faço trabalhos**.*

<sup>53</sup> Desta forma, estes são apenas alguns dos recortes de falas que constam como conteúdos do capítulo “*Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDF*”. Os grifos visam chamar a atenção para a singularidade de expressão dos resultados.

.....

*Quando peguei a 1ª.vez em um computador eu tremi! Agora eu já estou bem: já escrevo uma carta, graças a deus! [Ela nunca tinha tocado em um computador] **Quando alguém não sabe entrar [na Internet] eu vou lá e ajudo.***

.....

*Cada curso que eu faço sempre me surpreende um pouco: **vai além do que eu esperava.***

.....

*Eu gosto é das redes [de relacionamento]: Orkut... É que eu tenho 14 anos e estou começando a sair um pouco mais de casa...Sempre tem alguma coisa prá fazer, o pessoal se empolga e chama...**E se tem festa na comunidade, o pessoal já me pergunta e eu tenho que saber.** (...)*

*Eu uso muito [Internet] para o suporte técnico do computador. Às vezes dá problemas com o sistema, com as placas internas...**Sempre tem também alguém que deixa um artigo, eu vou lá e dou uma lida.***

.....

*Melhorou [o dia a dia] porque **eu uso agora muito no trabalho.***

.....

*Agora que eu aprendi, eu chego em casa e começo a mexer, **meu marido fica rindo**...às vezes eu fico até chateada que eu acho que ele está zombando. (...) **Eu uso para falar com a minha família, que é toda de Rondônia.** (...) **Meus filhos acham muito legal** [que eu saiba usar o computador].*

.....

*Já vejo diferença, os meus primos me pedem uma força prá consertar o computador deles; **já ganhei dinheiro com a galera de casa - prá começar por baixo mesmo!** [risos].*

*[E quanto você cobra prá consertar ?]*  
**80 reais é a base de preço que eu cobro e o pessoal daqui [Escola] cobra também**  
*Aqui tem uma cooperativa, tem os professores e alguns alunos também. Aí a galera vem prá cá, sempre aparece computador prá gente fazer e a gente faz.*

.....

*Um dia cheguei na casa da minha filha, ela morava perto de mim naquela época, e ela estava no quarto dela, on-line, e não falou comigo. **Se eu estivesse on-line, ela falaria, entendeu?***

.....

*Prá mim o computador [com Internet] **vai ser um prazer poder fazer uma pintura** – eu pinto com lápis, com tinta, com tudo!*

.....

*E vou poder acompanhar até o meu processo que corre na justiça, sem precisar de ninguém.*

.....

*Através do CDI eu já tenho a minha lojinha de informática.*

[Mas você não tinha uma pizzeria?]

*Tinha, mas aí **passei a trabalhar com a informática com montagem e manutenção.***

[E você está se dando bem, melhorou a renda?]

*Graças a Deus! Mas ainda está um pouquinho apertado porque faz pouco tempo, no início é só investir. **Estou satisfeito e a cada dia estou aprendendo mais, estou aqui todo o dia para aprender!***

.....

*Eu mando o retrato dos netinhos para os amigos distantes.*

.....

*Eu achei um caminho e abri uma porta. Minha vida vai mudar!*

.....

Finalmente, nos sentimos aptos a concluir, relativo ao item **INCLUSÃO DIGITAL** que, para além do aprimoramento que se faça necessário, **100% das Escolas CDI visitadas - seja “EIC” ou “CDI Comunidade” - estavam, efetivamente, capacitando um educando, leigo, ao uso autônomo da informática. E ao longo do aprendizado da informática, os educandos ainda eram introduzidos ao uso inovador que a Internet pode propiciar no acesso e uso de bens culturais e informações - a eles ainda restritos por circunstâncias socioeconômicas.** Esta aferição se apresenta de forma mais nítida no item *‘Cidadania’*, em seguida analisado.

#### ● Cidadania

**(1) A partir dos depoimentos de coordenadores, educadores e educandos nas variadas abordagens sobre o tema ‘cidadania’, chegamos à conclusão que as quatro Escolas visitadas, através de elementos metodológicos inspirados no educador Paulo Freire, estimulavam os educandos à reflexão crítica e à ação cidadã.** Isso significa que mesmo não seguindo o “Roteiro dos Cinco Passos” – muitas vezes sequer adotando o “Mergulho na Comunidade” – as Escolas visitadas, seja “EIC” ou

“CDI Comunidade”, alcançaram os seguintes resultados relativos ao tema abordado:<sup>54</sup>

(a) As entrevistas nos demonstraram que as Escolas visitadas passaram aos educandos um *conceito mais amplo de ‘cidadania’*, vinculando-o aos *direitos civis* (liberdade de credo e de etnia; liberdade de pensamento; de circular livremente em sua comunidade); aos *direitos sociais* (direito à coleta do lixo e saneamento da comunidade, como parte dos direitos à saúde pública; direito equânime à qualidade de vida); e aos *direitos políticos* (votar e cobrar trabalho, àqueles em quem votou); (b) e as Escolas também levaram, aos seus educandos, *a perspectiva de integrar esta visão mais abrangente de ‘direitos de cidadania’ ao ‘dever’ de tentar mudar as realidades que prejudicavam a todos na comunidade*. Neste sentido, indicando sempre a opção por ações formais e coletivas, dirigidas ao poderes públicos (Estado) ou às Associações de Moradores locais (Sociedade Civil Organizada). Nessa perspectiva de mudança social, ainda estimulando a ação de cidadania através de apoio voluntário à Escola e/ou à comunidade local. Desta forma, as Escolas CDI possibilitaram aos seus educandos (c) *refletir sobre de que forma ‘ser cidadão’ também implicava em buscar harmonizar-se “com o próximo”; conviver com as diferenças de forma respeitosa; comunicar-se com a sociedade e com o Estado; acolher necessidades de outros para além dos interesses próprios imediatos*; e (d) inspiraram-lhes a construção de um novo olhar, no qual *‘criticar’ não significa ‘julgar’ - separando o julgamento às falhas humanas (de ordem moral) da crítica de cunho político (de ordem cidadã)*.

(2) Apesar da ênfase nas ações de ordem cidadã, *o trabalho voluntário não estava estruturado em três das quatro Escolas visitadas*, à época dos levantamentos. Desta forma, somente uma das Escolas “CDI Comunidade”, em uma experiência à época recente, buscou organizar um projeto de voluntariado. Neste sentido, a coordenadora estimulou, através de palestras, a adesão de ex-educandos ao trabalho voluntário na Escola; definiu um gestor para dar orientações e acompanhá-los; e ainda promoveu treinamento nas novas funções. *E ainda utilizava-se, nas quatro*

<sup>54</sup> Aqui apenas consolidamos os depoimentos apresentados no capítulo “*Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI*”. Neste sentido, os conteúdos entre parênteses representam os pontos mais mencionados ao longo das entrevistas com educadores e educandos.

*Escolas visitadas, a categoria 'voluntário' de forma equivocada*, ou seja: (a) para redução dos custos de salários de educadores; (b) para integrar ex-educandos como 'monitores', com o objetivo de se capacitarem para atuar como futuros educadores; e/ou (c) para integrar uma nova função de 'atendente de *lan house*', sem inflacionar a folha de pagamentos da Escola. Como mais um exemplo, o depoimento de uma coordenadora de "EIC" que planejava estruturar o "Projeto CDI-Lan" com *mão de obra vinculada ao cumprimento de penas alternativas da Justiça Federal* – a qual pretendia denominar de 'trabalho voluntário'. **Portanto, o trabalho voluntário era (mal) pensado apenas como forma de suprir as carências financeiras e de pessoal das Escolas.** Apesar de o CDI Matriz já ter acumulado uma larga experiência com o apoio voluntário de universitários estrangeiros no Brasil, assim como, de Programas de Voluntariado de empresas parceiras, sua linha de ação junto às Escolas não era de estímulo à montagem de equipes de voluntariado, mas de inserção profissional de jovens das comunidades. Portanto, a pesquisa de campo nos demonstrou que *as Escolas CDI ainda se encontravam distantes de um entendimento correto do que consiste, efetivamente, o 'trabalho voluntário' e de como utilizá-lo de forma adequada a seu favor.* Neste sentido, não havia qualquer reflexão nas Escolas sobre a função do trabalho voluntário na sociedade e em uma entidade social; assim como, não havia compreensão em como compatibilizar as necessidades institucionais com as expectativas pessoais do voluntário. Isso, dentre tantas outras especificidades que conformam a singularidade das ações do voluntariado e exigem uma gestão especializada.

(3) Relativo ao tema objeto desta pesquisa, '*CIDADANIA DIGITAL*', o levamos à compreensão dos entrevistados que, na vivência cotidiana dessas práticas, acrescentaram suas visões às nossas observações de campo. Como resultado, do ponto de vista de coordenadores, educadores e educandos,<sup>55</sup> surgiram as seguintes considerações sobre o que compreendiam por '*Cidadania Digital*': (a) **Formar uma**

<sup>55</sup> As opiniões dos entrevistados a respeito do significado do termo '*Cidadania Digital*', encontram-se no capítulo "*Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI*", neste trabalho.

*consciência de cidadania para o uso adequado dos conteúdos da Internet,*<sup>56</sup> no sentido do melhor proveito, pessoal e coletivo, do mundo digital; e *(b) A aprendizagem e o acesso às TICs como um direito de cidadania.* Reflexões, a nosso ver, reunidas em seu conjunto, de forma objetiva e pedagógica, na fala da coordenadora do CDI Comunidade da Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, qual seja:

*“CIDADANIA DIGITAL” é você usar a ferramenta para a questão da cidadania. Usar a ferramenta para você ajudar outra pessoa; usar a ferramenta para a pesquisa; para a construção da própria metodologia.*

*A vivência das aulas vem da teoria. A gente usa a teoria do Freire para alinhar a nossa prática pedagógica.*

Concluimos, com base em nossas avaliações e nas contribuições coletadas nas Escolas CDI, que *‘CIDADANIA DIGITAL’ traduz-se por uma prática pedagógica para a inclusão digital que se inspira em Paulo Freire, usando as TICs para promover a consciência de cidadania e combater as desigualdades sociais.*

Se *‘combater as desigualdades sociais’* não foi explicitamente citado nos depoimentos, foi extensamente afirmado por coordenadores, educadores e educandos, em seus relatos de *‘transformação de vida’*, conforme vimos neste trabalho.<sup>57</sup> E é sobre isso que refletimos o tempo todo nessa pesquisa, sobre como combater as desigualdades a partir de uma proposta de ação educacional que visa disponibilizar novos caminhos para a inclusão social a largas margens da população brasileira – questão que a emergência das TICs aguçou, de forma premente. Portanto, a *“Cidadania Digital”* entendida como uma proposta de educação complementar e utilizada enquanto método replicável de inclusão digital, nos oferece a perspectiva de combater as desigualdades sociais. E sem a articulação *‘Informática e Cidadania’* no processo de aprendizagem, possivelmente não haveria um entendimento de vincular informática à pesquisa, ao estudo, ao direito de aprender através do acesso autônomo

<sup>56</sup> Os exemplos citados, pelos entrevistados, sobre o uso crítico dos conteúdos disponibilizados na Internet, relacionam-se com muitos dos *‘desafios’* que abordamos no capítulo *“Conhecimento Tecnológico e Informação - a Era da Sociedade Informacional”*.

<sup>57</sup> Nos referimos, em especial, aos depoimentos contidos no capítulo *“Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDF”*.

à informação, às intervenções em assuntos de ordem privada e pública, através da Internet.

Finalmente, nos sentimos aptos a concluir, em relação aos itens **‘INCLUSÃO DIGITAL’** e **‘CIDADANIA’**, que os educandos das Escolas CDI (seja “EIC” ou “CDI Comunidade”), através do método pedagógico inspirado em Paulo Freire que articula ‘Informática e Cidadania’: *(a) tornaram-se aptos ao uso das ferramentas digitais; (b) agregaram novas percepções críticas e novos questionamentos relativos à ampla extensão que o tema da ‘Cidadania’ pode possibilitar; (c) alargaram suas chances de inserção no mercado de trabalho; e (d) fortaleceram suas identidades no âmbito de seu interesse, seja profissional, familiar e/ou social.*